

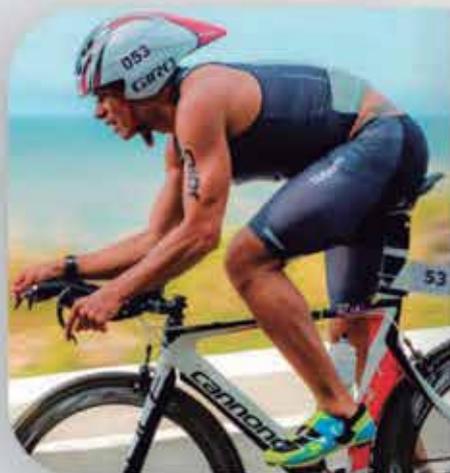
FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS  
EM 27 DE MARÇO DE 1949

# Correio das Artes

Agosto 2015 – ANO LXVI Nº 6

## Artes de Orfeu

Quis o argonauta que o “menestrel” Virginius da Gama e Melo saísse da vida para tornar-se imortal, tocando sua lira de ouro na *Arca de sonhos* do intrépido capitão Biu Ramos



O Sesc, mantido e administrado pelos empresários do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, visa o bem-estar social dos trabalhadores do terceiro setor, seus familiares e dependentes. Mas o público atendido pelo Sesc é muito maior. Abrange também as populações da periferia de cidades de pequeno, médio e grande porte, que são assistidas pela entidade através de parcerias com o poder público e empresas privadas.

• Educação • Saúde • Cultura • Lazer • Assistência •



## Vida e arte

O professor, escritor e crítico de literatura Virginius da Gama e Melo era um dos intelectuais mais queridos e admirados da cidade de João Pessoa. Apelidado de “Menestrel”, reunia em torno de sua figura singular a fina flor da boemia, notadamente entre as décadas de 50 e 60 do século passado.

Virginius foi o mentor intelectual de uma geração que marcou época nas tertúlias realizadas nas mesas de templos da boemia pessoense, a exemplo da Sorveteria Canadá, Churrascaria Bambu e Cassino da Lagoa, o primeiro no Ponto de Cem Réis e os dois últimos, no Parque Sólón de Lucena.

O “Menestrel” não vivia apenas de sonhos, haja vista ser adepto da teoria e prática. Comentou os livros de muitos escritores, em resenhas memoráveis, mas criou também obras de ficção e análise, de que são exemplos *Antago-*

**Virginius foi o mentor intelectual de uma geração que marcou época nas tertúlias realizadas nas mesas de templos da boemia pessoense, a exemplo da Sorveteria Canadá.**

*nismo e paisagem, Caxias, A modelação, Os seres, Tempo de vingança e A vítima geral.*

O jornalista e escritor Severino Ramos - que conquistou fama nos meios jornalísticos como Biu Ramos - integrou a *entourage* boêmia de Virgi-

nus. Em seu primeiro livro, *Arca de sonhos ou Mocidade e outros heróis*, Biu registrou alguns dos melhores momentos passados na companhia do Menestrel.

No primeiro dia do mês de agosto deste ano, amigos, entre eles Biu Ramos, lembraram o quadragésimo aniversário da morte de Virginius e prestaram suas homenagens ao Menestrel. O fato foi notícia no jornal **A União**, e volta a receber agora o merecido destaque, nesta edição do *Correio das Artes*.

Já o *Arca de sonhos*, que guarda em suas páginas alegres memórias de Virginius, foi lançado por Biu Ramos há exatos 30 anos. A data suscitou, também, um amplo registro jornalístico no *Correio das Artes*. A vida e a arte, com suas belas e estranhas relações, estão assim celebradas no suplemento de **A União**.

O Editor

## ♦ índice



4

### VIRGINIUS E BIU

Reportagens abordam os 40 anos da morte de Virginius da Gama e Melo e os 30 anos de lançamento do livro *Arca de sonhos*, do jornalista Biu Ramos.



16

### DÔRA LIMEIRA

O jornalista Linaldo Guedes e o professor José Mário da Silva rememoram a história de vida e o legado literário da escritora Dôra Limeira.



49

### SÉRGIO TAVARES

O escritor Sérgio Tavares, autor de *Cavala* (vencedor do prêmio Sesc de Literatura 2009), estreia no *Correio das Artes* com o conto "A vida de Lucélia Santos".



54

### RONALDO CAGIANO

"Travessias". Este é o título do conto, cedido gentilmente, para publicação no *Correio das Artes*, pelo escritor e tradutor Ronaldo Cagiano.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora  
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB  
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510  
Redação: 3218-6509/9903-8071  
ISSN 1984-7335  
editor.correiodasartes@gmail.com  
<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional  
Luis Tôrres  
Superintendente  
Albige Fernandes  
Diretor Administrativo  
Murillo Padilha  
Câmara Neto

Diretor Técnico  
Walter Galvão  
Diretor de Operações  
Gilson Renato  
Editor Geral  
Walter Galvão

Editor do Correio das Artes  
William Costa  
Supervisor Gráfico  
Paulo Sérgio de Azevedo  
Editoração  
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa  
Domingos Sávio  
Ilustrações e artes  
Domingos Sávio, Tonio e Livia Costa



# Virginius da Gama e Melo

## 40 ANOS SEM O "MENESTREL"

**Linaldo Guedes**  
linaldo.guedes@gmail.com

**P**ara muitos que o conheceram de perto, Virginius da Gama e Melo, o "Menestrel", é considerado uma das maiores expressões dos meios intelectuais e literários paraibanos. Faleceu há 40 anos, em 1º de agosto de 1975, mas até hoje amigos da época lembram-se de sua figura elegante, sempre de paletó, geralmente branco, com o lenço combinando com a gravata. Não foi apenas uma referência literária. Foi também um boêmio na mais completa acepção da palavra e liderava as mesas da Sorveteria Canadá, no Ponto de Cem Réis, e da Churrascaria Bambu, na Lagoa do Parque Sólon de Lucena, em João Pessoa.

Virginius lançou diversos livros, mui-

tos deles premiados. Entre eles, *Antagonismo e paisagem*, *Caxias*, *A modelação*, *Os seres*, *Tempo de vingança* e *A vítima geral*. Depois de morto, teve várias obras lançadas também.

Os 40 anos da morte de Virginius da Gama e Melo foram lembrados por amigos do escritor e crítico literário na Paraíba. Wills Leal, por exemplo, lamenta o desprezo dado ao sobrado do antigo presidente Gama e Melo, onde nasceu Virginius, "do qual só restam a parede frontal destelhada e mal sustentando a plaquinha desse registro pendente de dois dos quatro pinos enferrujados que a sustentam", protestou. ▶

► A historiadora Lourdinha Luna, que foi secretária do escritor e ministro José Américo de Almeida, lembra com riqueza de detalhes o falecimento de Virginius: “Manhã de 2.8.1975, um telefonema, cedinho, do cineasta Paulo Melo avisava que Virginius da Gama e Melo havia partido para a esfera sideral. Comuniquei a José Américo o triste acontecido e ele me convidou a ir ao velório que acontecia em sua casa, no Roger. Ao chegarmos à Rua Prof. Batista Leite, cumprimentamos as tias do falecido e chamou minha atenção, a dor exibida nas faces de Paulo Melo e Edvanda Cândido, ambos apoiados em uma parede tinham os olhos fixos no cadáver. Lá encontramos o governador Ivan Bichara com quem José Américo lamentou a desventura da cultura literária paraibana ao se desfazer do crítico de renomado valor. Disse-lhe o Ministro: ‘Você, Ivan, poderia substituí-lo, mas emigrou de sua vocação para a política.’ Nem sabia o ministro que estava em gestação o talento que iria suceder Virginius, na análise dos textos produzidos pelos escritores da Paraíba e do Brasil, o ilustre acadêmico da APL professor Hildeberto Barbosa Filho. São passados 40 anos do episódio que entristeceu a intelectualidade paraibana”.

Apontado como sucessor de Virginius no terreno da crítica por Lourdinha Luna, Hildeberto esclarece que não chegou a conhecer o autor de *Tempo de vingança* pessoalmente. “Acabara de chegar à cidade de João Pessoa, ainda muito jovem, para fazer o curso de Direito, quando Virginius faleceu, salvo engano, no dia 1º de agosto de 1975”, recorda.

Para Hildeberto, a presença de Virginius no meio literário local foi simplesmente seminal e fundante, uma vez que toda uma geração de escritores, intelectuais e artistas aglutinou-se em torno de sua figura catalisadora, a receber uma espécie de magistério espontâneo e livre dos artefatos acadêmicos,



*A presença de Virginius no meio literário paraibano foi ‘seminal e fundante’, na opinião de Hildeberto Barbosa Filho*

dentro do campo sempre aberto da vida cotidiana e boêmia da cidade.

“Cronista da vida cultural, romancista histórico, couser inimitável e, sobretudo, crítico literário genuíno, deixou páginas relevantes acerca de alguns escritores brasileiros, a exemplo de José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Josué Montello e Olavo Bilac, a quem, em especial, dedicou um ensaio de cunho exegético e estilístico dos mais fecundos. Seu melhor ensaio crítico, no entanto, é o que aborda a paisagem telúrica do romance de Zé Lins e que acom-

panha o romance *Pureza* como introdução emblemática às suas diversas edições”, analisa.

Hildeberto acredita que Virginius realizou, provavelmente pela primeira vez, a contextualização da literatura paraibana em meio à esfera mais larga da literatura brasileira, e, ao lado de Juarez da Gama Batista, se solidificou como um dos eminentes críticos literários do Nordeste. “A boêmia consistia também numa dimensão estética, lúdica e literária de sua personalidade como uma extensão de sua cátedra universitária que se configurava, também, nas mesas de bar e ao sopro dos primeiros chamados das madrugadas acesas do Bambu”, observa. Respondendo a Lourdinha Luna, Hildeberto diz que não se considera substituto do menestrel: “Certas figuras desaparecem e deixam seu espaço sempre vazio. Também me considero boêmio, também me considero crítico literário, porém, nossos universos cognitivos e psicológicos são diferentes no tempo e no espaço, embora alguma coisa tácita possa nos irmanar no profundo e visceral amor à coisa literária”.

Hildeberto entende que Virginius não deixou seguidores. “Admiradores, sim, porque seu jeito e sua generosidade fascinavam os que o cercavam nas noites de debates públicos, à beira vida e à beira bares. Fico feliz em, entre outros, cultivar a sua memória e estudar o seu legado interpretativo. A ele dediquei um estudo intitulado ‘Notas à margem da crítica em Virginius da Gama e Melo’, inserido no meu livro *As ciladas da escrita: aspectos da literatura na Paraíba*, de 1999. Ali, eu tento descortinar seu método particular de leitura, suas bases teóricas e seus objetos preferidos. Mas não esgotei suas ofertas ensaísticas e estudiosas. Sempre leio e releio seus textos com prazer. Virginius é um crítico com o qual se aprende muito a respeito dos sortilégios peculiares à arte literária”, sublinha o crítico. ►



# ▶ REITOR DA UNIVERSIDADE CHURRASCARIA BAMBU



Churrascaria Bambu,  
no Parque Sólton de  
Lucena (Lagoa)

Autor do livro *Academias de bambu – Boêmia e intelectualidade nas mesas de bar*, fruto de tese acadêmica, o jornalista Phelipe Caldas defende que Virginius da Gama e Melo era um dos boêmios mais festejados de seu tempo. Até porque era um boêmio na essência da palavra. “Bebia todos os dias (menos nos finais de semana, já que, nestes momentos, os bares se enchiam de amadores) e tinha uma incrível capacidade de congregação em torno dele outros intelectuais. Se tratamos a Churrascaria Bambu como uma espécie de ‘universidade de calçada’, ele certamente era o reitor da Bambu. E esta não é uma referência meramente poética. Existem relatos de que os debates em sua mesa no bar eram verdadeiras aulas literárias. E ele liderava tanto os homens de sua geração como os mais novos, da Geração Sanhauá, por exemplo, que ainda no início da vida literária tentavam sorver o que ele tinha a oferecer. Um outro detalhe: a Churrascaria Bambu sempre foi o seu reduto boêmio preferido, e, curiosamente, Virginius morreu apenas dois anos depois da morte do bar”, relata Phelipe.

Em seu trabalho, Phelipe defende que os bares, principalmente em tempos de pouca liberdade política, transformam-se em pontos de resistência, ilhas de democracia, redutos de saberes que são combatidos pelos opressores. “É exatamente este cenário que nós temos em João Pessoa naquela época. Repressão política, pouca liberdade e opositores sendo presos. A resistência se forma, assim, nos bares. E a Bambu sempre foi a favorita. Três fatores favorecem a Bambu neste ponto: sua localização central, seus preços mais acessíveis (em comparação ao Cassino da Lagoa, por exemplo) e seu tamanho físico. Como era um espaço grande, que ocupava boa parte dos bambuzais da Lagoa, conseguia abarcar todas as tribos”, historia.

Phelipe explica que, do ponto de vista da formação cultural, a Bambu servia como um ponto de convergência para os intelectuais. Eram tempos de dispersão, muito

por causa da situação política, e a Bambu era o ambiente comum deles. O local onde eles se reuniam. Onde eles existiam como conjunto. Alguns dos principais intelectuais da cidade frequentavam o bar. Incluindo muitos jovens, escritores, que se tornariam célebres no futuro. Toda a Geração Sanhauá se formou na Bambu. E muitos de seus livros foram escritos nas mesas da Bambu. Nomes como Marcos dos Anjos, Marcos Tavares, Marcos Vinícius, Anco Márcio, Sérgio de Castro Pinto, Antônio Serafim e Ponce de Leon foram gestados como escritores no local, segundo Phelipe.

Ainda segundo o autor de *Academias de bambu*, Virginius da Gama e Melo era bastante respeitado pelos seus contemporâneos e idolatrado pelos mais jovens, muitos de seus alunos que lhe acompanhavam até o bar. “É aí tem uma questão curiosa. Os mais novos, já ‘fazedores de cultura’, buscavam certo reconhecimento dele, o que nunca aconteceu. Marcos Tavares, na época da minha pesquisa, chegou a confessar que cada livro publicado pela Geração Sanhauá era seguido de frustração. Porque eles esperavam alguma crítica de Virginius, que escrevia em jornais, mas ele nunca reservou seu tempo e seu espaço no jornal para falar dos mais jovens. Isto gerou mágoas. Era como se Virginius ainda não os visse como escritores e os mais jovens não recebiam isto muito bem. Mas esta era uma mágoa que nunca foi levada para as mesas da Bambu. Nunca houve um contraponto público do grupo a ele. E mais: a mágoa, talvez, é prova maior do respeito que ele possuía com os demais autores. Afinal, as pessoas só querem ser vistas por quem vale a pena. A mágoa silenciosa, portanto, jamais abalou sua figura central na Bambu”, ressalta.

No livro, Phelipe Caldas faz, ainda, uma análise comparativa sobre quem foi Virginius no bar e quem se tornou Virginius com o tempo. “É curioso ver que ele era o mais

festejado intelectual de seu tempo, comparado com vultos de nossa literatura, como José Lins do Rego, mas que com o tempo foi relegado a posto menor na história paraibana. Todos os paraibanos mais jovens sabem quem foi José Lins do Rego, por exemplo, mas não têm a menor ideia de quem foi Virginius. Tentei analisar isto. Uma tese é a de que ele era muito mais famoso como agitador cultural e boêmio, do que como escritor. Outros dizem que ele era um crítico literário realmente muito bom, mas que era medíocre como romancista (e ele escreveu dois romances). O fato é que ao longo da vida ganhou vários prêmios literários, alguns deles em locais em que sua fama boêmia não era tão difundida. E realmente movimentava a vida literária da cidade. Mas de fato existe certa divergência sobre o real valor de sua obra, inclusive pelos próprios contemporâneos”, enfatiza.

Virginius da Gama e Melo nasceu em 19 de outubro de 1923, na Rua General Osório, número 71, no centro de João Pessoa. Começou sua vida boêmia ainda quando estudava na Faculdade de Direito do Recife. Depois, voltou para João Pessoa e passou a ser polo aglutinador da intelectualidade pessoense. Para Marcos Tavares, ele criou uma geração. Era chamado de Menestrel pelos amigos, ia para os bares em carro de praça e ganhou fama nacional como crítico literário.

Para o escritor Gonzaga Rodrigues, a maior homenagem que se pode fazer ao Menestrel é reestudá-lo, republicá-lo, “o que compete prioritariamente à Universidade onde ele atuou e deu o prestígio que ela precisava”. ✖

---

Linaldo Guedes é poeta e jornalista, autor, entre outros, dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um duelo no sertão* (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Mora em João Pessoa (PB)

# Aqui também

HÁ 30 ANOS O JORNALISTA  
E ESCRITOR BIU RAMOS  
LANÇAVA *ARCA DE SONHOS OU  
MOCIDADE E OUTROS HERÓIS*,  
A MELHOR CRÔNICA JÁ ESCRITA  
SOBRE A VIDA BOÊMIA NA  
CIDADE DE JOÃO PESSOA, NOS  
ANOS 50/60

FOTO DE BIU RAMOS SOBREPOSTA: ANTONIO DAVID

# era uma festa

**William Costa**

Editor do *Correio das Artes*

As grandes guerras mundiais são tão absurdas e causam traumas tão profundos que os homens de espírito livre, crítico e criativo, após os armistícios – sim, os estados de beligerância jamais foram totalmente proscritos –, caem na boemia, uma forma mais comedida de esbórnia, e voltam a celebrar a vida. A festa, geralmente, começa no final da tarde e estende-se pela madrugada, tendo como palcos privilegiados restaurantes, bares, botecos e cabarés.

Da farra não participam, evidentemente, todos os cidadãos. E sim “medalhões”, *flâneurs* e talentos em ascensão das “classes” artística e intelectual, espécies de guetos sociais ha-

bitados por artistas, jornalistas, poetas, prosadores, professores, médicos, funcionários públicos, advogados etc., além de uma gente especial que não se enquadra nos padrões comportamentais, figurando na rubrica de boas-vidas, para não dizer “desregrados”.

Nestas távolas redondas, arejadas por moínhos, que se formam tão logo o Sol dá as costas, os problemas do mundo, como também os hábitos comezinhos da cidade, são trazidos à tona, para debate, solução, deboche ou transfiguração. Há sempre um Dom Quixote ou Rei Arthur disposto a tudo. Mas como todas as dores já foram choradas e todas as lágrimas, ▶



▶ derramadas – lembre-se, estamos nos pós-guerras -, tudo acaba em longas e sonoras gargalhadas.

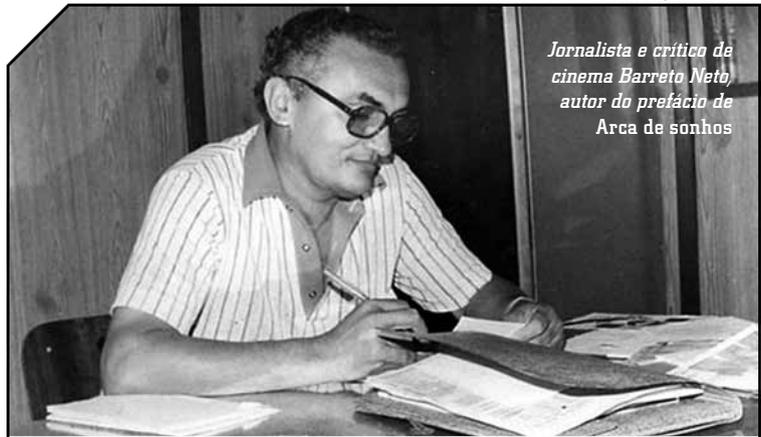
Foi assim, por exemplo, na Paris dos anos vinte, de Ernest Hemingway, Gertrude Stein, James Joyce, Ezra Pound, F. Scott Fitzgerald, T. S. Eliot, Luis Buñuel, Salvador Dalí, Pablo Picasso e Cole Porter, no requinte da lendária Brasserie Lipp. E na Barranquilla dos anos cinquenta, de Gabriel García Márquez, Álvaro Cepeda Samudio, Alfonso Fuenmayor, Germán Vargas e Alejandro Obregón, no não menos mítico salão do La Cueva.

O Brasil não poderia ficar de fora dessa festa que, pelo menos em alguns redutos do Rio de Janeiro, parece que ainda não acabou. Nos “anos dourados” da antiga capital federal, a boemia e a malandragem pobres faziam a patuscada na Lapa e no Estácio, enquanto seu equivalente “classe média para cima” centralizava a estroinice em Copacabana, nas mesas do Sorreno, Maxim’s, Furna da Onça, Bife de Ouro, Bistrô, Vogue, Copa, Baccarat, Casablanca, Acapulco etc.

O mantra “sonhar é viver” seduziu a boemia do mundo ocidental e, no segundo pós-guerra, trazido pela brisa do Atlântico, também veio dar na banda mais oriental das Américas, sendo entoado do Parque Sólón de Lucena, a Lagoa, até o derradeiro casarão do Centro Histórico de João Pessoa, ecoando, com mais vigor, entre as mesas da Churrascaria Bambu, Cassino da Lagoa, Sorveteria Canadá, Café Alvear e cabarés da Rua Maciel Pinheiro e adjacências.

Hemingway registrou sua “bela época” na capital francesa no livro *Paris é uma festa*. García Márquez rememora os bons tempos de Barranquilla em um dos capítulos de *Viver para contar*, sua autobiografia. Já a boemia carioca está fartamente documentada em incontáveis filmes, discos e livros, sendo um dos mais recomendáveis, no que diz respeito à Zona Sul carioca, cenário da bossa nova, *Chega de saudade*, do escritor mineiro Ruy Castro.

E João Pessoa, onde entra nessa história? Arrodeamos, caro leitor, mas, finalmente, chegamos aonde queríamos chegar: o Ponto de Cem Réis, a indestrutível (por mais que tentem) ágora do Centro Histórico da capital paraibana, onde, há trinta anos, o jornalista e escritor Severino Ramos - mais conhecido como Biu Ramos - ancorou sua *Arca de sonhos ou Mocidade e outros heróis*, abarrotada de deliciosas memórias dos “tempos heroicos” da “Cidade das Acácias”.



Jornalista e crítico de cinema Barreto Neto, autor do prefácio de *Arca de sonhos*

## IMPRESSÕES DE EMBARCADIÇO

**Antônio Barreto Neto**

**O**s futuros historiadores de nossa vida social irão encontrar um rico material de pesquisa em *Arca de sonhos ou Mocidade e outros heróis*, de Severino Ramos. O livro é uma deliciosa crônica da vida intelectual e boêmia da cidade nos idos de 50/60. Um alegre e colorido mural da provinciana sociedade pessoense daquela época, seus ambientes típicos, seus hábitos peculiares, suas figuras marcantes e seus tipos populares.

Como todo mural, o livro é estruturado em fragmentos, que vão se ajustando em torno de um ponto comum – aqui, o intemporal passeio do senador David José dos Reis pela cidade – para compor, no conjunto, a imagem do universo mágico recriado pela memória e imaginação do autor. Realidade e fantasia fundem-se na descrição dos ambientes e tipos humanos desse universo, que Severino Ramos evoca em prosa simples e direta, clara e precisa, de grande força emotiva.

Os que estão hoje na faixa dos 40/50 anos navegarão nessa arca de sonhos com emoção e saudade, percorrendo os territórios mágicos do Ponto de Cem Réis, da Sorveteria Canadá, do Café Alvear, da boate Havaí, da Churrascaria Bambu, do Cassino da Lagoa e, sobretudo, o reinado encantado da Maciel Pinheiro, com sua estranha fauna notívaga. Territórios povoa-

dos pelo menestrel Virgínius e sua corte, pelo inflamado tribuno Mocidade, pelo lord Sílvio Porto, pelo indômito Venelipe, pelo circunspecto Walfredo Rodriguez... e outros tantos outros heróis que marcaram a vida e a história desse nosso bravo burgo.

Narrador fluente, hábil desenhista de perfis, Severino Ramos evoca esse universo mágico com a graça natural de um bom contador de casos, que simpatiza e se diverte com seus personagens. Repórter arguto, sensível na captação do essencial, seus perfis não se esgotam no pitoresco. Se esse é o traço mais forte, nem por isso ele esquece os claro-escuros que produzem relevos reveladores da verdade humana de cada um, recortada com fidelidade e carinho.

Creio que o verdadeiro conhecimento de uma sociedade, de suas características mais típicas e vitais, não nos é dado apenas pela História. A contribuição da crônica é fundamental. A História só se ocupa dos grandes feitos, dos acontecimentos que mudam o curso natural das coisas, dos homens que interferem no destino das sociedades. A crônica fica com as miudezas do cotidiano social, suas feições e modos peculiares, seus heróis de anônimas batalhas. A História é séria, sisuda, compenetrada. A crônica é alegre, bem humorada, descontraída. Confirmam, embarcando nessa arca.

E boa viagem.

(Prefácio de *Arca de sonhos*)

# SENADOR DAVID JOSÉ DOS REIS: O TIMONEIRO DA EMBARCAÇÃO

*Arca de sonhos*, como o próprio subtítulo sugere, não conta apenas as aventuras e desditas dos boêmios que, a exemplo do próprio Biu Ramos, tinham no professor universitário, escritor e crítico literário Virginius da Gama e Melo um mentor intelectual e companheiro insubstituível de tertúlias - que comecavam sempre nos fins de tarde, na Sorveteria Canadá, e prosseguiram no Cassino da Lagoa, Churrascaria Bambu e lugares menos recomendáveis.

Tremula a Bandeira Brasileira. É Maria Isabel desembarcando da *Arca de sonhos*: “Vassoura, com suas pernas tortas à força da montaria, uns alforjes que se penduravam pelos ombros, um chicote ou uma chibata na mão, investe contra os heróis-fantasmas que infestam esta cidade de ponta a ponta. Montada em seu Rocinante, é o arremedo de uma amazona e não chega a ser uma réplica, de saias, de D. Quixote. Ela é a estrela-rainha destas noites intermináveis de cavalgadas de sonhos”.

Biu Ramos elegeu o “senador” David José dos Reis – personagem real e uma das figuras mais emblemáticas do Ponto de Cem Réis -, para ser o timoneiro de sua *Arca de sonhos*. Em seu passeio pela cidade, o senador relembra casos e causos, conta piadas, e assegura um lugar, na história, para os homens e mulheres que, não importa a classe social, contribuíram cada um a sua maneira, para dar uma feição singular à alma da capital paraibana.

Está lá, no capítulo inaugural de *Arca de sonhos*: “David tem as chaves de todos os mistérios desta Cidade. É ele quem abre as suas portas todas as manhãs, para fazer entrar a sua grande multidão de heróis e receber o brilho do Sol que se levanta de seu leito de espumas do mar de Tambaú. David, com sua lente de alcance, testemunhou a fundação da Cidade, orientou o traça-

do de suas ruas, ajudou a colocar as torres de cada uma de suas igrejas seculares”.

Pelo trecho acima, percebe-se que Biu Ramos também lança mão de uma paleta de cores líricas, para fazer, da cidade que o acolheu, na juventude, um retrato da saudade. Os matizes são propositalmente variados, única maneira de dar conta da multiplicidade de personagens e situações que conformam este mirabolante painel social que é *Arca de sonhos*. O livro é como conversa em mesa de bar, tem hora para tudo: rir, chorar, contar, cantar, declamar e encenar.

Durante a leitura de *Arca de sonhos*, os mais velhos certamente choram de saudade, enquanto os mais novos riem a bandeiras despregadas. É que Biu Ramos fez de seu livro não só um panteão de heróis populares, como “Mocidade”, “Vassoura”, “Macaxeira” etc., ou uma galeria de vultos históricos e homens de cultura, como Walfredo Rodrigues e Augusto dos Anjos, mas também o inventário do melhor anedotário da capital.

A nau construída por Biu Ramos, para navegar no oceano do tempo, resgata a memória de uma João Pessoa que desapareceu para sempre, ou dela sobraram apenas vestígios. Uma cidade habitada por personagens feitos de uma fibra que a genética não fabrica nem a cultura consegue moldar mais. Uma cidade onde a alegria morava nos bairros populares, enfeitando-se nos dias de festa e nos fins de semana de futebol. Depois ia para o Centro, jogar conversa fora.

O cinematográfico passeio de Walfredo Rodrigues com o senador David, pela cidade, as “tiradas” de Mocidade, os infortúnios do prefeito Apolônio, dos desportistas Venelipe e Lula Fodinha, da apaixonada “Marlene”, do carente Manezinho e do Mestre Alfredo, sem falar nas

artimanhas do Rei Pelé, para não marcar o milésimo gol em João Pessoa, são algumas das histórias impagáveis reunidas por Biu Ramos em sua *Arca de sonhos*.

Assim como Noé construiu a sua, para livrar a bicharada e a humanidade da ira divina, Biu Ramos projetou sua arca para salvar memórias preciosas da cidade de João Pessoa, narradas com verve inigualável. *Arca de sonhos* é como o vinho bom português: quanto mais o tempo passa, mais saboroso fica. Nada nele é datado. Dizem que a crônica é gênero cujo prazo de validade vence rápido. Acontece que Biu Ramos nasceu para ser exceção, e não a regra.

FOTOS: ARQUIVO A UNIÃO



Maria Isabel Bandeira Brasileira: a intrépida “Vassoura”



João da Costa e Silva, o irreverente tribuna “Mocidade”

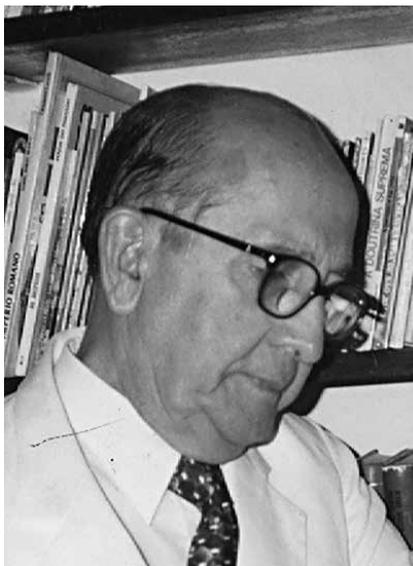
# ▶ TRÂNSITO INTERROMPIDO NA RUA DAS TRINCHEIRAS

Biu Ramos lançou *Arca de sonhos*, em 1985, no Hotel Tropicana, localizado na Rua das Trincheiras, Centro de João Pessoa. Segundo ele, a artéria ficou pequena para a longa fila de automóveis que se formou, começando no Pavilhão do Chá e esticando-se até o prédio da antiga Escola Industrial, no bairro de Jaguaribe. “A repercussão foi enorme. Foi o livro mais comentado, na Paraíba, até hoje, seja de escritor paraibano ou de fora”, garante.

O sucesso do livro teve maior relevância, porque, na opinião de Biu, na Paraíba não existia crítica literária. “A crítica literária daqui sempre foi muito capenga. Os críticos literários eram Virgínius da Gama e Melo e, eventualmente, Carlos Romero. Eram poucos os que se dedicavam a esse ofício. Porque não tinha literatura, também. Os escritores eram aqueles ‘medalhões’ que se faziam de santos e não queriam acesso à grande massa”, ressalta.

Biu Ramos escreveu *Arca de sonhos* para concorrer ao prêmio instituído pela Comissão do IV Centenário da Paraíba, embora assegure que não tinha a pretensão de vencer o conclave. “Eu vim morar em João Pessoa ainda jovem, mas não tinha um trabalho para homenagear a cidade. Certo dia, passando pelo Ponto de Cem Réis, me veio a ideia de mostrar o lado boêmio da capital, as simpáticas figuras populares que viviam naquela área central”.

Para Biu Ramos, nenhuma cidade do país tem um lugar tão expressivo como o Ponto de Cem Réis – cujo nome oficial é Praça Vidal de Negreiros. “Eu entendi que no Ponto de Cem Réis estava toda a história da Paraíba. Então transformei David José dos Reis, que era um ser humano extraordinário, na figura central do livro. Depois fui



*O jornalista Carlos Romero também exerceu a crítica literária...*



*...embora não assiduamente, como Virgínius da Gama e Melo*

juntando os demais personagens que representassem a ‘vida anímica’ da cidade, como dizia Gonzaga Rodrigues”, conta.

A escrita de *Arca de sonhos* foi demorada porque Biu Ramos visitou todos os lugares da cidade que iria citar no livro. “Fui à Cidade Baixa e procurei os locais pitorescos, como o Porto do Capim. Mas o Ponto de Cem Réis era o ponto nevrálgico da cidade. A gente passava por lá todos os dias, todo mundo vivia no Ponto de Cem Réis. Então eu comecei a observar o Ponto de Cem Réis com outros olhos, mirando nas figuras que habitavam a área”, sublinha.

Apelidado de “Senador”, David José Reis é descrito por Biu Ramos como uma das figuras mais interessantes e curiosas dentre as que frequentavam o Ponto de Cem Réis. “A descrição que eu faço dele, no livro, é perfeita. É como ele era mesmo. Um sujeito bonachão, muito gozador, que usava paletó e gravata, diariamente, e fumava charuto. Ele não tinha pretensão de ser rei ou imperador, como está dito no livro. Isso é coisa da minha imaginação”, explica.

O único dissabor oriundo da publicação de *Arca de sonho* teria sido protagonizado por um filho de Venelipe Joaquim de Almeida, dirigente do Filipéia Esporte Clube, personagem da crônica “O Vou de Venelipe”, uma das mais engraçadas do livro. Ele achou o texto desrespeitoso, mas, segundo Biu Ramos, Venelipe foi retratado fielmente. “Ele era uma figura queridíssima em João Pessoa, e a linguagem dele era essa”, acrescenta.

As filhas do senador David ficaram preocupadas. Pensavam que Biu iria retratá-lo de forma depreciativa. “Elas me procuraram e pediram para ver o texto antes de ser publicado, interessadas em saber se tinha algo que atingisse a memória do pai. Ele era de uma família bem conceituada, as filhas eram professoras. O fato é que elas leram os originais, acharam excelente e não fizeram nenhuma restrição”, disse. ▶

## ► POLÊMICO NO JORNALISMO, BIÓGRAFO NA LITERATURA

Autor de onze livros, Biu Ramos diz que a sua opção pela reportagem (*Crimes que abalaram a Paraíba*), biografia (*João Agripino, Tarcísio Burity, Paulo Pontes*) e autobiografia (*Memórias de um repórter*) nasceu de sua atuação criteriosa como jornalista. “Eu sempre tive o cuidado de guardar imagens e documentos impressos que eu sabia que tinham valor e que, futuramente, iria precisar deles para uma pesquisa ou outro trabalho sério qualquer”, destaca.

Esses documentos Biu guardava em sua casa. E assim foi criando um substancial arquivo particular. “De maneira que quando eu me dispus a escrever o meu primeiro livro biográfico, sobre o ex-governador João Agripino, as fontes pertenciam ao meu arquivo pessoal. De Agripino só tinha um depoimento que ele deu na Fundação Getúlio Vargas, o resto era tudo meu: fotografias, depoimentos, entrevistas etc.”, enumera.

A ficção nunca o seduziu. Entende que o sonho de todo escritor é fazer um romance, mas nunca se aventurou nessa seara porque lhe falta a vocação literária. “Tem pessoas que juntam duas, três frases e faz uma poesia, mas não é por aí”, critica. A crônica também nunca o interessou. “Eu a pratiquei na *Arca de sonhos* porque esse era o estilo que se impunha, mas reconheço que nunca fui um cronista, como é Gonzaga Rodrigues e como foi Natanael Alves”, assinala.

Na verdade, o que Biu é e gosta de ser é

articulista político e polêmico. “Eu sempre gostei da polêmica violenta. Eu enfrentei muitas polêmicas aqui que entraram para a história. Nas minhas colunas nos jornais *Correio da Paraíba* e *O Norte* eu abordava os temas com muita densidade, às vezes de maneira até inconveniente, eu mesmo reconheço que muitas vezes fui inconveniente nos artigos que fiz. Mas era o meu estilo. Não podia ser diferente”, advoga.

E olhe que não foi por falta de influência literária. Biu é leitor declarado de Jorge Amado e Graciliano Ramos (no romance), Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Augusto dos Anjos (na poesia) e Carlos Lacerda (no jornalismo). “Não diria que ele me influenciou, mas um dos autores que mais gosto, ainda hoje, é Jorge Amado. É um dos maiores escritores do Brasil, como Graciliano. Esses me marcaram”, confidencia.

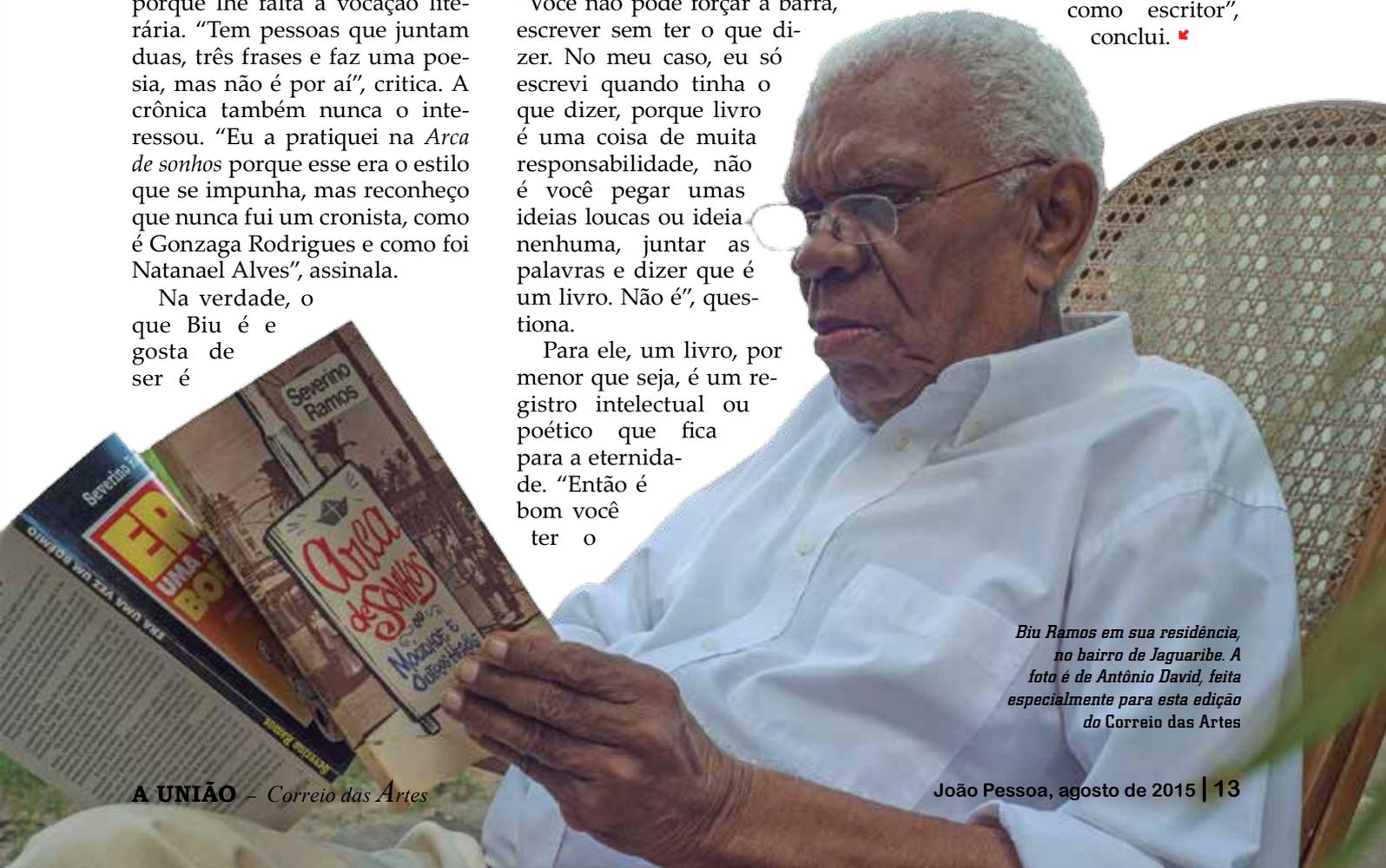
Biu aposentou-se do jornalismo e da literatura. Hoje, mantém apenas o hábito de ler livros e jornais, diariamente. E é muito sincero ao abordar este assunto. “Você não pode forçar a barra, escrever sem ter o que dizer. No meu caso, eu só escrevi quando tinha o que dizer, porque livro é uma coisa de muita responsabilidade, não é você pegar umas ideias loucas ou ideia nenhuma, juntar as palavras e dizer que é um livro. Não é”, questiona.

Para ele, um livro, por menor que seja, é um registro intelectual ou poético que fica para a eternidade. “Então é bom você ter o

cuidado de quando fizer um livro fazer pensando em deixar uma obra eterna, que possa vencer o tempo e ser sempre uma referência do seu trabalho. Eu não tenho mais pretensões. O que eu tinha de fazer, em literatura, eu já fiz, porque eu escrevi onze livros. Não é brincadeira. E todos me satisfizeram, o que é fundamental”, reconhece.

Biu argumenta que o livro deve satisfazer, primeiramente, ao autor. “O livro pode ter a receptividade que tiver do público, mas a minha satisfação pessoal, a minha realização como escritor é que me interessa. Se o livro é bem recebido ou não pela crítica é problema da crítica, não é meu. O fato é que eu me satisfiz em escrever aquele livro e por isso já me considero vitorioso. Não escrevo para agradar nem à crítica nem ao crítico. Eu quero agradar a mim”, admite.

Mas ele não se considera egoísta por pensar assim. “É que o meu senso de autocritica é muito forte. Eu sou muito rigoroso comigo mesmo. Se eu me satisfizer com aquela obra que terminei, pouco importa a opinião de terceiros, do crítico literário ou do pseudocrítico. Se depois de escrever um livro eu ler e achar que está impecável, não tem muita coisa para remendar, aí estou realizado, como escritor”, conclui. ✖



*Biu Ramos em sua residência, no bairro de Jaguaribe. A foto é de Antônio David, feita especialmente para esta edição do Correio das Artes*

O lançamento de *Arca de sonhos ou Mocidade e outros heróis* suscitou inúmeros artigos na imprensa paraibana, assinados não só por colegas de batente de Biu Ramos, como também por professores e críticos de literatura. A quantidade e a qualidade dos registros atestam o impacto provocado pela obra. Seleccionamos alguns trechos da “fortuna crítica” do livro, para ilustrar a reportagem comemorativa dos 30 anos de sua publicação.

**DO CRONISTA E JORNALISTA  
CARLOS ROMERO:**



*Arca de sonhos: Severino Ramos, com as armas de sua imaginação e de sua inteligência, soube nos dar um livro-resurreição, uma panorâmica extraordinária do nosso passado boêmio e humano. Soube, com sua pena de mestre, cultuar aqueles heróis que Carlyle esqueceu e que os historiadores não costumam registrar.*

*Heróis que ficam marginalizados na vida e na história.*

**DO HISTORIADOR E JORNALISTA  
WELLINGTON AGUIAR:**



*Confesso que Arca de sonhos me despertou muitas saudades. Saudades daqueles que já se foram, e que nessas páginas parecem reviver graças à pena mágica de Severino Ramos. Saudades de Sílvio Porto, Virgínius da Gama e Melo, Apolônio Sales, de Mocidade. Saudades também de coisas que não existem mais, como a Churrascaria Bambu, o Café Alvear, Sorveteria Canadá, o Luzeirinho.*

**DO JORNALISTA DJACY ANDRADE:**

*Biu Ramos não se preocupou em fazer literatura, em enobrar na narrativa. A sua preocupação maior foi contar, dentro de um estilo todo seu, a vida noturna daquela época, numa crônica saborosa que se devora de uma vez numa leitura sôfrega e direta. O livro tem o poder de levar àqueles tempos os que viveram a época e de deleitar os que não tiveram a glória de ter sido um daqueles heróis.*

**DO JORNALISTA E ESCRITOR  
HELDER MOURA:**

*Biu Ramos, em muito boa hora, decide dedicar-se com mais avidez à Literatura, imprimindo a sua marca jornalística, ao individual espaço que medeia a Literatura do Jornalismo, habitando aquele universo com seus heróis do cotidiano e sua filosofia de pé de orelha, em sua Arca de Sonhos, num mar de águas profundas, encapelado, sob o vento forte da inspiração.*

**DO DESEMBARGADOR  
MÁRIO MOACYR PORTO:**

*Excelentes os tipos da boemia paraibana, que você traçou com leveza e fidelidade. Eu, (vai aqui uma confissão), sempre fui um sujeito bem comportado, obediente à disciplina dos preconceitos, “virtuoso” no sentido humilhante da palavra. Por isso mesmo, admiro e invejo os boêmios, os homens da madrugada,*

*essa fauna em extinção, que vive ou viveu ao arrepio do catecismo de gente bem.*

**DO ESCRITOR E EX-GOVERNADOR**

**IVAN BICHARA:**



*Seu livro é uma delícia. À sua tendência para a ironia, para a mistura de sal e pimenta com a sua prosa sensual e ágil, se junta a evocação de figuras do passado, à saudade dos companheiros (Virgínius no centro), fazendo tudo isso junto com uma combinação que torna seu livro saboroso, rico, luminoso, extraordinário, raro. Tem sentido a acolhida cordial e calorosa com que a Arca tem sido festejada. Meus parabéns.*

**DO JORNALISTA**

**ABMAEL MORAIS:**



*Realmente, como era esperado, o sucesso do lançamento do livro de Biu Ramos. Os salões do Tropicana quase que não eram capacitados para receber tanta gente que foi prestigiar o debut literário do “menino de engenho que deu certo”. O livro, então, já está receitado pelos médicos da paróquia, como remédio para o fígado. Quer desopilar? Vá no Arca de sonhos ou Mocidade e outros heróis. Já à venda em livrarias e farmácias.*

**DO POETA, PROFESSOR E CRÍTICO LITERÁRIO  
HILDEBERTO BARBOSA FILHO:**

*O significado desta Arca de sonhos consiste em primeira mão no fato de que a velha Felipeia de Nossa Senhora das Neves ganha seu primeiro prosador, consideradas, naturalmente, certas sinuosidades de sua paisagem, e certos “climas” de uma época que já passou. O primeiro a lhe sondar as entranhas, através da luneta dos sonhos e da memória poética.*

**DO JORNALISTA GONZAGA RODRIGUES:**

*Com humor disponível para todos os instantes da vida e da história, (Biu Ramos) sai passeando com Mocidade, Virgínius, Walfredo, o senador David, Zé Octávio, Sá Leitão, sem que o leitor precise saber se está em 1817 ou 1986. Como já disse, o tempo não conta. Contam os instantes de perpetuidade vital (isso mesmo!) que vão compondo a montagem da cidade em busca de sua identidade.*

**DO ESCRITOR E CRÍTICO LITERÁRIO  
GEMY CÂNDIDO:**



*Severino Ramos conseguiu exprimir, com a força do seu espírito lunar, a crônica histórica de uma cidade que se encontra imersa no solo do passado. E no esforço para dizer a verdade pra que melhor fosse lido, não se utilizou de qualquer método de investigação, sabendo que não poderia usar os cânones da retórica científica confiando em princípios e leis cujas variáveis são sempre influenciadas por nossos valores e interesses pessoais.*

Célia Carvalho

Ode ao Cabo Branco

Estou nu.  
 Diante de todos  
 minha nudez afronta  
 e no entanto ninguém,  
 ninguém se dá conta de minha dor.  
 Deixaram que minha intimidade fosse exposta,  
 zombaram de meus sentimentos  
 e menosprezaram minha beleza.  
 E agora, nu,  
 despojado de minhas vestes e pele  
 clamo por uma justiça tardia.  
 O sol inclemente resseca,  
 o vento e a chuva degradam minha aparência.  
 Estou nu, nu e só  
 e tenho medo,  
 medo do que ainda me possa acontecer.  
 Meus pés corroidos  
 pela indiferença dos homens  
 ameaçam levar-me ao chão.  
 Quem me reerguerá?  
 Quem me cobrirá com verde manto  
 que aquece e conforta as entranhas?  
 Quem cuidará para que minha beleza seja redescoberta  
 e eu possa, abandonar o pranto  
 para irradiar a beleza pujante,  
 deixar-me beijar pelo mar?  
 De que serve um farol a iluminar  
 se o cabo, sentinela do mar,  
 deixaram perecer indiferentes?

IMAGEM DO PLANO DE FUNDO: PINTURA DE HERMANO JOSÉ



CÉLIA MARIA COSTA DE CARVALHO é professora universitária aposentada. Membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste - Núcleo da Paraíba (Alane-PB) e da União Brasileira de Escritores - seção Paraíba (UBE-PB). Autora de *Vazio* (poesia, 1966) e *Alquimia das palavras* (poesia, 2008). Mora em João Pessoa (PB).

# O encantamento

## DA ESCRITORA

# Dôra Limeira

**Linaldo Guedes**  
Linaldo.guedes@gmail.com

**S**eu último livro foi lançado em abril deste ano. *O livro afetuoso das cartas* (Editora Ideia) narra a história de uma anciã septuagenária que troca correspondência com um rapaz de vinte e poucos anos. Dôra Limeira gostava de histórias assim, aparentemente inusitadas, mas cheias de calor humano. A professora e escritora paraibana de luto a literatura paraibana no último dia 4, ao morrer após complicações decorrentes de um quadro de diabetes e hipertensão arterial. Sua morte comoveu a classe artística e cultural da Paraíba e até o governador Ricardo Coutinho fez uma homenagem durante a inauguração do Teatro Pedra do Reino.

Dôra Limeira nasceu em 21 de abril de 1938, em João Pessoa. Fez os primeiros estudos em escola pública, depois em colégio religioso católico. Graduou-se e especializou-se em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Publicou seu primeiro livro de contos, *Arquitetura de um abandono*, em maio de 2003, o que lhe valeu o prêmio de Revelação Literária/2003, num certame promovido pelo suplemento literário Correio das Artes.

Em 2002, participou do Concurso Talentos da Maturidade com o conto "Não há sinais", concorrendo com 10.338 inscritos em todo o país. "Não há sinais" foi incluído entre os vinte melhores contos concor-

rentes e publicado na antologia *Todas as estações*, pela editora Peirópolis, São Paulo. Em 2005, publicou seu segundo livro de contos, *Preces e orgasmos dos desvalidos*. Em 2007, publicou *O beijo de Deus*, livro de minicontos. Edição independente, Editora Manufatura.

Em 2009, editou outro livro de contos, *Os gemidos da rua* (Editora Manufatura), financiado pelo Fundo Municipal de Cultura (FMC). *Cancioneiro dos loucos* foi publicado em 2013 pela Ideia Editora.

A partida de Dôra pegou de surpresa amigos e leitores. Um deles, o parceiro do Clube do Conto, Ronaldo Monte. "Eu já disse uma vez que meu nome é Ronaldo Monte Limeira. Eu e Dôra somos irmãos na dor e exercemos o ofício perverso de transformar essa dor em beleza. Eu e Dôra brigamos muito durante o tempo em que convivemos. Mas vivemos sempre momentos fraternos em que pude expressar o meu amor e a minha admiração pelo seu trabalho", disse.

O escritor Roberto Menezes também se emociona ao falar de Dôra. "Conheci Dôra Limeira em 2006. Mande pra ela um conto de dez páginas e nem esperava que ela lesse. Pra minha surpresa, ela me respondeu com um grande e-mail que ainda tenho. Tinha vários pontos importantes pra mim, entre eles ser fiel ao estilo que eu propunha escrever:

'Daqui a dez anos você vai se tornar um grande escritor. Até lá trabalhe porque talento você tem de sobra'. Foi assim que uma das minhas duas musas da literatura paraibana terminou o e-mail. Grato, Dôra, por me ensinar a arte da teimosia".

Em abril, quando do lançamento de *O livro afetuoso das cartas*, Dôra explicou a este repórter o seu processo de escrita. Na ocasião, a escritora contou que numa entrevista a duas adolescentes, elas lhe perguntaram se é fácil escrever. "Respondi que não. É paradoxal, mas eu tenho dificuldade. Perguntaram-me se tenho uma metodologia para escrever textos, e que metodologia seria essa. Respondi que não tenho metodologia definida. Perguntaram-me sobre como nascem minhas histórias, se arquiteto tudo na cabeça, para depois passar para o papel ou pra tela do computador. Eu respondi que as histórias geralmente jorram como sangue no papel ou na tela. As personagens se aposam de mim como se fossem entidades da natureza. Nesse sentido, acredito em transe. Nada de sobrenatural, nada de alma de outro mundo. Tudo muito natural e simples, como a chuva ou como um parto normal". Tudo simples, como a capacidade de Dôra Limeira de encantar através da escrita e de encantar-se para outra dimensão. ✖

A close-up portrait of an elderly woman with short, wavy grey hair, wearing black-rimmed glasses, a yellow t-shirt, and a dark jacket. She is looking directly at the camera with a neutral expression. The background is slightly blurred, showing an outdoor setting with a paved area and some greenery.

A arte  
FICCIONAL DE  
**Dôra  
Limeira**

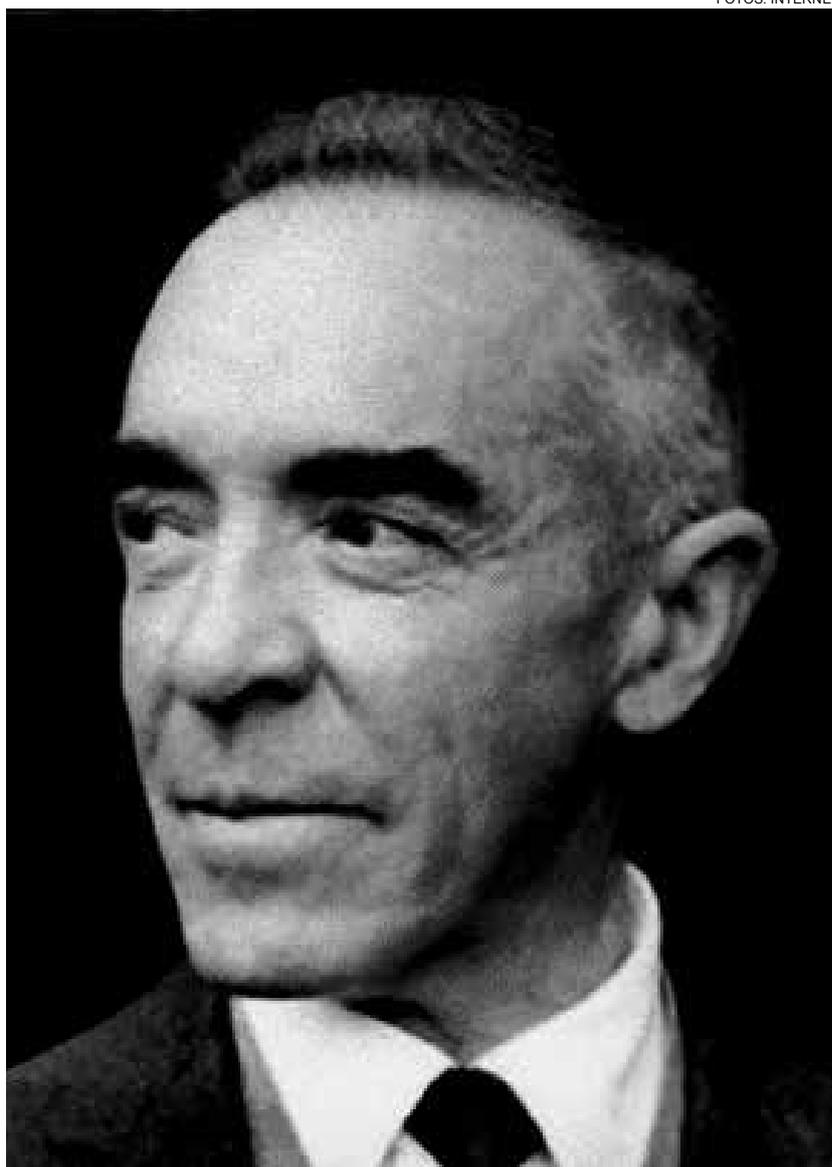
**José Mário da Silva**  
Especial para o *Correio das Artes*

**C**om as velhas e imorredouras lições de Teoria da Literatura ministradas pelo mestre Massaud Moisés, aprendemos que o conto é uma narrativa curta ancorada no princípio composicional da unicelularidade dramática; o que, no limite, significa a captação do mundo por meio de um único flagrante, dentre as múltiplas modalidades manifestativas que o integram. Em *Valise de Cronópio*, Julio Cortázar, exponencial teórico da literatura ▶

► e criador ficcional do mais alto quilate, asseverou que o conto está para a fotografia assim como o romance está para o cinema. Em todos esses universos estéticos, diria o Manuel Bandeira do imortal poema “A maçã”, o ponto central é a mesma vida que “palpita prodigiosamente”.

No entanto, o modo como se operacionaliza nas malhas dos arranjos linguísticos difere no grau, no ritmo, na tonalidade, enfim, na maneira de transfigurar o observado, o vivido, o inventado, a matéria prima de que se alimenta esta máquina geradora de sentidos e significações, que é o texto literário. Assim, se por natureza o conto compacta o enredo e o submete à gramática da percepção sintética da realidade, o miniconto agudiza essa espécie de poética do encurtamento da dizibilidade, quase transformando a reconfiguração estética do real em flashes imediatistas, instantâneos de um olhar viajor peregrino que, conduzido pelos vetores de uma agônica pressa diante da exiguidade da existência, anela mais por dizer do que contar; mais espalhar pelo cotidiano as duras impressões de um desencantado espírito do que, nas asas da poderosa ficção, simular a restauração do que já se lhe afigura ser, irremediavelmente, o reino do caos, a pátria das ruínas, o território incorrigível dos desolados escombros. Eis-nos, pois, nas margens do sentimento trágico do mundo, para nos reportarmos ao soberbo pensamento de Miguel de Unamuno.

Eis-nos sob o impacto de *O beijo de Deus*, diminutas narrativas de Dôra Limeira, representante da nova literatura parai-bana, mais precisamente a que se gesta em torno de personagens femininas emparelhadas num mundo em que a opressão masculina, dentre tantas outras, ainda é uma nódoa nas desumanizadoras relações entre os seres. A literatura de Dôra Limeira, desde o seu livro de estreia, *Arquitetura de um abandono*, até o mais recente *O afetuoso livro das cartas*, sua última produção, nutre-se de um realismo áspero, sem nenhuma concessão às



José Régio (pseudônimo de José Maria das Reis Pereira), poeta português autor de *Cântico suspenso* (1968)

idealizações textuais pródigas em dourar a pílula dos dramas mais abjetos da condição humana. Desempregados, subempregados, famintos, enfermos, iludidos, desiludidos dão o desconfortável molho da sua ficção por vezes aderente à realidade mais dolorosa da vida. Dir-se-ia ser Dôra Limeira uma pintora feroz da carência humana, materializada de formas diversas no turvado palco do dia a dia.

*O beijo de Deus*, minicontos da criadora de *Preces e orgasmos dos desvalidos* insere-se na categoria da prosa minimalista, descarnada, invadida, aqui/acolá, pelos vetores da linguagem poética, mas sem a agudização dos processos constituidores da opacidade textual mais extremada. O título do livro, num primeiro momento, pelo lirismo de que se reveste, gera uma expectativa eufórica, logo desconstruída

pelos minitextos profundamente distóricos e questionadores da ordem do mundo. No limite, os pequenos relatos de que se compõe o livro andam sempre na contramão dos discursos estabelecidos, como se os narradores que deslizam no dorso da linguagem esculpida vivessem sempre transidos entre a suspeição mais sibilina e a descrença mais explicitada acerca daquilo que no mundo anda impregnado do rótulo de verdadeiro.

Mesmo o fragmento que dá título ao livro, o que poderia, à primeira vista, parecer um elemento sinalizador de esperança, ►

▶ referencializado pelo semema Deus, indiciador de transcendência, finda confluindo para território da mera condicionabilidade: “Se Deus beijar minha boca, estarei imune a vermes. Ninguém saberá de mim, na paz do meu descanso”.

Pontue-se aqui, de igual modo, a dimensão erótica que recobre a passagem, trazendo a experiência do sagrado para o campo da corporeidade mais concreta. *O beijo de Deus* está dividido em três partes: Cotidianos, Agonizantes e Espasmos. A primeira parte cartografa cenas e cenários de vivências marcadas pelo signo da desumanização mais ostensiva. Violência, tédio, vingança, desilusão são algumas das temáticas que urdidas e bem correlacionadas vão editorando uma espécie de dicionário de angústias insolúveis, vivenciadas por personagens que vegetam nos subterrâneos da cidade reificada.

Em meio à asfíxiante galeria de “humilhados e ofendidos”, que passeiam no cinzento cotidiano denunciado por Dôra Limeira, deparamo-nos, aqui/acolá, com uma nota crítica portadora de acentuado sarcasmo diante da fachada mascarada do convencionalismo social.

No fragmento “Doutorado”, encontramos: “de repente, Dr. Silveira foi ao sanitário do bar satisfazer suas necessidades. Aconteceu que banheiro não havia água nem papel higiênico. Dr. Silveira saiu todo sujo do sanitário. Sua autoestima caiu-lhe aos pés”. Outra nota que reponta no cotidiano abordado por Dôra Limeira é o que se insurge contra a face predatória de um progresso que rouba do homem o privilégio de desfrutar a existência de um modo mais espontâneo e despragmatizado. É o que flagramos nos fragmentos “Progresso” e “Brincadeira”. Tanto num quanto noutro celebra-se a infância perdida e louvam-se os tempos do antigamente, não em nome de uma paralisante nostalgia, mas sim “da saudade de tempos que nos parecem melhores do que o nosso, o que não é de modo reacionarismo”, conforme lucidamente postula Alfredo



Camilo Pessanha, poeta português autor de *Clepsydra* (1920)

Bosi nas considerações levadas a cabo em seu excelente livro *O ser e o tempo da poesia*.

Aqui, a prosa poética da escritora paraibana ergue-se como um canto de resistência aos processos históricos que amesquinham os homens. No livro *O anjo bêbado*, Paulo Mendes Campos afirma que “as cidades mudam mais depressa que os homens”. Nessas mudanças inevitáveis e irreversíveis, frequentemente, o progresso material rivaliza contra as modalidades mais idílicas e comunitárias de configuração da existência humana. É nesse exato momento em que, diria

Eduardo Portella, “contra o desejo da ordem se instaura a ordem do desejo”, e a utopia libertária, como sinalizado no poema “Romaria” de Carlos Drummond de Andrade finda sonhando com outra humanidade mais feliz.

Nos minicontos já aludidos, “Progresso” e “Brincadeira”, a cidade é *locus amoenus* de subjetividades pacificadas; e a infância é o paraíso perdido e irrecuperável lembrado na musicalidade deleitosa das cantigas infantis. No fragmento “Cadeias nacionais”, o código de uma contestação política mais ostensiva torna-se presente nas imagens cruéis de uma pátria socialmente desigual e vergada sob o peso de uma ditadura que vende ilusões; busca, autoritariamente, a homogeneização das consciências; conta com o auxílio farsesco de mídias comprometidas, mas não consegue escamotear a realidade grotesca, dentre outras, “da fome (que) se desfraldava, colorida, a céu aberto, sem ordem. Sem progresso, a novela das oito começava diária e pontualmente. Levava uma hora de delírio às casas daquele lugar. Cala boca, menino. Em meio à novela, interrompia-se a programação da TV. Formavam-se cadeias nacionais para transmissão da fala do governo. Cala essa boca”.

Releve-se, aqui, a ambiguidade que impregna a linguagem textual. A função apelativa corporificada no imperativo do verbo calar diz respeito tanto ao discurso alienado de quem se vê vencido pela fantasia alienadora protagonizada pela novela das oito quanto ao gesto de revolta manifestado pelo narrador do texto contra a fala mentirosa produzida pela retórica política da oficialidade.

Na segunda parte do livro, deparamo-nos, num roteiro classificatório puramente didático, com fragmentos centrados num sotaque existencial mais ostensivamente visível. Nessa porção do livro, de modo hegemônico predominam opressivas atmosferas de solidão, incomunicabilidade, aprisionamentos internos e externos dos sujeitos emparedados, destituídos de identidades minimamente está-

▶ veis; perdido, enfim, nos vãos e desvãos “agonizantes” de uma cidade hostil, em cujos espaços, como autênticos fantasmas, as personagens movem-se do nada para o lugar nenhum de existências guetificadas, intranscendentes e sem nenhuma possibilidade de sonhar com utopias.

Em “Masmorra tóxica”, a identidade fraturada e a solidão dominante confluem para a infernal fuga representada pelos vícios. Em “Aqui, na janela”, a solidão, mais uma vez presente, e o desencontro traumático entre mãe e filho são produzidos por uma cidade desordenadamente construída, êmula do afeto mais estreito e da comunhão mais efetiva entre os que a habitam. “Sonata” e “Desaparecido” ancoram no porto de projetos existenciais malogrados. No primeiro texto, “sem bilhete, carta ou aviso, a moça (protagonista da trama) adentrou a eternidade”. Ao fazê-lo, deixou sobre o piano, estático e esquecido a um canto, a melodia “que poderia ter sido e não foi”. “Desaparecido”, na mesma direção, sinaliza para uma existência matizada pelo sentimento da perda: “Guardou a alma e as sobras de amores antigos dentro da mochila velha de pano. Colocou a mochila nas costas e dobrou a esquina da padaria, sem dizer nada. Nunca mais alguém teve notícias de tal criatura”. Em “Cântico de danação”, na esteira da corrosividade inerente, por exemplo, a “Cântico negro”, paródico poema do poeta português José Régio, Dôra Limeira, com igual dimensão contracultural, põe em cena um eu transido entre o divinatório e o demoníaco, numa coreografia de contrastes que faz do ser humano um perene palco de insólitos contradições.

Vejo, nesse agônico fragmento, ecos intertextuais da poesia de Camilo Pessanha, toda ela ancorada no temário de uma onipresente e incurável dor. No poema “Inscrição”, com o qual se abre o livro *Clepsidra*, o poeta português sentencia: “Eu vi a luz em um país perdido”. No fragmento limeiriano, encontramos: “A luz existe, mas eu não vejo”. Nessa seção do livro, constatamos a



Paulo Mendes Campos, autor de *O anjo bêbado* (crônicas), publicado em 1959

presença dominante de espaços fechados, nos quais, cerradas interiormente, as personagens sofrem os seus dramas e ilhamentos existenciais. Em “Instantes”, é a implacável passagem do tempo que se delinea diante de quem “Quando percebeu a eternidade, seu corpo já era cinza”. A morte e a memória, “cidade das traições e pátio de milagres” nos dizeres de Machado de Assis e de José Saramago, são outros temários a percorrer as agonizantes notações que Dôra Limeira faz de uma realidade estética que consorcia a denúncia social

e o incursionamento pela interioridade das personagens que inventou; e que são portadoras de sobrança densidade psicológica.

Chegamos, enfim, ao último patamar do livro *O beijo de Deus*. Composto de 27 fragmentos, nessa parte dos seus escritos, Dôra Limeira radica no porto de uma corporeidade mais transgressora assumida, com obsessiva ênfase no erotismo, na descoberta dos prazeres inerentes ao sexo; ao gozo, muitas vezes solitário, de quem busca na libertação de todos os interditos, o desafogo das pressões cotidianas. “Última vela” parece sinalizar nessa direção. Noutra momento, “Gozo”, o êxtase erótico e a experiência do sagrado assumem-se como faces indissociáveis de uma realidade que retira o ser do chão mais prosaico da existência e o arrebatava para o território do luminoso. Noutros patamares, a passagem do tempo emula contra a energia corporal, e o sexo, outrora celebratoriamente cultivado, passa a ser visto pela ótica de uma tonalidade inescandivelmente malancólica.

“Sorriso de ancião” e “Vida” impõem-se como irretocáveis emblemas dessa realidade. A brutalidade descomunal comparece no miniconto “Santa”. A miséria humana e o afeto animal dão a régua e o compasso do comovente “A quarta hora”. Enfim, em *O beijo de Deus*, Dôra Limeira mostra-nos uma escritora bem mais segura no trato com a linguagem, na lapidação mais elaborada de uma frase impregnada de ritmo, dinamicidade e energia poética na captação de cotidianos agonizantes e cheios dos mais diversos tipos de significação.

Já transformada em objeto de tese universitária, competentemente levada a cabo pelo professor Antonio de Pádua Dias da Silva, Dôra Limeira é representativo nome da literatura paraibana atual. ■

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB)



# Edônio Alves

## e seus desconcertos poéticos

**N**enhum poeta pode ser compreendido sozinho. Eis a lição de T. S. Eliot. Nenhum poeta e nenhum poema. Há como que um arquivo textual que se estratifica na dinâmica da criação literária, fazendo do poema e do mecanismo da invenção poética um percurso dialético, um movimento dialógico, uma zona de conflitos, incerta e tensa, em que se consolidam as ideias e os sentimentos que promovem a expressão estética.

Quando lemos um poeta, portanto, vamos além dos limites materiais de suas palavras e do arcabouço particular de seus poemas. Há qualquer coisa nele que, em sendo ele, também não o é, na medida em que o poema, ao mesmo tempo em que incorpora a subjetividade, insere, na flexibilidade de seu corpo vocabular, a presença inevitável do outro, com suas múltiplas faces. Inclusive aquela face irreduzível ao cerco da palavra, embora o poeta não possua outro instrumento para nomeá-la e as suas indesejáveis e insólitas ambivalências.

Parto desse pressuposto para ler *Poesia até aqui* (Natal: Jovens Escribas, 2015), volume que reúne

a produção poética do paraibano Edônio Alves Nascimento, distribuída em três títulos: “O desconcerto das coisas mais poemas minimais”, a parte inédita, e os outros dois já publicados, a saber: “Os amantes de Orfeu & poemas de rima interior” (1999) e “Essa doce alquimia” (1992).

“O *Desconcerto* é em verso/ Cabe o inverso em cada verso/ Todo verso é seu anverso/O unir verso é um mundo”, diz a epígrafe do longo poema “O desconcerto das coisas”, já preparando o leitor para o jogo de paradoxos e ambiguidades que se dá, tanto no plano significante da massa lexical quanto no recorrente investimento temático, voltado para uma cética persecução em torno do ser, do ser das coisas, do ser dos seres, do ser dos sentimentos. A linhagem é a dos poemas líricos, porém, reflexivos, nos quais parece indispensável o equilíbrio estético entre a posição conceptual e o acervo emotivo que compõem o olhar do eu lírico sobre o mundo.

Típico *macrotexto*, como diria Maria Corti, em seus *Princípios da comunicação literária* (1976), uma

FOTO: ARQUIVO DO AUTOR



Edônio Alves, poeta, professor e jornalista, autor de *Poesia até aqui*, súpula de sua produção poética

vez que cada segmento é dotado de autonomia semântica e estrutural, embora enredado nas fibras sintáticas do conjunto. O texto também se vale, em seu itinerário construtivo, das recorrências vérsicas, onde os últimos versos de um poema são retomados no início de outro, assim como certas palavras, certas incidências rítmicas, certas configurações rítmicas, paralelismos, redundâncias, oxímoros, enfim, múltiplos recursos retóricos a lembrarem a sextina medieval, compondo, assim, a prismática unidade de forma e conteúdo.

No título já ecoa a voz de Camões e a espessura de seu canto filosófico. “As coisas todas são feitas/do não poderem ter sido”, lemos no primeiro dístico, que se põe como se fora uma premissa básica a exigir desdobramentos e glosas pontuais. “É do próprio acontecer/já não terem sido mais”, lemos no fecho do primeiro movimento. Se é Camões, também é Bandeira, também é Pessoa, pois Edônio Alves Nascimento, poeta-leitor, não escapa, aliás, como ninguém, ao imperativo destas raízes poéticas fundamentais.

“No seu equilíbrio instável,/ As coisas são e não são”, e, mais adiante, “No seu equilíbrio estável,/As coisas nunca serão”. Instabilidade, estabilidade, precariedade, insustentabilidade, leveza, oscilação, evanescência, eis um pequenino glossário que pode referenciar a correntiza cética e irônica que mobiliza o percurso do poema. Percurso plurivocal em que, sem temer confrontos verbais e contaminações melódicas, Edônio cristaliza sua fala poética, suas diretrizes próprias, sua percepção autônoma.

E para tanto, nas questões que se põem perante o claro enigma do ser, convoca, em intercâmbio essencial e salutar, a parceria de Omar Khayyam, de Ferreira Gullar e Carlos Drummond de Andrade, principalmente de Drummond, pela linha corrosiva que costura certas passagens do poema. Observemos estes versos: “(...) Repare sempre a seu lado/



FOTO: INTERNET

T. S. Eliot (1888-1965), poeta modernista, dramaturgo e crítico literário

Um outro lado que está/Paralelo ao seu ombro/Que sempre suporta o mundo.//Não o mundo de Raimundo/Que não pode suportar (...) Mundo, mundo, vasto mundo,/Se tu não fosses Raimundo/Carecias de ter sido”.

Edônio é dado às exigências do *macrotexto*. Nos livros anteriores, exercita-se no âmbito desta forma, com os poemas “Os amantes de Orfeu” e “Do amor e seus corolários”, atento, sobretudo, às instâncias do lirismo amoroso, uma das vigas centrais de sua poesia, ao lado do discurso metalinguístico, das solicitações do cotidiano e da angústia existencial e metafísica. E é esta, sem dúvida, a vertente temática que predomina no “Desconcerto das coisas”, ajustando, na propositura do poema, a gravidade moderada do tom a uma perspectiva que brota do ceticismo, não do ceticismo que apenas duvida, porém, do ceticismo radical, que examina, que vai fundo, que não se contenta com a aparência das coisas, principalmente se as coisas se nos apresentam ordenadas, definitivas e perfeitas.

Daí, os “sem-sentidos do mundo”, que desencadeiam os últimos versos, simultaneamente versos conclusos e inconclusos, com os quais o poeta arremata seu poema. Vejamos:

*Já que de inconsistente tecido,  
são todas as coisas feitas.*

*Amiúde, todas as coisas  
(as verdadeiramente reais),  
Que nunca chegarão a tecido.*

*Pano de fundo em mistério  
de tudo que há no mundo.  
E ainda há muito mais,  
Diz o versículo, glosando:*

*Há o que há por detrás  
de tudo que há no mundo  
para o fluxo-recorrer  
Das coisas todas do mundo.*

*É assim o acontecer  
Do fatídico prorromper:  
já não terem sentido”.*

Sem abdicar de pensar o amor, “O desconcerto das coisas” procura na clareza e na concisão cabralinas de seus versos, tocar a nervura de outras matérias, adensando – quero crer – o capital de suas inquietações poéticas. Diria que sua linguagem, seu labor do verso, sua virtualidade na composição, sua intuição musical, assim como seu olhar, curiosamente especulativo e lúdico, fundidos no rigor e na justa medida do andamento poético, atingem a plena matu- ▶

▶ razão de seus processos, que somente a persistência e os anos de aprendizado podem conceder.

Nos “Poemas minimais”, por sua vez, se a focalização lírica não muda e se a cadência do verso procura fluir na lógica do comedimento, da concentração e da economia, a propósito sinalizada no sintagma “minimais” (muito em pouco, mais no mínimo, por exemplo), adere, não obstante, a dispositivos estilísticos mais descontraídos, em que a componente lúdica e coloquial se mescla com a distância crítica da qual o eu poético não abdica em momento algum.

Se em “O desconcerto das coisas”, em seu insistente perscrutar ontológico, cabe, aqui e ali, um registro de fala coloquial, sem comprometer, todavia, a espessura do pensamento, em “Poemas minimais”, que também faz a crítica do ser, a linguagem é toda espontânea, imediata, solta, perfeitamente sintonizada com os elementos do cotidiano, a partir de uma técnica minimalista e epigramática que faz dos poemas curiosas mônadas verbais cheias de sugestões semânticas.

Em “Virtualidades”, ironicamente assinala o eu lírico, frente aos sortilégios do ciberespaço:

*Um dia nos encontraremos num chat.  
Chato esses amores sem chiclete.  
Desemoções no teclado.*

A mesma perspectiva irônica aparece em “Degustação”:

*Repare: essa é pra você bolar de rir.  
Meu coração é fel com menta.  
Essência de chantilly.*

O mesmo se pode dizer de textos, como “Um flash back”, em que topamos com este verso macio e luminoso (“A seda acesa seduz!”); “Freudiana n. 1”, “Declaração” e o desconcertante e irreverente “Sofisma”, que faço questão de transcrever:



*Ilustração de Edmund J. Sullivan para Rubaiyat, de Omar Khayyam*

*Antes, eu queria amar todas as mulheres.  
Depois, por displicente desleixo, abdiquei da pretensão.  
Hoje, quero que todas me amem.*

Sem a tonalidade de uma linguagem de viés clássico, típica, por exemplo, de um Vanildo Brito e de um José Antonio Assunção, para me referir apenas a dois poetas paraibanos que integram, sem dúvida, o *paideuma* edoniano, o autor de *Poesia até aqui* mantém, no entanto, na esfera geral de sua dicção, mesmo no lirismo amoroso de *Essa doce alquimia* e de *Os amantes de Orfeu*, o fio interno do pensamento crítico na consecução de seu discurso poético.

Medularmente pessoano, Edônio Alves Nascimento é poeta da emoção e do pensa-

mento. Aquela espécie de “metafísica instantânea”, de que fala, ou, por outro lado, aquele “súbito momento de irreversível intuição”, a que alude um sábio budista, não raro impregnam seus poemas, ora reunidos nesta *Poesia até aqui*. Uma poesia que constitui, a partir de seus predicados intrínsecos e de suas ressonâncias contextuais, um exercício de zelo e inventividade no que concerne às possibilidades oblíquas da palavra poética e, ao mesmo tempo, uma grave e pertinente meditação acerca do homem e da vida. ✦

Hildeberto Barbosa Filho  
é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

# Sereias

## pré-pós sereísmo

Leonardo Davino de Oliveira

Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Sereia.  
Detalhe  
de entalhe  
do altar da  
capela do  
Santíssimo  
Sacramento.  
Convento  
de Santo  
Antônio  
e Igreja  
de São  
Francisco



No Convento de Santo Antônio e Igreja de São Francisco, em João Pessoa, capital da Paraíba, cidade que se desenvolveu entre o rio e o mar, sereias ornaram os altares barrocos da capela do Santíssimo Sacramento. Esses raros entalhes no templo cristão recuperaram a figura clássica da sereia como símbolo funerário: guardam o corpo de Cristo. Elas se aliarão às figuras bíblicas para incutir temor aos fiéis que ousassem se deixar seduzir pelas belezas do mundo em detrimento de Deus. Mas também apontam para a mestiçagem e a potência sincrética de nossa cultura. Essas sereias paraibanas mostram que o mito resistiu aos exorcismos.

Luiz da Câmara Cascudo as descreveu no artigo “As sereias na casa de Deus” na edição de 5 de abril de 1952 de *O Cruzeiro*: “cabeleira em concha, o cinto venusino abaixo dos seios, uma volta de flores na altura do ventre e o longo corpo ictiforme volteando como ornamento e moldura”. Cada elemento mereceria uma análise particular. O pesquisador rejeita a égide sedutora em prol do símbolo funerário, para interpretar as sereias paraibanas. Cascudo percorre três séculos antes da igreja de Cristo buscando explicar a relação das sereias com a morte, num tempo em que elas ainda eram seres alados e barbados.

Desde que Ulisses narrou o famoso canto das sereias na *Odisseia* de Homero, esses seres cantores ocupam um espaço importante no bestiário popular, nas artes e no pensamento crítico. Seres matriarcais detentores de um canto que não cessa, que se transforma para manter-se vivo na cultura como elemento poético, as sereias

► são portadoras do canto audível aos ouvidos humanos comuns. Com o tempo o aspecto narrativo foi eliminado. O rabo de peixe e a beleza física surgem na transformação do mito em lenda na Idade Média. Aliás, nesse período o uso moral dos animais era algo corriqueiro e a arte escultórica fez grande uso das sereias, como mostra Louis Réau, entre outros. Elas se aliarão às figuras do Velho e Novo Testamento para advertir os fiéis que mantivessem temor a Deus – causa primeira e destino de tudo. Criaturas híbridas, para o Cristianismo, elas significavam também a alma dividida entre os dois mundos e o mal na sua ambiguidade: sedução e pecado.

O fato é que a beleza calcada em elementos clássicos, aliada à morte, reforçou a inibição das potencialidades essencialmente vocais que tais seres detinham. Ou seja, a sereia bela fisicamente é símbolo da ideologia que tem na mulher a perdição do homem. Fonte de luxúria e sedutoras a serviço das condutas impuras, as mulheres passaram a ter suas representações ligadas ao mito. Aliado a isso, a ênfase no aspecto físico em detrimento da voz impõe a ordem de calar as mulheres que cantam: belas por fora e terríveis por dentro. A voz de alguém cantando indica que há um indivíduo de carne e osso existindo. É essa unicidade que assustava grande parte dos pensadores e religiosos medievais e assusta ainda hoje.

Cascudo destaca que as sereias estão em outras igrejas católicas e cita, entre outras, os capitéis do Mosteiro do Salvador de Travanca (Amarante-Portugal), e diz desconhecer a presença delas em outras igrejas brasileiras. Porém, perto da Paraíba, em Recife (PE), sereias guardam a entrada na Igreja de São Pedro. Mas ficam do lado de fora, sem entrar. Daí a raridade das sereias paraibanas.

No romance *O outro pé da sereia*, Mia Couto sugere uma oportuna reflexão no trecho da carta de despedida da personagem Nimi Nsundi: “Quando a

olhei de frente confirmei que era ela, a Kianda: os cabelos, a pele clara, a túnica azul. O que sucedeu é que a nossa deusa ficou prisioneira na estátua de madeira dos portugueses. Libertar a sereia divina: essa passou a ser a minha constante obsessão. (...) Na popa da nossa nau está esculpida uma outra Nossa Senhora. Deixo essa para os brancos. A minha Kianda, essa é que não pode ficar assim, amarrada aos próprios pés, tão fora do seu mundo, tão longe de sua gente”. Esse gesto antropofágico de manutenção da memória interessa à discussão do mito: o embate estético entre as sereias com rabo e as sereias com pés. Nesse sentido, a sereia europeia de dupla cauda – a temível Melusina – está mais próxima de Maria, que, por sua vez, distancia-se de Kianda. Mas mesmo tendo cauda dupla, as sereias paraibanas não se aproximam iconograficamente da Melusina. Diferente desta, elas não aparecem segurando os rabos abertos à oferta sexual.

A presença das sereias na casa cristã paraibana quer falar de amálgama, de sincretismo, bem como do erotismo estético que caracteriza a nossa *barroca* mobilidade cultural. Mesmo amansadas pela Igreja, as sereias se impõem como presença, indicam que há algo além daquilo que está sendo oferecido. O próprio Cascudo lembra que “os templos olímpicos receberam a presença dos santos (...). Numa carta famosa, o Papa Gregório Magno mandou conservar os templos e retirar os ídolos”. Atitude não muito diferente da empreendida pelas igrejas neopentecostais que vem ocupando teatros e cinemas, entre outros espaços seculares, na tentativa de expansão do domínio. No entanto, como o pesquisador também observa, “ninguém intimou a Sereia a desenrolar a cauda e remergulhar no Rio Paraíba, caminho de Cabedelo, ganhando o Atlântico. As sereias ficaram. Ficaram na sua forma pisciforme pós-clássica, de semi-peixe”.

Fica a questão: as sereias, mesmo quando parecem convidar à morte, não estariam convidando à vida, via convite ao risco e pela memória cantada? Não é essa a memória que julgamos perdida na cultura brasileira sempre disposta à *novidade* em detrimento do *novo*? Para usarmos expressões caras a Adorno leitor de Homero. Por sua vez, ao escrever que “as sereias têm uma arma ainda mais terrível que o canto: seu silêncio”, o narrador de Kafka está se referindo às modernas narrativas vazias de experiências narráveis, à desistência e/ou impossibilidade de narrar diante do horror da guerra, do progresso vazio. O esclarecimento matou o mito. E as sereias, forças de dissolução, indicariam a arte como forma de conhecimento.

Perder-se. Eis o infinito sirênico. Perder-se entre os detalhes da fauna e da flora tropicais e dos frutos regionais que inspiraram os artistas a decorar a jóia barroca paraibana com cajú, abacaxis e sereias. As sereias paraibanas estão no meio, entre o rio e o mar, na travessia pré-pós *sereismos*, na experiência das misturas, dos encontros desimpedidos de proibições morais e religiosas. Cambiantes, moventes, elas são algo novo, o enigma, o centro motor da possibilidade que temos da *invenção* do Brasil. É deste modo que as sereias paraibanas – Iaras? Kianas? Marias? – tão mal conservadas, gastas pelo tempo e pelo descaso humano, banhadas pelo sol tropical que ilumina seus detalhes em ouro (de Oxum?), resistem e deixam de serem exóticas, excêntricas, para ser signo de uma ética nacional. ✦

Leonardo Davino de Oliveira é professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador residente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Mora no Rio de Janeiro (RJ)



# Augusto de Campos:

## UM LÍRICO NO AUGE

# do experimentalismo

**A** obra de Augusto de Campos interessa ao leitor de poesia, quer seja ela focalizada numa perspectiva sincrônica ou diacrônica. O aspecto diacrônico, já amplamente debatido, diz respeito ao significado da intervenção concretista em nossa série histórico-cultural. A invenção da poesia concreta legou às gerações seguintes um conceito ampliado do signo poético. O aproveitamento funcional do espaço (gráfico ou tridimensional); o recurso sistemático à paronomásia, ao plurilinguismo, à polifonia, à (des)articulação de palavras; a interpenetração de linguagem da poesia e linguagem dos *mass media* – são alguns dos traços que estão hoje incorporados à poesia brasileira, e que revelam quanto ela é tributária da revolução provocada pelo experimentalismo do grupo Noigandres. Desde a década de 50, a consciência dos recursos *verbivocovisuais* (sentido + som + aspecto gráfico) da poesia orienta toda uma linha de poetas, numa esfera que se estende a áreas contíguas, como a da música popular. Nenhum outro conceito de poesia levou tão longe quanto a poesia concreta o intercâmbio com outras linguagens artísticas e com os novos meios tecnológicos e seus códigos específicos. Sem contar a inestimável contribuição do grupo paulista à cultura nacional no campo da crítica e da tradução.

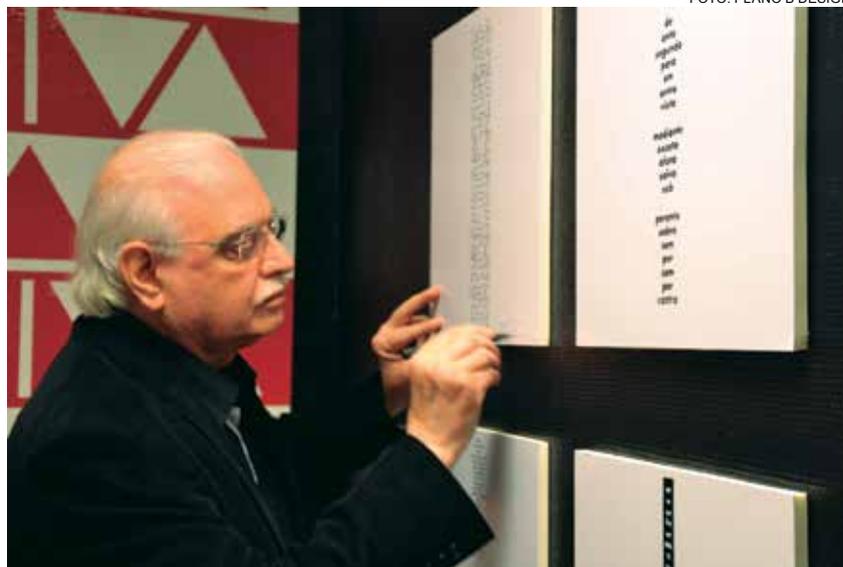
A importância desse significado diacrônico não impede, entretanto, que sublinhemos um segundo, de natureza sincrônica, e que envolve uma

visão ainda pouco privilegiada na leitura da obra em questão: o lirismo peculiar do poeta. Talvez porque a nossa cultura artística associe (com toda a razão) o experimentalismo a certo espírito científico e (sem razão alguma) julgue-o incompatível com a expressão lírica. Ou talvez porque a própria leitura que fazemos dos poemas visuais permaneça ainda excessivamente condicionada por certos aspectos pontuais dos manifestos lançados pelo Concretismo, nos anos 50, aparentemente mais lidos e discutidos do que a produção literária de seus criadores. Fato é que o poeta lírico e o poeta de vanguarda quase nunca se encontram numa mesma abordagem crítica da obra de Augusto de Campos. E, no entanto, o lírico se manifesta com vigor, tanto no plano temático quanto no nível estrutural de sua poesia. Basta lembrar que a primeira experiência do que se pode chamar de poesia concreta, entre nós, a série *Poetamenos*, consiste numa sequência de poemas de *amor* e *saudade* (Caetano Veloso deve ter sido o primeiro a chamar atenção para isso, quando enxertou em sua leitura de “Dias dias dias” os versos da canção “Volta”, de Lupicínio Rodrigues).

Com efeito, delineia-se com muita nitidez, na obra do poe- >

ta, uma persona lírica que se inscreve na temática do amor e do erotismo: “Os sentidos sentidos”, “Eis os amantes”, “Limite”. E também evoca com frequência o tema da solidão – a solidão de um sujeito, a dos poetas, a da espécie humana no Cosmos: “Que faremos após / sem sol sem pai sem mãe / na noite que anoitece? / vagaremos sem voz / silencioso / SOS”. Que mais expressiva alegoria desse sentimento se pode conceber do que aquele canto de baleia decifrado, em que se *ouve*, por entre sequências de *mm*: “o mar me esquece / Jonas me conhece / Só Ahab não soube / a noite que me coube” (Canção-noturnadabaleia)? Solidão e incomunicabilidade, contra o que a comunicação poética seria um gesto utópico de aceno ao futuro: “abraço de anos-luz / que nenhum sol aquece / e o oco (eco) escuro esquece” (Pulsar).

No nível da construção, a analogia de estruturas com a linguagem musical é o elo a se estabelecer entre a poética de Augusto de Campos e o que se costuma entender por *lírica*, naquilo que este termo induz ao parentesco entre a arte da palavra e a música. Se, em seu aspecto semântico, o Concretismo se pronunciou, em princípio, como alternativa excludente à poesia de expressão subjetiva, que distingue o conceito tradicional do gênero lírico, por outro lado, é possível afirmar sem receio que a poesia concreta realizou uma sincronização entre essas duas artes, fazendo corresponder a uma poética de vanguarda uma sonoridade igualmente *dissonante*, em diálogo com o experimentalismo da música do nosso tempo. Os poetas concretos promoveram uma profunda reestruturação do poema, tanto em seu aspecto gráfico quanto em sua camada sonora. Explodindo o verso, ao mesmo tempo em que libertavam a palavra no espaço da página (e para além dela), abriam caminho para novas experiências de oralização, algumas inspiradas na música de vanguarda, fixando um novo



Augusto de Campos autografa poema no Projeto Expográfico Augusto de Campos - Poésie Verbivocovisuelle, reinaugurando a galeria da Embaixada do Brasil em Bruxelas, Bélgica

paralelo entre essas duas velhas irmãs: um reencontro com a *mélica*, a “poesia articulada com a música”, atualizadas ambas com as formas vigentes no contexto da contemporaneidade.

Augusto de Campos é o poeta brasileiro a quem coube reatar esses laços semióticos. O exemplo mais notório disso é a referida sequência de poemas coloridos, inspirada na *Klangfarbenmelodie* do compositor austríaco Anton Webern, que o poeta descreveu como “uma melodia contínua deslocada de um instrumento para outro, mudando constantemente de cor” (*Teoria da Poesia Concreta*, Brasiliense, 1979). Composto em 1953, o *Poetamenos* ante-

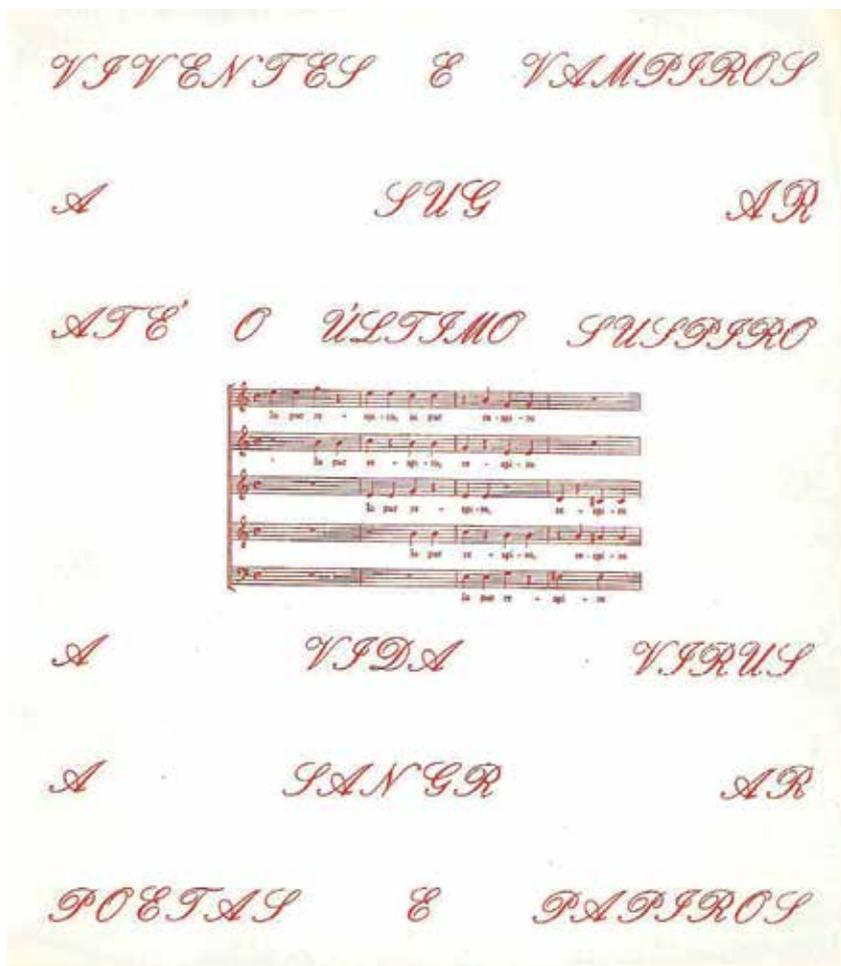


“Limite” (1980)

cipou em uma década a visada de Mikel Dufrenne, que afirmaria: “talvez a música contemporânea, na medida em que renuncia à tonalidade e ao compasso, possa lançar as bases para uma nova aliança entre poesia e música” (*O poético*. Ed. Globo, 1969). Mas o lastro musical dessa poesia não se restringiu àquela primeira experiência. Nos anos 80, por exemplo, “Viventes e vampiros” revisita a analogia poesia/música. Ali, a decodificação do ritmo está decisivamente influenciada pelo diálogo com a partitura reproduzida ao centro da página (um fragmento do madrigal *Io pur respiro in cose gran dolore*, do italiano Carlo Gesualdo). Por uma espécie de contaminação entre os códigos, a representação gráfica

- dos versos é interpretada rigorosamente como um diagrama, de modo que os intervalos em branco correspondam pontualmente a pausas. Assim, os versos mais longos apresentam o mesmo comprimento que os mais breves. Não é uma disposição gráfica arbitrária: trata-se de uma alusão à noção musical de compasso, em que o poeta distribui na linha horizontal *figuras* de duração variada (inclusive as pausas), de modo que o somatório delas, no tempo de leitura, seja sempre o mesmo.

São constantes as referências a músicos na poesia de Augusto de Campos. Anton Webern, Giacinto Scelsi, John Cage são alguns dos compositores citados. No ensaio “Cage: chance: change” (*O anticrítico*. Companhia das Letras, 1986), ele escreveu: “Depois que Pound morreu, o maior poeta vivo americano, talvez o maior poeta vivo, é um músico: John Cage”. Em contrapartida, presta grande reverência à melopeia dos trovadores provençais, subscrevendo o juízo de Pound, para quem “a arte de Arnaut Daniel não é literatura, é a arte de combinar palavras e música numa sequência onde as rimas caem com precisão e os sons se fundem ou se alongam” (cit. em *Verso reverso controverso*, Perspectiva, 1988). As referências e reverências atravessam a música erudita e chegam aos compositores populares, como Caetano Veloso e João Gilberto. Ainda nos anos 70, num ready-made intitulado “Soneterapia 2”, versos alheios colhidos em poemas e canções nos davam o roteiro dessa travessia sem limites: “Tamarindo de minha desventura / Não me escutes nostálgico a cantar / Me vi perdido numa selva escura / que o vento vai levando pelo ar”. Já em “Coisa”, da década seguinte, um mosaico sincrônico de citações realiza a mixagem de fragmentos de Arnaut Daniel, Guido Cavalcanti, Dante, Jimi Hendrix e Cole Porter. Em mais este aspecto, é possível perceber a orientação do poeta pelos critérios da inventividade e radicalidade.



“Viventes e vampiros” (1982)

O experimentalismo, a poesia de invenção, a abertura ao diálogo intersemiótico são, indiscutivelmente, as mais fecundas mensagens a se apreender na poética de Augusto de Campos. Mas a fruição dessas mensagens não implica, nem precisa implicar, uma renúncia do leitor ao con-

teúdo lírico de sua poesia. Talvez seja esta, ao contrário, uma das traduções possíveis para a expressão “o cerne da experiência humana poetizável”, que o poeta deixou em aberto num dos manifestos dos anos 50. ✦

#### NOTA

O texto acima foi publicado originalmente na extinta revista *Sebastião* (Selo Sebastião Grifo) de São Paulo, em 2002. Trago-o de volta, mais de uma década depois, com algumas alterações. O poeta Augusto de Campos foi, recentemente, homenageado com o Prêmio Iberoamericano de Poesia Pablo Neruda, e acaba de lançar mais uma coletânea de poemas, intitulada *Outro* (ed. Perspectiva).

Expedito Ferraz Jr. é poeta e professor de Teoria Literária da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

# Espectadores (12)

## Eleonora Falcone



**V**amos começar pelo começo: como foram os seus primeiros contatos com o cinema?

Eu e meu irmão, quando crianças, íamos às matinais de sábado do Cine Municipal ou Plaza levados por nosso avô. Foi quando me apaixonei por *Mary Poppins* e *Topo Gigio*. E aquele ritual de ir ao cinema cultivo até hoje – nada como ver um filme no escurinho do cinema, apesar do incômodo do barulho de pipoca, celulares e conversas de parte dos espectadores. Acho que a relação que se estabelece com um filme, estando no escuro e diante de uma telona, é diferente do que acontece quando se vê um filme na TV ou no computador. O cinema nos proporciona as condições físicas ideais para o mergulho no filme, naquela fantasia, naquela realidade. Talvez o escuro do cinema nos revele nossa intimidade, nossa essência... Lembro também de ter visto *E o vento levou* na pré-adolescência, quando morava com minha família nos Estados Unidos. Fiquei encantada, sobretudo, com aquele ritual com intervalo, pois por ser muito longo, o filme era exibido em duas partes.

**Enquanto cantora e compositora, você assegura que o cinema teve certa influência na sua formação e carreira? Como?**

Morando nos EUA, tive contato com a produção cinematográfica americana das décadas de 30 e 40, cujos filmes eram exibidos na TV.

Foi quando conheci Fred Astaire e Ginger Rogers, e junto com eles toda a magia dos musicais. Mas sem dúvida, o que despertou em mim um desejo muito forte de me expressar artisticamente foram os filmes de Bergman e suas personagens femininas. Queria ter vivido aquelas mulheres no cinema. E de certa maneira, aquelas personagens me levaram a cantar. Digamos que sempre quis fazer cinema, mas sempre preferi cantar a falar o texto. Morando no Rio, pra onde me mudei após concluir o curso de Psicologia na UFPB, e onde iniciei minha carreira de cantora, também estudei teatro e cheguei a fazer uma ponta num longa-metragem, *Assim na tela como no céu*, dirigido por Ricardo Miranda.

**As suas letras de música têm muito de poesia. Mas, para nos mantermos no terreno do cinema, você acha que é possível um “filme poético”?**

Sim, pois toda expressão artística pode ser livre como a poesia, pode acontecer pra além das regras. Quando o cinema se utiliza de todo seu potencial enquanto linguagem, se expressando de uma forma que só ele, o cinema, tem como se expressar, acontece a poesia. Assim como no teatro, quando ele, teatro, acontece de um jeito que só ele pode fazer acontecer. Num filme como *A história da eternidade* (Camilo Cavalcante, 2015), quando me entrego ao rit- ▶

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



*Eleonora Falcone é cantora e compositora. Nasceu em João Pessoa e iniciou a carreira artística no Rio de Janeiro*

► mo com que ele apresenta aquele universo, acontece a poesia. Eu me submeto àquele ritmo, seduzida pelo que vejo, me envolvendo com as personagens e suas tragédias.

**No cinema, há, para você, temas que sejam preferidos, ou, indesejados, descartáveis?**

Não é exatamente o tema que me incomoda, e sim como este tema é apresentado. Me incomoda ir pro cinema e saber, já no início do filme, o que vai acontecer. O imprevisível, o olhar de uma perspectiva diferente, me interessam num filme. O cinema, como qualquer outra arte, pode trazer consigo o esperado, para que inclusive a identificação aconteça, mas é maravilhoso quando uma obra envolve o espectador com o imprevisível, arrebatando-o e despertando sua sensibilidade pro novo, pra diversidade. Mas independente de como se dá a narrativa do filme, a magia do cinema é justamente entrar numa sala escura e ver, no que está sendo projetado na tela, a projeção de uma fantasia que é minha, de uma realidade que é minha. Ver um filme, assim como ouvir uma canção, é uma experiência afetiva e intelectual. Podemos perceber as coisas com a cabeça ou o coração, ou os dois; querendo o novo, mas também presos ao que já existe, pois não estamos livres de nosso passado. Depende do que desejamos ou precisamos, se nos acalmar ou nos inquietar.

**Qual seria o seu perfil de espectadora? Você se considera uma espectadora normal, ou idiossincrática, com gostos e exigências bem particulares?**

Procuro não ter preconceito, mas corro da maioria dos filmes exibidos nos shopping centers, ou seja, do cinema comercial, aquele que é cinema de entretenimento, que repete uma fórmula e segue um padrão, que é previsível, que não surpreende. Não gosto do cinema que se nega a ser cinema enquanto linguagem, mesmo quando dialoga com as outras linguagens artísticas. Cinema é imagem, é som, e pode ser poesia e liberdade. O cinema pode nos levar à reflexão ao abordar temas

e questões humanas, sejam individuais ou coletivas, com liberdade narrativa e de forma não convencional. E a reflexão é transformadora. Não deixo de assistir a um filme porque um amigo ou crítico não gostou. Se o cineasta, o tema, os atores, a fotografia, a música, as locações, o cartaz me interessam, ou se simplesmente estou com vontade de ir ao cinema, repito o ritual. Ir ao cinema é correr risco. Quando estou comprando o ingresso, torço pra que ao final eu diga pra mim mesma: eu queria ter feito esse filme!

**Os gêneros tradicionais (drama, comédia, ficção científica, etc.) lhe atraem, ou você acha que gêneros é melhor não tê-los?**

As combinações entre eles me atraem mais. Não devemos perder a perspectiva de que em arte, as regras e fórmulas existem pra deixarem de existir, pra que a gente siga uma linha evolutiva, aprimorando nosso processo criativo e mudando o jogo. Qual o gênero de *Lucy* (Luc Besson, 2014), por exemplo? Ele é apenas ficção científica? E pra que serve dar gênero às coisas se não pra ter como colocá-las à venda numa vitrine, colocar uma venda em nossos olhos pra fazer com que a gente veja as coisas de um jeito só? Reconheço em *Lucy* questões que são minhas, e isso me faz gostar do filme. Não sou crítica de cinema, nem tenho conhecimento acadêmico sobre teoria e técnica da sétima arte, mas duvido muito que um crítico esteja livre de sua história pessoal quando assiste a um filme.

**A sétima arte, a gente sabe, é um composto onde cabem as outras seis artes. Por acaso chama a sua atenção a presença das outras artes no cinema. Quais? E por quê?**

Cresci ouvindo música, indo a shows, indo ao cinema, sempre estimulada por minha mãe, que era também artista plástica. Desde cedo tive contato com fotografia, através de meu pai e meu avô, que sempre me fotografaram. E as artes nunca estão sozinhas, há a luz no teatro, a música no cinema, o poema no canto. Mas cada arte

tem sua especificidade, e cada artista sua personalidade. E é assim que acabamos preferindo determinado cantor, ator, compositor, cineasta. É interessante quando a música de Nino Rota, em um filme de Fellini, rouba a cena, sem nos fazer esquecer da genialidade do diretor, que é quem articula as sensibilidades do compositor, do fotógrafo, do roteirista, dos atores etc. Mas é interessante, também, quando a trilha está em tamanha simbiose com a narrativa e suas cenas que mal podemos ouvi-la, embora ela seja também responsável por nos conduzir a ter compaixão pela personagem, ao sentir o que ela sente.

**Uma boa curtição você revela que teve no Cinema Tambaú, anos oitenta, com as sessões do cinema de arte. Rememore o período.**

Foi uma fase muito importante em minha vida. Vivíamos a abertura política, e ao deixar o colégio para entrar na universidade, vi um mundo novo, de infinitas possibilidades, se abrir diante de mim. E aquelas sessões, às 22h da sexta e às 16h do sábado, se tornariam ponto de encontro de artistas, jornalistas, intelectuais, estudantes, professores. Pelo cinema do Hotel Tambaú passaram Eisenstein, Glauber, Fellini, Bergman, Resnais, Godard, Truffaut, Fassbinder, Buñuel, Saura, Kurosawa, Woody Allen e tantos outros, a nos mostrar o que era cinema, como poderia ser feito, o que o cinema poderia dizer de humano, sobre o humano. Abordando questões éticas e estéticas, eles nos ensinavam a olhar o cinema sem preconceito, e mostravam que não há uma única maneira dele ser feito. A partir dos anos 90, as salas de cinema começam a diminuir de tamanho e a deixar as ruas pra invadir os shopping centers. É a indústria de cinema, apoiada por forte esquema de divulgação e distribuição, a dar ao público cada vez mais acesso ao cinema comercial, aquele cinema que segue um padrão em sua feitura. O cinema de arte, enquanto isso, vai se restringindo aos festivais, mostras, locadoras e algumas salas de rua que resistem ►

▶ bravamente, pra alegria e salvação dos cinéfilos. O Estação Botafogo, cinema de rua do Rio de Janeiro, surge em meados dos anos 80 e torna-se referência e modelo de cinema de arte, e até hoje é prova de que há público pra todos os tipos de cinema. Quando me mudei pro Rio, encontrei no Estação Botafogo um substituto pras sessões de cinema do Hotel Tambaú.

**Você me conta que assistiu *Deus e o Diabo na Terra do Sol* nos Estados Unidos, ainda criança, e só depois é que o reviu por aqui. Que importância você atribui à obra de Glauber Rocha?**

Eu tinha 12 anos quando fui com minha família morar nos EUA, para meu pai fazer mestrado em Tecnologia de Alimentos na Universidade da Florida. Meus pais, meu irmão e eu vimos este filme numa mostra de cinema brasileiro no Departamento de História da América Latina, onde minha mãe estudou. Tenho uma vaga lembrança desse dia, e devo ter revisito esse filme no Cinema Tambaú. Glauber Rocha foi, sobretudo, um grande artista, um visionário. O cinema foi seu caminho, e ele nos deixou um novo caminho. Apaixonado pelo Brasil, conta e reconta a nossa história. Com a câmera na

mão e muito, muito mais que uma ideia na cabeça, passeia pela cena e seus objetos ou faz suas personagens passearem diante da lente, numa dança entre o seu olhar de criador e o de suas criaturas. Ele nos empresta seu olhar profundo para fazermos o reconhecimento de um Nordeste, de um Brasil, de uma Humanidade que muitos, por conveniência, não querem ver. “O homem não pode ser escravo do homem”, diz Glauber pela boca de Manuel em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. E através da ação e consciência de Rosa, o cineasta dá outro sentido a uma personagem feminina no cinema. Continuando em *Deus e o Diabo*, em seus diálogos não falta nem sobra palavra ou vírgula, e estas se cruzam com a cena e suas imagens de forma precisa, como ocorre entre voz e violão em João Gilberto. Cada frame em Glauber é poesia feita de luz e forma. E de quebra, ao som de Villa-Lobos, acontece entre Rosa e Corisco o mais belo beijo da história do cinema. Como João Gilberto em “Desafinado”, ou como o “Domingo no Parque” de Gilberto Gil, a obra de Glauber Rocha quebra os paradigmas existentes, fazendo deste período um dos mais férteis da nossa arte. É a bossa nova, é a tropicalia, é o cinema novo, mos-

trando o Brasil pro Brasil e pro mundo; a nos dar outro olhar, outro sentir, outro pensar; até hoje a nos influenciar, desafiar, inspirar.

**Para fechar, gostaria que você mencionasse os seus filmes mais amados em todos os tempos e espaços. Por favor, arrole sete títulos.**

São tantos, e de muitos nem me lembro. Também não sou de rever um filme, prefiro ver um que ainda não vi. Contudo, posso citar, sim, sete filmes dos quais me lembro, neste momento, com admiração: *Caverna dos sonhos esquecidos*, Werner Herzog (2010), *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Glauber Rocha (1964), *E la nave va*, Federico Fellini (1983), *Limite*, Mário Peixoto (1930), *Matchpoint*, Woody Allen (2005), *O som ao redor*, Kleber Mendonça Filho (2012) e *Sonata de outono*, Ingmar Bergman (1978). ✦

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB)

*Cena de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), filme de Glauber Rocha, considerado um marco do chamado cinema novo*



## Estrela de Matos

51

Sei lá se 51 é uma boa ideia  
 Ridículo começar um poema por aqui  
 (Mais ridículo é você se lembrar da porra da propaganda)  
 Só sei que cheguei aqui  
 Num onde não sei  
 Num tempo qualquer  
 O que existe mesmo agora é uma vertigem  
 Violenta  
 Contemporaneamente aterradora  
 Que mistura tudo  
 Pedacos de tudo  
 Alma de todos  
 Vórtice de vidas  
 Dias e meses e segundos na mesma  
 Diabólica velocidade  
 Coisas aos trancos e barrancos  
 E mangues e desertos e esgotos  
 Esta vida é um grande deserto  
 E eu estou chegando nele  
 Com esta carne que me incorpora  
 E me diz:  
 Sim, tu tens 51 anos  
 Menos  
 Os sonhos que ficaram na estrada  
 Os amores que não se completaram  
 Os beijos que se perderam  
 Os olhares que se exterminaram  
 O tempo com as pessoas certas  
 As noites que dormi demais  
 Cedo demais, meu Deus!  
 E a estranha sensação  
 De que alguns fantasmas  
 Irão agora cada vez mais  
 Me acompanhar,  
 Me povoar estas minhas almas  
 51 definitivamente  
 Não é uma boa ideia.



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SAVIO

### Aleijadinho

a José Eugênio Guimarães

Teu esforço fez-te invulgar e  
 Anacrônico  
 Não poderias ser diferente  
 Nesta colônia que nos matava a todos  
 E continua nos exterminando em dengues e cáries  
 E todo um câncer financeiro sem fim  
 Nem teus medos e taras e choros  
 E sofrimentos  
 Fecharam-te o sopro mais profundo

Isto abissal

que vem do fundo da terra  
 E do azul mais alto e rarefeito  
 Além profetas, além razão  
 Além Portugal

Isto que te sai  
 E inomina os objetos  
 e nos espanta numa arte pura e visceral  
 Tu estarás gravado na carne  
 Deste corpo mais pesado e cruel  
 desta coisa enorme, barroca e tão excessiva  
 que se intitula brasil.

## Conspiração cósmica

Nesta paisagem  
 Quase urbana  
 em que não me reconheço  
 Vejo as raízes e elas abortam percursos em mim  
 Ficamos brigados e nem o caule me toma  
 Então sobram-me folhas sobradas ao pouco vento,  
 no rosto e também peito.  
 Frutos nem ao menos imagino  
 Pois que o cinza dos dias  
 E das noites  
 Certifica uma experiência que nem ousar confirmar:  
 vejo!  
 e sou infeliz  
 mas ser infeliz é de uma felicidade tão outra,  
 tão exilada e anônima  
 que me sinto em depósitos  
 de irrealizações  
 e fracassos  
 e isto, carícia conspiratória,  
 faz-me homem  
 entre homens  
 homem entre coisas  
 E coisa entre dejetos

No mínimo,  
 Cósmico.

## Stoikós

Enfrente  
 vá em frente  
 dê frente  
 em frente

CHOQUE-SE

e não verás muro algum ...



LUÍS MANUEL ESTRELA DE MATOS é poeta, contista e professor universitário. Colabora em alguns veículos midiáticos e revistas virtuais, tanto no Brasil como em Portugal. Mestre pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) na área de Literatura Brasileira. Organiza um livro artesanal de poemas escritos nos últimos 25 anos. Mora em Aracaju (SE).

# LITERATURA E MÚSICA: enfim, juntas

**Lourenço Cazarre**

Especial para o *Correio das Artes*

**N**o começo da década de 1970, cinco jovens fundaram em Porto Alegre uma banda chamada Almôndegas, que bateu lata por cinco anos e lançou quatro discos. Era, digamos para simplificar, uma variação gaúcha de Mutantes. Entre seus integrantes estavam dois irmãos, Kleiton e Kledir Ramil, estudantes de engenharia eletrônica e mecânica, respectivamente, nascidos em Pelotas.

Por essa época, os Ramil conheceram um jovem escritor, interiorano como eles, mas nascido em Santiago, chamado Caio Fernando Abreu, que havia lançado aos 22 anos seu primeiro romance, *Limite branco*. Conversaram então sobre a possibilidade de Caio escrever uma letra que viesse a ser musicada pela dupla. A canção deveria ser um retrato da geração deles, a geração de Netuno no signo de Libra, malucos destrambelhados chegados em sexo, drogas e roqueról.



*Os shows de "Com todas as letras",  
reunindo músicos e escritores,  
começam no Rio Grande do Sul*

▶ Essa conversa entre os músicos e o escritor se arrastaria por duas décadas. Caio saiu de Porto Alegre, morou no Rio e em São Paulo e escreveu livros relevantes, como *Morangos mofados* e *Os dragões não conhecem o Paraíso*. Com o fim dos Almôndegas, os irmãos foram morar no Rio e formaram uma dupla que enfileirou, no começo dos anos 80, meia dúzia de discos com canções de grande sucesso. Basta citar *Deu pra ti* e *Maria Fumaça*.

Só na primavera de 1995, já residindo novamente em Porto Alegre, um ano antes de falecer aos 47 anos, o escritor rabiscou um poema sob um cabeçalho singelo: “de Caio F. para Kledir R”.

A partir do poema os irmãos Ramil desenvolveram uma canção, intitulada “Lixo e purpurina”, bem próxima de ser um hino da geração do desbunde.

“Panos indianos, haxixe marroquino/ Lixo e purpurina/ E aquela menina só pensava em Calcutá/ Sinos do Nepal, mesalina mexicana/ Papos e baganas/ Descolar um jeito de chegar a Katmandu/ Fora dos limites/ Coisa de Netuno em Libra/ Tanta gente boa, tanta trip/ Tanto sexo/ Viajar o mundo sem sair de Porto Alegre”.

A canção hibernou por mais vinte anos. O que fazer com ela? Enquadrá-la em que disco?

A resposta só surgiu há cerca de três anos.

Construir um disco inteiro apenas com cantigas criadas pela dupla em parceria com escritores gaúchos, como Caio.

Tomada a decisão, os Ramil decidiram procurar alguém com largo conhecimento sobre a atual literatura sul-riograndense. A escolha recaiu sobre o professor Luis Augusto Fischer, que ficou empolgado com o projeto.

- Ali estava algo realmente original no mundo das artes da palavra – escreveu Fischer no livro que acompanha o disco.

Da relação de Fischer, que contemplava autores de todas as gerações atuantes e de todos os estilos vigentes no extremo Sul, os músicos escolheram nove nomes.

Começou o trabalho de mutirão, que seguiu um padrão invariável. Os músicos reuniam-se com o escritor em sua casa ou ambiente de trabalho para uma conversa inicial. Em Porto Alegre,



*O “namoro” de Kleiton e Kledir Ramil com a literatura vem dos anos 70, quando conheceram Caio Fernando Abreu*

no Rio de Janeiro e em Brasília, eles interrogaram os futuros companheiros de viagem sobre suas preferências estéticas – literárias e musicais.

Nesse primeiro contato, os escritores eram informados de que teriam liberdade total para a escolha de temas, mas eram também advertidos de que seriam obrigados a criar algo inteiramente novo.

- Não vale buscar o poeminha de amor esquecido no fundo do baú desde a adolescência – advertia Kledir.

Os contatos seguintes eram feitos por meio de cartas eletrônicas, que levavam textos ao Rio, onde residem os Ramil, e que saíam de lá com esboços de melodias para a avaliação dos letristas em gestação.

Ao final da epopéia, que deu como resultado uma obra intitulada “Com todas as letras”, os músicos declararam-se agradavelmente surpreendidos pelo desempenho de seus convidados. Tanto pelas insólitas temáticas levantadas quanto por terem quase todos os escritores se afastado, nessa empreitada musical, de seus mundos ficcionais.

De acordo com Kleiton, o fato de todos os autores serem pessoas distantes do cenário musical proporcionou o surgimento de letras que fogem totalmente aos temas batidos até a náusea pela MPB.

- Embora sendo um nadador apaixonado, eu jamais imaginei que um dia faria uma música sobre natação – ressalta ele. - E menos ainda sobre escovas de dentes. ▶

# A DEUS AO CONFORTO

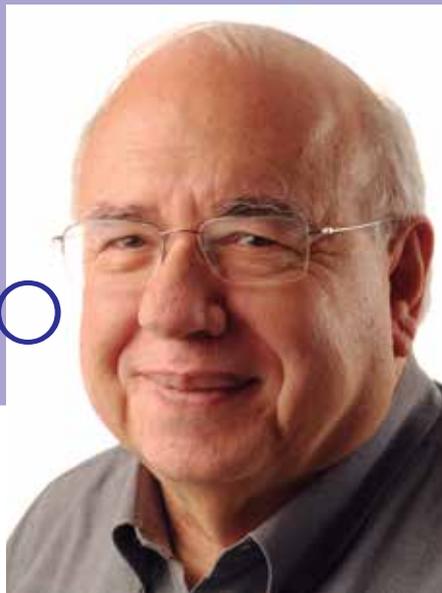
Como o exemplo mais radical do afastamento do escritor de sua zona de conforto temática, Kledir cita Alcy Cheuiche. Embora poeta, dramaturgo e cronista, Cheuiche é mais conhecido pela sua obra ficcional formada por romances históricos que têm como cenário o pampa gaúcho. No entanto, surpreendendo a quem talvez esperasse dele um texto sobre guerreiros percorrendo o Pampa em busca de castelhanos para degolar, o autor de *Sepé Tiaraju – Romance dos sete povos das Missões* inventou – na delicada “Lado a Lado” – um personagem que abençoa a relação homoafetiva de sua filha.

“Se tu gostas dela, minha bela, o que é que eu posso te dizer?/ Me emociono ao ver vocês as duas/ O amor precisa acontecer... Se vocês se amam, minha filha/ Façam uma jangada, uma família/ Abandonem logo essa ilha/ E atravessem o azul do mar”.

Algo semelhante se deu com a letra que Luís Fernando Veríssimo entregou a seus sócios musicais. Conhecido pela veia satírica e textos enxutos e diretos, o saxofonista (que dá uma canja no disco) Veríssimo escreveu a intrigante “Olho mágico.”

“Venha ver o que ninguém mais vê/ Submerso ali num oceano/ O outro lado do outro lado disso que se vê/ O avesso do avesso do Caetano... Veja a luz da luz e a contraluz/ Por um contra-prisma singular/ Há um mundo por detrás do mundo/ Tudo o que parece é muito mais/ Venha ver o que ninguém mais vê, não sabe ver.”

Já Letícia Wierzchowski – autora de *A Casa das sete mulheres*, que deu origem a uma minissérie de tevê – resolveu falar do que



O músico e escritor Fernando Veríssimo escreveu “Olho Mágico”



Letícia Wierzchowski inspirou-se na natação, para compor “Piscina”

sente ao observar seu filho praticando natação.

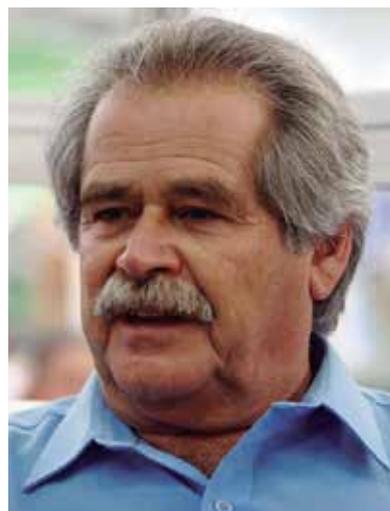
“E na água, na água, na água que dança em teu corpo eu sei que vou/ E na água, na água, na água, o teu brilho reflete e eu sei quem sou”.

Nos shows de “Com todas as letras”, que começaram no Rio Grande do Sul, clipes são projetados em telas colocadas ao fundo do palco. Sem dúvida, o mais bonito desses clipes é o que foi feito a partir de “Piscina”, que tem seu marcante refrão ressaltado por uma sinuosa melodia.

Outro tema inusual foi sugerido por Daniel Galera, autor de *Barba ensopada de sangue*. A letra de “Vinte e oito escovas de dentes” nasceu a partir de um conto que narra a história de um sujeito que, irritado pelo fato da namorada ter usado sua escova de dentes, discute com ela e, depois de “esvaziar uma garrafa de vodka”, sai à rua para espairecer. Ocorre porém que aquele é o dia mais escaldante do senegalesco verão porto-alegrense de 2014. O cara então se arrasta pelas ruas incendiadas observando “a fumaça triste dos churrascos” e “as praças de quem não foi pra praia”. Ao retornar ao apartamento, não encontra mais a namorada. Vê sobre a mesa uma sacola de plástico de farmácia. Dentro dela, vinte e oito escovas de dentes.



Daniel Galera sugeriu o tema de “Vinte e oito escovas de dentes”



O escritor Alcy Cheuiche surpreende com “Lado a Lado”



*Martha Medeiros esnoba as lamúrias amorosas em "Pingos nos is"*



*O poeta e cronista Fabricio Carpinejar detona em "Cansado de ser feliz"*



*Cláudia Tajés escreveu "Felizes para sempre" a partir de um conto*

## ▶ AMOR ETERNO

Na contramão dessas insólitas composições, há uma que trata do tema preferido por noventa e nove entre cem compositores brasileiros. Mas a letra de Cláudia Tajés, criada a partir de um miniconto, aborda o assunto de modo extraordinariamente criativo e bem humorado. "Felizes para sempre" é uma movimentada e divertida história de um amor eterno que dura apenas umas poucas horas.

"Às onze e três se casaram/  
Onze e um quarto, deitaram/  
Às onze e meia se amaram/ Ou pelo menos fingiram... À uma e quinze, cansaram/ Dormiram e não sonharam/ Depois das três, acordaram/ Nem eram quatro e saíram... Às quatro e pouco ainda riram/ Às quatro e tanto, calaram/ No carro, mal se tocaram/ No fim, nem se despediram".

Já a grande contribuição de Paulo Scott, romancista e poeta, foi introduzir no disco um rugido indistinto que parece vir da periferia da vida. A melodia, embora suave, é soturna, sufocante. Mesmo sendo a crua denúncia da guerra civil brasileira a marca dos nossos rappers, o discurso de "Rochas" não tem fumaças políticas ou reivindicatórias. É radicalmente poético.

"Veio atrás de uma casa pra ficar na sua/ Mas a casa não é sua/ Ela é do mundo da lua/ Uma rocha que flutua no meio da rua/ Sem rumo, sem rumo, sem rumo... Dizem que somos belos e às vezes somos crianças/ Mas a verdade é que somos violência... O que nos acontece quando desarrumamos

**Ao final da epopéia, que deu como resultado uma obra intitulada "Com todas as letras", os músicos declararam-se agradavelmente surpreendidos.**

o olhar das mães que ficam sabendo que seus filhos nunca mais voltarão?... Nenhuma casa será a sua/ Aponta a rocha que flutua na paisagem e me diz: Vem morar no movimento".

Mas eis que, de repente, no enfarruscado oceano da música brasileira, atravancado por tantos barquinhos lotados com gajos e raparigas sofrendo de dor de cotovelo, irrompe o transatlântico "Cansado de ser feliz", do performático poeta e cronista Carpinejar.

"Veja bem/ O eu foi que eu fiz/ Pra sofrer/ De ser tão feliz... Você é o que eu sempre quis/ Rezo a Deus e ainda peço bis/ Mas o que acontece/ Pelo que parece/ É que me aborrece ser feliz/ Felicidade demais é um tormento/ Me deixa em paz por um breve momento."

Também esnobando as lamúrias amorosas, a cronista Martha Medeiros - que padece de felicidade crônica, segundo Kledir - escreveu "Pingos nos is", que, numa tocada de roque, conta a história de alguém que, ainda que na marra, resolve ser feliz.

"Eu decreto e me liberto/ É hoje, agora, eu nem quero nem saber/ Porta aberta na hora certa/ Levar a vida sempre por um triz". ▶

A cidade gaúcha é a Macondo dos irmãos Ramil, mas dela estão exilados há décadas

## PELOTAS

Convidado a participar do disco, num primeiro momento eu fiquei apavorado e quis fugir. Simplesmente minha cultura musical é pouco mais do que rastejante. Detalhe sórdido: comprei um primeiro aparelho de som aos 37 anos, por exigência dos filhos.

- É só a letra – explicou Kledir.

Depois ele me pediu que não me apoquentasse porque ele e o irmão, adestrados na arte de entrançar palavras e músicas, me ajudariam.

Acertamos então que o tema da nossa cantiga seria Pelotas, a nossa Macondo, cidade da qual estamos exilados desde os anos 1970.

Como a letra teria a ver com a Princesa do Sul, peguei um machado e me pus a dismantelar, em frases isoladas, um conto meu que tem aquela cidade como personagem – “Enfeitiçados todos nós”.

Mais adiante me veio à cabeça que a coisa mais aproximada de poesia que eu havia engendrado era a produção – quatro ou cinco poemas de cordel - de um personagem de um livro meu (à época em trabalho de parto).

Mande os cordéis para os irmãos Karamazov do Laranjal, que é como eu os chamo, e eles me responderam que eu até que não me dava tão mal com a redondilha maior. Fui aos dicionários. Redondilha maior: versos de sete sílabas.

Aí se chegou o clarão que me faltava: eu deveria meter aquelas dezenas de frases arrancadas do conto enfeitiçado em camisolas de sete sílabas. Foi o que fiz.

Com base nas tais frases soltas, esbocei três poeminhas em redondilha maior, que submeti ao crivo dos irmãos. Prevaleceu aquele em que eu alinhava basicamente recordações de infância e adolescência. Polido e burilado, ele recebeu um banho musical e transformou-se em “Mistérios do Bule Monstro - Brincando na Praça dos Enforcados”.

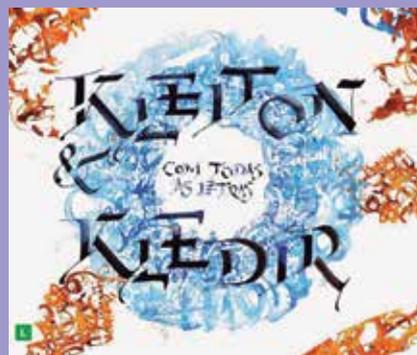
A canção começa leve: “Lá no fim do arco-íris/ Caixas de lápis de cor/ A professora ensinava; Foi Nabucodonosor”. Vai da infância à adolescência, percorre a cidade (Igreja da Luz, Vila dos Agachados, Balneários dos Prazeres, Solar da Baronesa, Praça dos Enforcados) e apresenta alguns dos mais conhecidos tipos populares (Alfredinho, Corcel, Judite e Miloca), para os quais, ao final, pede a proteção divina: “Deus proteja os malucos/ E as “loucas” do mictório/ Que eu vou terminar meus dias/ Num quarto do sanatório”. ■

## LIVRO E VINIL

“Com todas as letras” foi lançado simultaneamente em livro, disco de vinil, CD e DVD. A edição comercial - que começou a ser vendida em shows realizados no Rio Grande do Sul - traz, além do CD, um DVD que registra os bastidores da construção da obra. Há também uma edição especial, fora do comércio, que contém um disco de vinil encartado em um livro luxuoso, em grande formato. Nesse livro, que reúne depoimentos escritos de todos os envolvidos no trabalho, as letras das músicas foram transcritas por renomados calígrafos de vários países.

Ao escrever este relato sobre uma peculiar aventura litero-musical eu me lembrei do poeta Cassiano Nunes Botica, meu mestre na Universidade de Brasília. Ele dizia que um dos mais graves problemas da cultura brasileira era que os artistas não se freqüentavam. Segundo ele, músicos não conversavam com escritores, que esnobavam dramaturgos, que desprezavam artistas plásticos...

Pois saiba, mestre Cassiano, que alguns gurus de Pelotas quebraram essa escrita.



—  
Lourenço Cazarré, jornalista e escritor, é autor de *Estava nascendo o dia em que conheceriam o mar* (Saraiva). Mora em Porto Alegre (RS)



# Outros cantos

EXCERTO DO NOVO ROMANCE DE MARIA VALÉRIA REZENDE, SELECIONADO PARA PATROCÍNIO PELA PETROBRAS CULTURAL, A SER PUBLICADO PELA ALFAGUARA EM NOVEMBRO DESTE ANO

**A**cabado o trabalho de tingimento das meadas que nos cabiam para o dia, Fátima foi tratar de banhar seus meninos, curar-lhes as feridas, e eu, sob o sol ainda brilhante, caminhei até o cajueiro de Dona Zefinha para esperar o ocaso, mas, antes dele vi chegar, sem se fazer anunciar por nenhum aboio, um grupo de quatro ou cinco vaqueiros que não pude reconhecer.

Não vinham, como de costume, pelo estreito caminho arenoso já calcado por tantos cascos. Desembrenhavam-se diretamente da caatinga cerrada, quase em frente ao cajueiro, apeavam, amarravam os cavalos num mourão de cerca e um deles chamou “Salve, Dona Zefa, aqui viemos outra vez atrás da caridade de vosmecê!” “Faz tempo é muito que não apareciam por este lado do rio”, ouvi responder a velhinha, já capengando porta fora. Veio até junto do pote, onde os homens, ao contrário dos moradores dali, acostumados a servir-se à vontade, esperavam respeitosamente, apanhou a quenga de coco e pôs-se a entornar água fresca nos canecos estendidos pelas mãos protegidas em couro, avançando com a concha já de novo cheia para outros cavaleiros que saíam do meio dos garranchos, saudavam e desmontavam, desen-

ganchando seus canecos dos cabeçotes das selas. Eu contemplava aquela liturgia de hospitalidade, imóvel e silenciosa para não a perturbar. Compreendia, pela pouca conversa entabulada, tratar-se de um grupo de vaqueiros de fazendas do outro lado do rio, distante pouco mais de uma légua dali, passando eventualmente por Olho d’Água em busca das reses do patrão e suas novas crias a ferrar, gado solto no mundo durante o verão para encontrar sozinho o que comer.

Por fim, uma nova figura emergiu do mato, estranho personagem, destoando dos seus companheiros, muito mais alto e pesado para o pequeno cavalo sertanejo, cartucheiras cruzadas no peito, imagem de herói cangaceiro, um chapéu bem mais vistoso, abas largas alevantadas ostentando estrelas de prata, escondendo na sombra a parte do rosto não coberta pela barba cerrada e crescida de herói guerrilheiro, tão diferente das caras quase imberbes dos demais vaqueiros matutos. Não apeou. Sua montaria, agitada, talvez espicaçada por ele, batia os cascos na areia, girando sobre si mesma, até que ele a deteve, com um único puxão nas rédeas, sem, porém, desmontar. Desprendeu da sela uma guampa com borda de metal branco lavra- ▶

do, presa a uma fina corrente, e deixou-a pender para que outro vaqueiro lhe desse de beber várias vezes. Sem palavras, deu a entender que estava satisfeito, com a mão esquerda sustentando as rédeas, ergueu o chapéu com a direita, trouxe-o num amplo gesto até o peito e curvou-se em sinal de agradecimento e reverência a Dona Zefinha, acompanhado nessa mesura por toda a sua tropa, compondo diante de meus olhos admirados uma cena destacada de alguma antiga tapeçaria medieval, de mistura com a evocação de um grupo de cavaleiros tuaregues vindos do sul do Saara para negociar com Mr. Aoum, a beber cerimoniosamente junto ao poço no oásis de Ghardaïa. Percebi, então, a sacralidade da água nos desertos e velhos textos bíblicos ganharam para mim novas ressonâncias.

O vaqueiro amontado repetiu a manobra que fazia o cavalo corrupear em piafé, como um sinal para que todos os companheiros amontassem também e partissem adiante dele. Esperei que os seguisse imediatamente, sem tomar conhecimento da minha presença, mas ele se deteve e me olhou de frente. Um arrepio me percorreu. Eu conhecia aquele olhar, sim, aqueles mesmos olhos, me tocavam tão fundo, não havia como duvidar.

Era ele, aquele olhar que tantas vezes tinha cruzado com o meu, fugidio, passageiro, mas intenso, permanecendo sempre uma eternidade. Minhas lembranças me cegaram e quando voltei a mim ele já se embrenhava no emaranhado da vegetação seca e espinhosa. Levantei-me do meu assento numa raiz saliente do velho cajueiro, ia virando-me de volta para minha casa, esquecida dos aboiadores que havia vindo apreciar, quando um dos últimos raios do poente fez rebrilhar alguma coisa no chão, junto ao ponto no qual o estranho cavaleiro desapareceu. Dei alguns passos, curvei-me e vi, meio oculta pela areia, uma estrela prateada, sem nem um segundo duvidar de que fosse do chapéu dele e ali estivesse especialmente como um sinal para mim. Recolhi a prenda e voltei

quase correndo para minha casinha. Passei a tranca na porta, pela primeira vez desde a minha chegada, corri até o pequeno baú de couro tachado de latão, contendo quase todos os meus pertences, e puxei lá do fundo a caixinha de madeira finamente entalhada por meu avô para servir-me de porta-joias. Ao abri-la, com o coração assustado batucando na garganta, depois de tanto tempo a carregá-la comigo sem mirar seu conteúdo, dei logo com um vistoso emblema niquelado, arrancado de uma motocicleta Harley-Davidson, um velho bilhete do metrô de Paris, o distintivo esmaltado de uma União Estadual dos Estudantes, um *ojo-de-Diós* muito colorido, a “mão de Fátima” em metal amarelo. Ali junto depusitei a estrela de metal branco, apertando na mão apenas o emblema da Harley-Davidson, fechando e escondendo a caixa, às pressas, no mais fundo do baú, como se temesse perdê-la.

Bebi o restinho d’água da quartinha, abri minha rede e me estendi, para não perder o embalo do sonho. Voltei à minha adolescência e ao Rio de Janeiro, sentindo na palma da mão o relevo da peça de metal arrancada de uma motocicleta. A viagem tinha sido meu presente de aniversário pelos quinze anos, escolhido em lugar dos enfadonhos bailes de debutantes que entusiasmavam minhas amigas. Eu preferi as duas semanas em casa de uma tia, no seu velho e romântico casarão de porão alto, fachada adornada à *belle époque*, numa rua sombreada de imensas árvores entre Botafogo e Laranjeiras. Duas semanas decorridas num instante, a explorar a cidade, paisagens, morros, praias, teatros, museus, bibliotecas, recantos, calçadas, um tesouro muito mais rico e duradouro na minha memória do que restaria de qualquer baile de debutantes. Fim da última tarde das férias, malas prontas, praça Nossa Senhora de Copacabana, um sorvete de despedida com meus novos amigos, velhos amigos dos primos, “Agora vamos indo, ônibus enche a esta hora, se não você pode se atrasar... Harley! Gente, olha o Harley! Apareceu, afinal! Onde você andava? Che-

gou hoje?” Junto ao meio-fio, a espantosa máquina, quase inalcançável objeto de cobiça de qualquer jovem daquele tempo, maravilha de esmalte e couro negros e polidos, tubos niquelados, som de aventuras, um tentador *sidecar*, tudo saído diretamente de uma tela de cinemascopo. Precipitamos todos para o cavaleiro que não desliga o motor nem desmonta, “Harley, Harley!” Tapas dos garotos nas costas e ombros sob a jaqueta de couro, gritinhos e beijos das meninas. Só eu, tímida e encantada, permaneço para trás, na calçada, enquanto o herói encourado oculta-se no meio do grupo que o assedia. Por alguns segundos, abre-se uma ala permitindo entrevê-lo, “Quase deixou de conhecer nossa prima...”, mas logo se fecha novamente, o grupo de adolescentes mais interessados nele do que em mim, e só debandam quando alguém insiste “É tarde, gente, vamos, daqui a pouco nem se consegue entrar no ônibus”. Só então posso ver por inteiro o motociclista, um pouco mais velho que nós, e receber de frente o impacto do olhar dele, dirigido diretamente a mim, insistente, dizendo-me muito mais do que simples curiosidade. Resisto o quanto posso à mão de minha prima a puxar-me, “Assim a gente não chega a tempo na Central, trem não espera por ninguém”, e então ele, sem deixar de mirar meus olhos, num gesto inacreditável, arranca de um lado da sua máquina o brilhante emblema niquelado, pende para a calçada, estende-me a mão com o presente e eu o apanho quando a força de minha prima vence minha paralisia e me arrasta atrás dela.

A mudança no ruído do motor do ônibus, o suspiro dos freios e a parada com um leve solavanco me trazem de volta a este hoje, mais de meio século passado desde o tempo em que o dono desse olhar se chamava Harley, apelido emprestado de seu cavalo metálico. ✦

---

Maria Valéria Rezende é paulista de Santos, radicada na Paraíba desde 1986. Estreou na ficção em 2001 com *Vasto mundo*, ao qual se seguiram, entre outros, *O voo da guará vermelha*, *Modo de apanhar pássaros à mão* (Objetiva) e *Quarenta dias* (Alfaguara). Mora em João Pessoa (PB)

# Vanguarda e arte popular



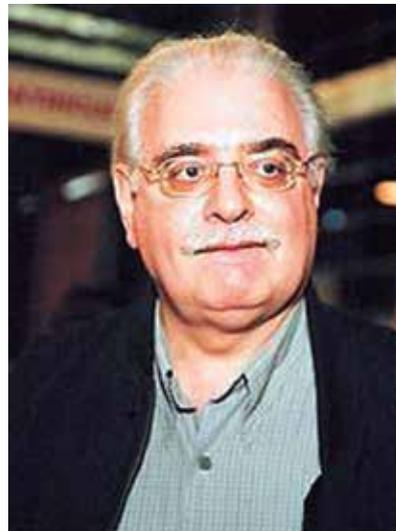
FOTOS: INTERNET



*João Cabral de Melo Neto (1920-1999) em sua obra – à exceção de Pedra do sono (1941) –, im(ex)plode o sentimentalismo exacerbado da “dita poesia profunda”*



*O que em Jackson Pollock (1912-1956) “parece inconstante atitude abstracionista revela, de fato, pesquisa histórica e estética calcadas na realidade”*



*Augusto de Campos “ergueu uma poética que desconcerta o mais agudo leitor, fazendo-o dançar miudinho ante criações que só se entregam depois de muita luta”*

**T**odo artista sério, em algum momento de suas atividades, defronta-se com a vanguarda. Uns a negam. Outros assimilam-na obliquamente. E outros mergulham nela pra valer. Estes últimos, normalmente, são chamados de artificiais, frios, calculistas, cerebrais, desprovidos de emoção. E até de loucos.

Aqui vale lembrar Fernando Pessoa: “Sem a loucura, que é o homem, mais que a besta sadia / cadáver adiado que procria?”.

Sem os vanguardistas a arte estaria plenamente mergulhada nas águas densas e turvas da mediocridade. Teríamos a pasmaqueira instalada a torto e a direito. Ou seja, tudo dominado pela mesmice. Pela repeti-

ção. Pela exaustão advinda da monotonia. Pela saturação da previsibilidade.

Num país em que o Modernismo de 22 é, até hoje, motivo de controvérsias, e no qual o conservadorismo em artes é a regra dominante, não admira que aqueles que ousem inovar sejam patrulhados. E até metralhados. É o preço que pagam os grandes artistas face à mentalidade retrógrada que só valoriza o que é demasiadamente conhecido. Afinal, o novo desinstala. Incomoda muita gente. É provocativo. Já, o velho apazigua. Serena. Instaura a sensação de conforto.

É o que mais vemos em arte. Senão em outros tempos, há hoje – em parte devido à massificação, em parte devido à globali-

zação –, a necessidade de valorizar-se o *dejà vu*. Há uma busca de produzir uma arte que faça o receptor sentir-se tranquilizado. Arte como anti-estresse. Nada como a tranquilidade da mesmice consagrada pelo senso comum. Ela merece aplausos. É sempre incentivada.

Ao questionar a linguagem da arte, experimentar com ela, atrever-se a algo novo, ou pouco conhecido, o artista sujeita, quase sempre, ao fracasso a receptividade de seu trabalho. Pior: é criticado não apenas por sua criação, mas também por sua biografia. Maus críticos e comentadores, quase sempre, falam mais da vida do criador do que da obra criada. Motivo? Para criticar-se a uma obra artística faz-se necessário conhecer a história e a linguagem da arte. A história e a linguagem de um povo. Ter claro que caminhos – arte e nação – traçaram em diferentes épocas, e por quais razões hoje ambas se apresentam assim e/ou assado. Uma tarefa e tanto para todo estudioso – ou meramente apreciador de arte.

Todavia, repertório crítico parece ser um território ignorado por muitos. Ou por quase todos. Avalia-se a obra de arte com conhecimento teórico próximo do grau zero. E, na falta de conteúdo substantivo, apela-se, ora para a superabundância adjetiva, ora para os acontecimentos pessoais. E, assim, a obra de arte padece da boçalidade que a cerca.

As vanguardas têm sido muito mal entendidas, devido, em particular, a estes dois motivos. Este é um dado histórico. Lamentavelmente histórico. Mas, por outro lado, que fique claro: ser vanguarda não é sinônimo de qualidade estética. Não é por fazer uso de novas linguagens que a obra adquire, intrinsecamente, valor artístico. Mas, que fique igualmente esclarecido: ser antivanguarda é sinônimo de conservadorismo. É render-se às amarras abomináveis do preconceito estético.

Em tempo: arte popular e arte de vanguarda não são manifesta-



Guimarães Rosa (1908-1967) "embrenhou James Joyce no sertão das geografias físicas e psíquicas de um povo que vence o território brasileiro e ganha o mundo todo"

**Enquanto o público professor a idolatria da cultura-dos-hambúrgueres, é claro que continuará vendo nas telas de Pollock jatos de catchup e mostarda. E continuará não entendendo nada da arte de seu próprio tempo.**

ções excludentes. Antes, ao contrário: operam em grande harmonia. E até precisam uma da outra, em interação recíproca. Ambas se retroalimentam. Tomemos, fortuitamente, o caso de Pollock, (1912-1956), o genial pintor norte-americano, dono de um trabalho que até hoje cutuca a onça de muita gente com vara curta. Ele incomoda a ponto que se questiona se o que ele faz é arte.

Sabemos que Pollock desenvolveu seu modo de pintar salpicando tinta sobre tela, numa técnica conhecida como *action painting* ou *dripping*. O que nele parece inconsequente atitude abstracionista revela, de fato, pesquisa histórica e estética calcadas na realidade. A partir das pinturas com areia feitas pelos índios de seu país, ele desenvolveu uma técnica e uma estética que unem tradição cultural a conquistas da arte plástica atual. Enfim: Pollock entrelaçou na tela passado histórico e contemporaneidade numa produção de vanguarda.

O descompasso entre o público e sua obra não advém do ponto de vista pós-moderno do artista, mas da desinformação histórica (passada e presente) do público. Enquanto o público professar a idolatria da cultura-dos-hambúrgueres, é claro que continuará vendo nas telas de Pollock jatos de *catchup* e mostarda. E continuará não entendendo nada da arte de seu próprio tempo.

Ao dizer que o artista é a antena da raça, Pound não se referiu ao fato de o artista ser um ser humano especial, um privilegiado, um visionário. Pelo contrário: Pound referia-se ao fato de o artista ser a antena por captar precisamente o tempo presente. O tempo em que vive. Muitos de nós ainda vivemos no século passado. Para não dizermos em tempos medievais. Este descompasso real entre a realidade que vivemos e a que conhecemos é que faz com que a vanguarda seja tão falada, quanto mal vista e mal compreendida.

Oswald de Andrade com *Memórias sentimentais de João Mi-* ▶

▶ *ramar* (1924) escreve o primeiro romance de vanguarda brasileiro. Nos 163 episódios do livro – como se estivesse sempre lembrando ao leitor tratar-se de uma obra literária, um produto de linguagem e não um texto catártico ou sócio-psicológico –, o autor investe radicalmente contra os princípios de linearidade narrativa, desconstrói noções de tempo, espaço, personagem e foco narrativo. Enfim, subversão em alta dose é sua marca, associada a um humor deliciosamente popular.

Mário de Andrade em *Macunaíma* (1928), sua obra mais experimental, nada teria conseguido se aos efeitos futuristas da linguagem não tivessem associados aos rudimentos etnográficos e à dicção matreira do povo negro, indígena, europeu. A linguagem inovadora do romance paga tributo ao grande romance cervantino bem como satiriza os moldes do romance romântico, incorporando a irreverência modernista. Mais uma vez, vanguarda e cultura popular unidas.

João Cabral em sua obra – à exceção de *Pedra do sono* (1941), seu livro de estreia –, im(ex)plo-de o sentimentalismo exacerbado da “dita poesia profunda” e cria na literatura brasileira o lirismo-metal, marcado por redobrada contenção do eu, que, em grande parte dos poemas, exila-se na concretude da palavra buscada cerebralmente. Investe na construção de poemas quase sem rimas consoantes, eliminando a musicalidade tão característica do poema tradicional. Imagens de uma contundência tão seca quanto sintética e fértil. Conseguiu o máximo com o mínimo, observando como ninguém a paisagem nordestina e o comportamento do sertanejo. Sua obra é tão marcadamente singular que o adjetivo cabralino significa excelência de qualidade única.

Guimarães Rosa embrenhou Joyce no sertão das geografias físicas e psíquicas de um povo que vence o território brasileiro e ganha o mundo todo. Ao inventar uma prosa permeada pela



*Figura central da vanguarda brasileira, Mário de Andrade (1893-1945) tem no romance Macunaíma, publicado em 1928, “sua obra mais experimental”*

**Num país em que o Modernismo de 22 é, até hoje, motivo de controvérsias, e no qual o conservadorismo em artes é a regra dominante, não admira que aqueles que ousem inovar sejam patrulhados. E até metralhados. É o preço que pagam.**

poesia, estremeceu, por dentro, o código do romance, demolindo-o para, a seguir, reerguê-lo novo, novinho em folha. Foi tão genial que tomou palavras básicas e ao usá-las em contexto, sintaxe ou pontuação inusuais, revestiu-as de nova carga semântica. Muitas vezes tomadas como neologismos, quando não passam de vocábulos devidamente dicionarizados. Seus personagens falam da aldeia para os mundos desbravados ou por desbravar. Em suas mãos a escrita romanesca e contística redimensionam-se para o agora, que de tão matéria objetiva e pessoal, transfigura-se, num primeiro momento, em pedras de fogo para o leitor (des)avisado. Não importa. A seguir ele torna-se seu cúmplice na genialidade da estética da recepção.

Augusto de Campos detonou o código poético para depois poetizá-lo à margem, no centro do contra, no núcleo do não. Ergueu uma poética que desconcerta o mais agudo leitor, fazendo-o dançar miudinho ante criações que só se entregam depois de muita luta, trança, cópula. Sua poesia desafia à esquerda e à direita, por ser sem centro – mas não elíptica. Ela é em espiral, especular e labiríntica. Nova, brota ora na terceira margem, ora na cauda do cometa, ora no umbigo das galáxias. E o leitor vira a página do livro em tomadas clip-cinematográficas, na busca do *clic* inicial que possa ser a chave de uma poesia em código intersígnico. Beleza que se dá depois de descobrir, como na famosa passagem degasiana, que a mulher verde da tela não era mulher: era pintura.

E assim poderíamos seguir prosadores e poetas afora, no mapa mundi da educação dos sentidos por sertões e milênios da linguagem. Ficamos por aqui, lançando o bumerangue da vanguarda. ✖

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



ILUSTRAÇÃO: TONIO

# Coração sitiado

2ª PARTE

**Rodrigo Caldas**  
Especial para o *Correio das Artes*



**N**os arredores de Stalingrado, na outra margem do Volga se abria um outro campo de batalha. Sendo que neste campo, não se objetivava infligir a morte ao soldado inimigo, mas, antes, salvar a vida dos feridos de guerra. Larissa Potapova era uma enfermeira do exército vermelho e desde a invasão da União Soviética pelas tropas de Hitler ela passou a exercer efetivamente o seu ofício de assistente dos enfermos. Sendo que esses enfermos eram enfermos de guerra, homens mutilados por tiros e explosões que deixavam ferimentos atrozes. Tudo isso em um clima de confusão, angústia e a total ausência de material de trabalho. Larissa era enfermeira de formação, em Moscou estudou e vivia em uma família de classe média quando estourou a guerra sangrenta que a arrastou para aqueles campos enlameados e ensanguentados, campos ladrilhados por corpos dilacerados, moídos, campos regidos pela sinfonia de explosões e gemidos agonizantes. Já estive em outras frentes, mas aquela de Stalingrado parecia dantesca e sangrenta, tudo cheirava a pólvora e feridas abertas... Um odor de salmoura de carne putrefeita, um fervilhar de corpos em macas agonizantes. Larissa era uma loira jovem e bela, mas a retina dos seus belos olhos amendoados já retinha precocemente um amplo mural dos horrores de uma carnificina sem precedentes na história da velha Europa beligerante. Seu avental de enfermeira mais lembrava o de um açougueiro, seu rosto belo e calmo parecia transcender aquela atmosfera de morte e desengano.

Hans Müller, o soldado alemão, estava a congelar naquela trincheira enlameada, sentia o frio se apossar do seu corpo e da sua alma. Quando a angústia permitia ele rabiscava aqueles versos no seu caderno de notas ou imaginava uma namorada para quem estivesse escrevendo e descrevendo o circo dos horrores em que estava imerso. Escrevia como que para criar a sensação de estar acompanhado, como que para humanizar aquela atmosfera pesada de mortes e dores. A solidão, o frio e a fome das trincheiras subtraíam a sua humanidade, o sexto exército, naquela altura da guerra, era uma fileira de zumbis desumanizados, homens de olhos esbugalhados e lábios rachados ▶

► e pálidos, o cerco do sexagésimo segundo exército soviético se fechava, Hans Müller sentia a cada dia uma atmosfera depressiva a tomar seus pálidos pensamentos... Os aviões da Luftwaffe já não apareciam com a mesma frequência e as provisões de alimentos se exauriram. O frio e a morte o contemplam a cada instante, a diarreia é uma inimiga tão mortal quanto o fuzil do soldado inimigo. Em seus versos e cartas imaginárias Hans se traveste de Dr. Fausto e clama por sabedoria para não sucumbir à loucura, à fome e ao frio. O sexagésimo segundo exército rugiu impiedoso a poucos metros...

Aleksei Andreiévitich sobreviveu à explosão, mas não sentia seu corpo da cintura para baixo, seu peito estava ferido, eram lesões profundas causadas pelos estilhaços da explosão. Seu rosto macerado pela explosão, dava-lhe um tom mumificado, como uma

máscara de morte faraônica a encobrir sua face desumanizada pelo sofrimento. Aleksei agonizava inconsciente... Balbuciava palavras desconexas em meio ao coro de lamúrias agônicas dos milhares de outros soldados mutilados, distribuídos caótica e irregularmente no campo aberto sob lonas de barracas de campanha. Em seus delírios agonizantes Aleksei via as mesmas águas do Volga, mas eram águas cristalinas e calmas... Um campo bucólico onde se ouve o canto dos pássaros, o valsar dos pinhais uivantes e a neblina a cobrir de um tom onírico a paisagem do extasiante e belo rio Volga. Aleksei carrega não um fuzil de militar, mas seu machado de lenhador. Usa não um uniforme de guerra, mas seus trajés simples de filho de mujiques. Nas águas cristalinas do rio vê refletida a face doce da vida, a esperança que corria pelas veias caudalosas do imemorial Volga.

O olhar de Larissa encontra o corpo inerte e delirante de Aleksei, aquele soldado de aspecto rude lembrava a ela algo familiar, era como se fosse um filho que clamasse por atenção e carinho. Larissa troca os curativos do peito dilacerado de Aleksei, aquele soldado não sobreviverá sequer ao final do dia, Larissa, paciente, tem aquele olhar de clemência sobre aquela alma desengana-



É quando Aleksei diz: “Não vá Katyusha, não me deixe aqui...” em um tom leve e quase inaudível... Larissa segura sua mão, ele não a vê, a febre que toma conta de seu corpo estribuchante como que cria uma cortina opaca entre os dois, ele fala para uma Katyusha que não existe, Larissa se compece daquele olhar sombrio que já antevê a face da morte iminente. Seus dedos suavemente abandonam os dedos enegrecidos de sangue coagulado de Aleksei que fica abandonado à febre de seus delírios.

O general Paulus vira em poucos meses uma vitória já certa escorrer por entre os seus dedos. Sua face registrava um tremor nervoso que com o tempo só au-

mentava. Recluso em seu bunker cercado de seus oficiais subordinados ele ainda tinha uma chance de romper o cerco às tropas do sexto exército, as baixas eram grandes, mas ainda tinha um efetivo considerável para romper aquele cerco empreendido pelo exército vermelho. Nos últimos dias o general Paulus se angustia-va a espera das ordens do próprio Führer. Tinha ordens expressas de não recuar um só centímetro. Seus superiores de Berlin lhe asseguravam que chegaria ajuda para derrotar as forças do sexagésimo segundo exército soviético, a capitulação de Stalingrado era só uma questão de tempo segundo o próprio Führer. Paulus, até aquele momento, acreditava piamente no gênio militar de Hitler. Cumpriria as ordens vindas do comando de Berlin, mas ao mesmo tempo já não concordava com os métodos desumanos da ação militar nazista, via em tudo aquilo uma crueldade descabida, o assassinato de milhares de soldados capturados, seu envio para campos de concentração onde morreriam de fome e sede... Uma guerra não precisa ser um inferno, pensava Paulus. E até mesmo entre seus subordinados, os soldados que morriam congelados nas fileiras entrincheiradas, já se ouvia aquele murmúrio descontente com os caprichos de um Führer obstinado e sanguinário. Um líder que os abandonara ao frio e à fome. Paulus cumpria as ordens recebidas, mas já começava a sentir a culpa bater na porta em face daquela carnificina que ele poderia ainda minimizar. A ajuda prometida não viria e Paulus, já sem forças, se penitencia por ter

mandado o que restou do sexto exército para a morte. Aquele exército de zumbis ainda era liderado por ele e ele estava desorientado e confuso diante do fulgurante exército soviético, reforçado pelos efetivos da frente siberiana, caçadores do gelo. O general Paulus vê suas forças quedarem e em um gesto final de desespero pede ajudas ao comando central em Berlin, que ordena mais uma vez que não se deve recuar. Paulus sente que aquele jogo de xadrez militar já estava perdido. Que a derrota estava consumada.

Seus dedos estão enrijecidos pelo frio, encravado naquele bu- ►

► raco Hans Müller escuta as explosões chegarem mais perto. Mantem-se oculto e rabisca alguns versos mal elaborados, sente não só o frio onipresente mas também as trevas se espalharem como uma cortina negra de fumaça, uma cortina densa e opaca. Seus nervos destroçados já não o fazem mais sentir o seu próprio chão, sua expressão é assustada, como que sem entender, perplexo como o roteiro que aquele drama começava a esboçar. Seu peito estava apertado e do lado aquele fuzil estava a espreita como a lhe avisar que não tinha como escapar daquela carnificina. Iria morrer e não veria mais o céu de Leipzig, sua cidade natal. Em sua escrita atônita, Hans expressa sua desilusão com a guerra, com a morte e a perda de sentido da vida. Toda a insanidade que carregamos transborda em sangue e mortes, pensa e escreve Hans. Mira um galho seco, de uma árvore sem folhas, naquele campo de terra escura coberta de gelo, de corpos em decomposição, de explosões e destruição. As explosões se aproximam mais, ele e seus outros três companheiros nada falam, somente ele rabisca algo... Os outros ficam em silêncio. Nos rabiscos de Hans ele desesperadamente tenta se apegar a um fio de esperança de ainda sair vivo daquele inferno depressivo. “Essa terra é feia, suja, fétida... Minha querida e civilizada Leipzig, terra de poetas, filósofos e compositores, minha terra, minha pátria... Minha vida jovem escorre pelo ralo, evapora... Eu tenho medo... A escuridão avança sobre mim... Essa terra é sombria, terra em que os homens perdem sua humanidade e se convertem em um exército de zumbis, máquinas da morte a cuspirem horrores, fogo da desilusão... Leipzig, minha luz, meu sol... Ich liebe dich...” Uma bomba cai e explode muito próximo, o exército vermelho já se faz visível, o cerco se fechou e agora é o embate homem-a-homem, seus ouvidos estão zumbindo, as notas do Concerto de Brandenburgo emudecem, sente que está surdo, quando seus companheiros começam a atirar no inimigo que se avizinha... O caderno de notas cai no chão enlameado da trincheira, as folhas brancas mergulham no barro negro em que estão enfiadas suas botas, as letras rabiscadas se

diluem, Hans Müller com o fuzil em punho atira no seu inimigo, atira sobre aqueles corpos que se aproximam... Ao levantar um pouco a cabeça, encontra uma bala que o acerta em cheio... Hans Müller cai morto dentro da trincheira, junto ao seu caderno de notas... Seus companheiros, em um último arfar, continuam desesperadamente a atirar...

O soldado ferido e delirante não morreu naquela noite, como pensava Larissa Potapova. Ele a surpreendeu... Sua vontade de viver fora maior... Ainda que fosse como uma chama de vela ao vento que titubeante, vacilava entre apagar e permanecer acesa... Assim Aleksei navegava por uma febre convulsiva, como um naufrago em uma procela revolta. Larissa desenvolveu especial afeto por aquele soldado que lutava por uma vida já praticamente perdida. Os dias se passavam e ela, surpresa, encontrava aquele enfermo a persistir... Quando Aleksei olhou-a e falou... Ela foi tomada por uma doce surpresa... Aquele rosto macerado perdeu a máscara mumificada da morte, tinha paulatinamente a cor devolvida ao seu semblante. Aleksei já não mais delirava e as lembranças começavam a visitar sua mente. Mas foi mesmo o olhar amendoado de Larissa que o despertou do seu sepulcro, era como se aquele olhar não tivesse perdido a poesia que ele já não encontrava nele mesmo. O jeito de Larissa cuidar de seus ferimentos, seu denodo, sua paz inabalável mesmo naquela atmosfera sombria de dor e de morte, contagiaram o soldado ferido com uma centelha doce de vida. Foi no olhar doce e amendoado de Larissa que Aleksei encontrou forças para buscar um novo sentido. Larissa, por sua vez, desenvolveu aquele afeto de admiração por um soldado tido como morto e sem qualquer perspectiva de renascer. Entre ambos surgiu uma atmosfera crescente de admiração e afeto, mesmo que ao seu redor só houvesse mortos e feridos. No desenrolar dos fatos, a batalha de Stalingrado foi a mais sangrenta da história, a derrota nazista em Stalingrado não significou apenas a perda de uma batalha, mas a destruição da espinha dorsal da máquina de guerra de Hitler. Stalingrado, assim, foi um ponto de

inflexão, um divisor de águas determinante no desenrolar dos fatos seguintes de todo o século XX. Os soldados soviéticos do exército vermelho foram responsáveis não apenas pela defesa de sua mãe-pátria, mas também de um conteúdo mínimo de humanismo que sem o sacrifício de tantas vidas, teria escorrido pelo abismo do racismo e carnificina nazistas. Aleksei, ao cabo de algumas semanas, já estava de pé... Lentamente, apoiado nos ombros de Larissa, ele caminhava e em alguns meses lá estava ele nos vastos campos das estepes russas empunhando seu fuzil e defendendo com sua alma a integridade daquela terra que ele desde sempre aprendera a amar. Em suas andanças e guerras, o filho de mujiques e lenhador verteu-se em um guerreiro valoroso do exército vermelho. Lutava pela memória de sua família, lutava pela independência de sua terra e quando a sombra da morte se avizinhava, a lembrança do sorriso doce e do olhar amendoado de Larissa o estimulava a continuar lutando contra o inimigo poderoso. Aleksei Andreiévitch aprendeu que também era um guerreiro e que a vida, mesmo que no absurdo e insanidade de uma guerra poderia ainda oferecer um sentido em meio à angústia e ao dissabor de suas perdas. Ao chegar às portas do Reichstag em Berlin, após ver tantos companheiros mortos e feridos, após ver a destruição de uma outra nação, Aleksei não sentiu prazer, mas a sensação de que a vida tinha que prosseguir... Ao fincar uma bandeira vermelha sobre um dos poucos prédios que permaneciam em pé na dilacerada cidade de Berlin, o soldado do exército vermelho sentiu que seu dever estava cumprido. Aos seus pés, de homem simples e rude, Aleksei sabia o custo daquela vitória, mais de vinte milhões de rusos pagaram com a própria vida o sonho de liberdade que alimentava o novo significado das vidas de Aleksei e Larissa. ✦

Rodrigo Caldas é advogado com atuação em direitos humanos, cidadania e políticas públicas da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



# Festa, futebol, ressaca, literatura e bola

**J**á afirmei em outra coluna minha, aqui no *Correio das Artes*, que ao estudar bastante a presença do futebol na literatura brasileira em suas mais diferentes formas, pude comprovar, ao menos analiticamente, uma alvissareira constatação: a clara impressão de que, talvez motivada pela centralidade do tema do futebol na nossa cultura, a literatura brasileira já elaborou um conjunto de operações modelizantes, através da contribuição conjunta, sucessiva e pessoal dos seus mais distintos escritores, com as quais construiu um tipo específico de peça literária: o conto brasileiro de futebol. Não se diga o conto de futebol no geral, mas, precisamente, o conto brasileiro de futebol, significando isto uma peculiar formalização estética de um tema cuja efetivação literária só é possível graças à dimensão estrutu-

rante desse jogo no âmbito específico da nossa mentalidade e formação cultural.

Nesse contexto, um dos assuntos mais pautados pelos escritores brasileiros que escreveram sobre futebol no gênero conto está a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950 em pleno estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Pelo trauma que o fato causou na memória emocional brasileira, o chamado “maracanazzo” tem mobilizado a inteligência narrativa de vários de nossos escritores tornando-se, assim, um assunto típico do conto futebolístico brasileiro.

Numa outra ponta, tentando captar o sentido reverso – o da euforia pela nossa primeira conquista de um título mundial no campo da bola – está a investida literária, feita por alguns escritores (e registre-se que já publiquei nessa coluna

um desses casos – uma análise do conto intitulado, “1958”, do escritor Deonísio da Silva), que tentaram trazer pelas malhas da ficção a experiência confortante da vitória.

Trago, portanto, desta vez, para os nossos leitores, uma história que reúne festa (embora seja a festa junina típica das cidades do interior do Brasil), futebol e ressaca. Nosso intuito, como sempre, é o de relacionar futebol e literatura, numa tentativa de esclarecer nosso leitor sobre as nuances dessas duas formas de expressão da alma nacional, que ora se faz pelos pés, ora se faz pelas mãos, ou seja: pelas chuteiras dos nossos jogadores de futebol ou pela escrita mágica de nossos escritores. A narrativa abordada aqui é de autoria do escritor Renard Perez e intitula-se “Copa do Mundo”. Vamos a ela.

## SUÉCIA, 1958: A PRIMEIRA GRANDE CONQUISTA DO BRASIL



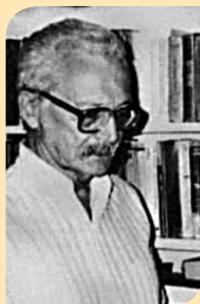
► Como já antecipei, o conto é uma pequena história, que lembra, em ritmo e clima de resaca, a primeira conquista de um título mundial de futebol pelo Brasil, na Copa de 1958, realizada na Suécia. O texto é todo um registro nauseado das lembranças matutinas de um personagem que acorda ressecado dos excessos de uma festa junina a que tinha ido na noite anterior, e que se vê, agora, conduzido pela ambiência festiva e patriótica em seu entorno, diante da circunstância de enfrentar (assistir, ouvir) ou não, pelo rádio, a partida final da Copa contra a própria Suécia. Este é um daqueles contos através do qual se opera o encontro da consciência com a memória do narrador, para disso resultar uma atmosfera intimista como esta que passa a narrar.

Sendo assim, certo mal-estar vai logo se instaurando na história como resultado de algumas lembranças do personagem-narrador-protagonista marcadas por certa experiência traumática: a de ter também assistido o jogo final da Copa de 50, no Brasil, e, em decorrência disso, ter amargado o acre sabor da derrota num momento em que sob todas as evidências do mundo, éramos o melhor país do mundo nas instâncias do futebol. Momento em que o futebol, para nós brasileiros, já era mais que o futebol. Era a face simbólica da nossa própria cara.

“Entendo o patriotismo, patriotismo é a vitória do futebol no estrangeiro. Pátria é esse orgulho que me enche o peito, e me engrandece, dá-me vários metros de altura. De súbito, o Brasil é a mais soberana das nações, e as grandes potências de dez minutos atrás de repente se amesquinham e olham para nós lá de baixo, respeitosa”, diz a certa altura o personagem-narrador, alternando seu estado de espírito de momento entre eufórico e nauseabundo.

“Tenho um aperto na garganta. Mas sinto-me um tanto sem graça, ali sozinho no apartamento, de pijama e dorso nu, sem nin-

## PARA SABER MAIS



**Renard Perez** nasceu em Macaíba (RN), em 3 de janeiro de 1928, e é um escritor bra-

sileiro que dedicou sua carreira, sobretudo, aos gêneros do conto e da novela, embora tenha se aventurado também no romance e no ensaio crítico. Estreou com *O beco* em 1952. Sob a liderança de Dinah Silveira de Queiroz, integrou o grupo Café da Manhã, ao lado de Fausto Cunha, Samuel Rawet, Luís Canabrava, Daniel Dantas entre outros escritores. Advogado de formação, Renard dedicou-se principalmente ao jornalismo cultural. Passou por diversos jornais e revistas, dentre eles o *Correio da Manhã*, *Revista da Semana*, *Revista Branca*, *Manchete* e jornal *Última Hora*, tendo sido ainda redator-chefe da revista *Literatura*. Em setembro de 2003, recebeu a Medalha Antônio Houaiss, oferecida pelo Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro (SEERJ) em sua sede, na Casa de Cultura Lima Barreto, pelos serviços prestados à literatura brasileira. A narrativa de futebol, “Copa do Mundo”, encontra-se publicada na reunião de contos sobre o tema, intitulada *Contos brasileiros de futebol*, organizada em 2005 por Cyro de Matos, sob os auspícios da Editora LGE, de Brasília.

guém a quem comunicar a minha felicidade. Os livros enfileirados na estante parecem-me absurdos, é ridículo o jornal jogado por baixo da porta, com seus conscienciosos prognósticos sobre uma partida futura...”, observa noutro trecho o enfasiado narrador.

Acreditamos, como exemplo, que estes dois registros acima já são suficientes para dar ao leitor a dimensão singular deste conto que, se não é inovador no tratamento simbólico do tema da posse e da perda – e de suas fundas repercussões no âmbito individual ou coletivo –, ao menos não é tributário do lugar-comum em termos de fatura narrativa que elenca o jogo de bola aos pés como motivo acessório ou principal.

Um último momento-síntese desta narrativa de Renard Perez que, esclareçamos, não inova em nada em termos de investimento formal e que, contudo, traz alguma inflexão alvissareira no tocante a sua determinação temática, simboliza bem o caráter reflexivo geral da representação literária sobre a matéria social sobre a qual se debruça: no caso, a experiência da mentalidade brasileira sobre um dia tão especial.

“É preciso contar o resto? Cada brasileiro, naquela manhã, a princípio terrível, depois gloriosa de domingo, sofreu como eu. Os gols que se sucederam me levaram definitivamente a resaca. Mas não me tranquilizaram. Cheguei a desejar um avanço no tempo – chegar logo ao fim da partida, qualquer que ele fosse. O horrível era aquele martírio lento, martírio chinês”.

E não terá sido assim que os brasileiros então sentiram – ou sentirão, agora, com esta narrativa – aquilo tudo? ✶

Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



# A VIDA DE **Lucélia Santos**

**Sérgio Tavares**  
Especial para o *Correio das Artes*

**A** minha mãe não queria. Já estava nela, antes de existir. Intuição materna, costumam dizer. Algo assim.

A minha mãe disse esse rapaz não é bom pra você, e eu o havia visto fazia alguns minutos. Acontecia a festa de noivado da minha irmã mais velha. Estávamos no living, exibindo nossos vestidos de organdi, quando entrevi aquele rosto desconhecido, de traços angulosos e marcantes, que navegava entre o aspecto disforme da multidão que se apertava no alpendre equilibrando taças e aperitivos.

Fiquei caidinha na hora. Eu o encarava fixamente, erguendo, pouco a pouco, paredes que nos privavam do falatório, da música da vitrola, do efeito do ponche e do Campari, do cheiro do leitão assado. Era apenas eu e ele, vivos naquele cenário de manequins em ternos e vestidos. E quando me respondeu ao meu olhar, foi como

se enxergássemos um dentro do outro. Nesse momento que minha mãe se aproximou de mansinho e sussurrou no meu ouvido esse rapaz não é bom pra você. Mas era tarde demais, eu já estava apaixonada. Me lembro disso só agora.

Nos casamos dois meses depois, a contragosto dos meus pais. Eu abandonei o ginásio e consegui um emprego numa boutique. Gilliard sempre foi um operário, trabalhava com máquinas. Tinha experiência em fábricas de tecido, de bicicletas, de enlatados e, naquela ocasião, era cortador numa fábrica de papel. Fomos morar numa casa alugada de um piso, que ficava numa vila de difícil acesso. Não tinha o conforto da casa onde cresci, mas eu gostava daquela vida mínima, daquele espaço mínimo que tratava caprichosamente como uma exportação do quarto antes compartilhado com minhas irmãs. É claro ▶

► que a sensação de novidade contribuía. A aposta de que existia todo um mundo a ser explorado ao lado do Gilliard, ainda que ele fosse sete anos mais velho que eu. Por conta da idade, haviam coisas que ele já conhecia. Tanto para o bem quanto para o mal.

Gilliard gostava de puxar fumo em casa, depois do trabalho. Dizia que era para afastar o barulho das máquinas na sua cabeça. Eu não conhecia maconha, sequer identificava o cheiro da erva. Na primeira vez em que fumou depois de casado, me ofereceu uma tragada. Eu experimentei, mas não me fez bem. Não deu barato, fiquei enjoada. Para Gilliard, funcionava. Ficava só de cueca numa espreguiçadeira de pano que colocava entre a cozinha e a sala, bem embaixo de um basculante, planando sobre não sei onde, por horas a fio.

Eu não me importava, me ocupava com os afazeres domésticos e as marmitas do dia seguinte. Às vezes, ele ficava com vontade boa de trepar, mas o comum era eu ir para cama sozinha. Foi nessa normalidade morna que a vida virou do avesso.

Era de madrugada. Eu estava dormindo, quando Gilliard entrou no quarto ligando a luz e sacudindo o colchão. *Levanta e prepara um café e um pão com manteiga, tô com fome*, rosnava contra o meu rosto espantado.

Eu estava em choque, ou próxima disso. Nunca o tinha visto transtornado daquele jeito, correndo sem rumo pela casa. Ele saía e entrava do cômodo, berlando *levanta!, levanta!*, e eu não conseguia reagir. Então pulou sobre a cama, me pegando pelos cabelos, e me arrastou porta afora até a cozinha. Eu tremia toda, preparando o lanche que arrancou da minha mão, cambaleando de volta à espreguiçadeira. Não dormi mais, naquela noite.

Fui trabalhar bem cedo, depois segui para a casa da minha irmã mais velha. Gilliard foi lá durante uma semana, tentando falar comigo. Queria se retratar, pedir perdão, mas era sempre dissuadido, pelo meu cunhado, a desistir e ir embora.

Até que marcamos um encontro. Um lugar público, com a pre-

sença da minha irmã. Quando chegamos à praça, ele já estava lá. Tinha levado flores e feito a barba. Confessou, com os olhos marejados, que estava arrependido, que me amava o suficiente para abandonar a maconha e garantir que nunca mais iria tocar um dedo em mim. Eu fiquei indefesa e decidi voltar para a casa. Eu o amava tolamente.

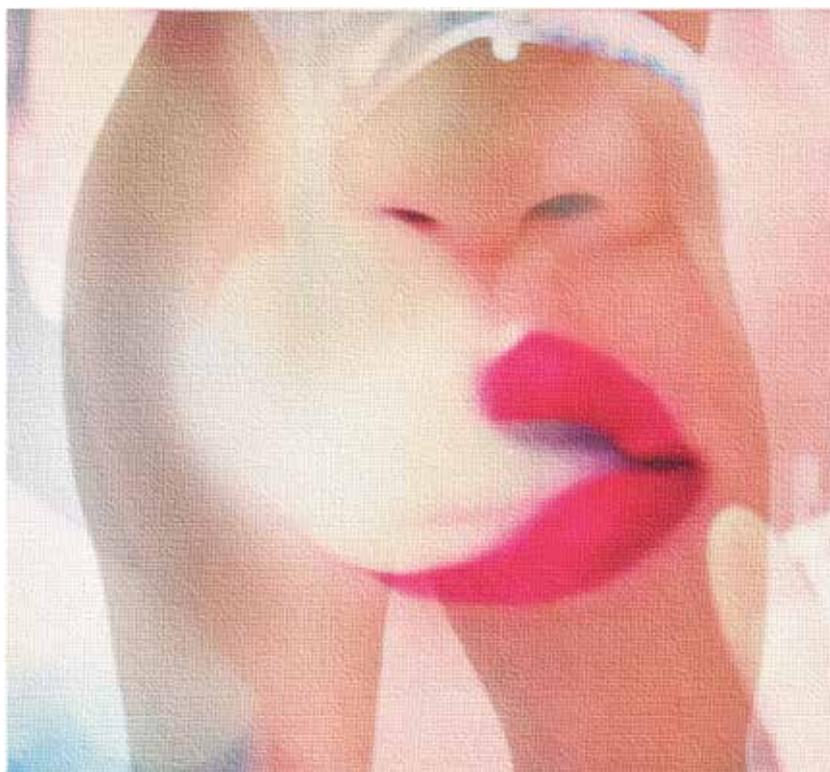
A promessa foi cumprida por um tempo. Em dois dias, a rotina prendeu-se ao eixo e a casa voltou a ser um lugar pacífico. Ele ficou mais atencioso, mais interessado pelas minhas preferências. Assistíamos a telenovela, às vezes um filme, depois íamos para a cama juntos. Trepávamos todos os dias. Era monótono, eu sei, todo o teatro de repetições, mas eu gostava, se harmonizava ao modelo de casamento que tomava emprestado dos meus pais.

Até que num sábado (me lembro que era sábado, pois tinha cumprido meio expediente) eu retornava da boutique e me surpreendi com Gilliard, sentado no sofá da sala, ao lado de um cara. Os dois estavam sem camisa e sob o efeito de alguma droga que os faziam suar em bicas. Gilliard fez um estardalhaço quando entrei, imitando trombetas com os lábios. O nome do cara era Vargas, seu, até então desconhe-

*cido para mim*, melhor amigo de longa data. Vargas tinha olhos estranhamente miúdos, suíças e bigode por aparar. Era tão magro a ponto do desenho das costelas lhe vestir feito um colete. Aceitou de onde estava, acho que não conseguia mais que isso. Eu reapsei sua incapacidade, por razões voluntárias.

Estávamos a poucos dias do Carnaval e, no pequeno televisor com o volume inaudível, começou a rodar imagens de desfiles de escolas de samba. Uma sequência de registros das ruas, mulheres à vontade e foliões em preto-e-branco. Macaqueando-se à minha frente, Gilliard começou a me sacolejar, achando graça daquele ato descabido. Depois perguntou ao Vargas *cê gosta de Carnaval?*, num tom alterado, mas incapaz de alcançar a dimensão onde o amigo estava. Sem resposta, ele me trouxe contra o seu peito grudento e completou que, de todas as pessoas que conhecia, eu era a que mais gostava de Carnaval, que samba no pé eu tinha muito mais que qualquer mulata do Sargentelli, literalmente nesses termos. Quer ver só? Vá ao quarto, tira essa roupa, e mandou que eu voltasse de biquíni e sambasse para eles.

Tomada por uma soma de espanto e incredulidade, eu me ►



► desvencilhei do abraço melado, lhe atacando com um olhar de reprovação, que foi se escolhendo à medida que via seu rosto se transfigurar numa bola de sangue. *Vista o biquíni e venha sambar pra gente!*, mordida cada sílaba, separadamente.

Quando retornei à sala, Gilliard e Vargas estavam novamente ladeados no sofá, mirando minha entrada com sorrisos leprosos. Aqui, apontou para o centro onde movera a mesinha. Iniciei uns primeiros passos tímidos, contendo o choro e suportando o constrangimento. Apertava os olhos bem forte até a cabeça tremer, tentando me transferir para um lugar onde ser obrigada a rebolar de biquíni, sem música, no meio da sala não parecesse ultrajante, quando surgiram gritos de *para, para, está tudo errado!* Gilliard inclinou-se no sofá e puxou a parte de trás da tanga, cavando todo o tecido dentro da minha bunda numa tira que revelava as laterais espessas do absorvente. *Agora sim, vamos!*, e os dois começaram a gargalhar. *Vamos animar esse baile, Chico! Ei, perái, é isso*, ele exclamou no tom de quem tem uma ideia brilhante, *vamos fazer um baile de Carnaval!*

Naquele mesmo dia, enquanto jantávamos, um comentário dos mais triviais sobre Vargas desencadeou um acesso inesperado de fúria. Curvado sobre o prato, Gilliard reagiu com um murro no tampo da mesa, que levaram os copos e os talheres ao chão. Mandou que eu calasse a boca e, fora de si, seguiu com um disparo de ofensas das mais cruéis. Em seguida se levantou e, chutando o que via pela frente, arrastou a espreguiçadeira para debaixo do basculante, se esticou e acendeu um cigarro de maconha. Eu fiquei sentada por um tempo, apenas como estava, na companhia da comida que esfriava e dos cacós. Depois fui direto para a cama, sem me lavar ou trocar de roupa.

Mais tarde, sonhei que havia descoberto um lugar desabitado onde dançar seminua, contra a vontade, não me fazia sentir constrangida. Meu corpo sacudia para cima e para baixo, sem compasso, mas não era sonho,

afinal. Abri os olhos e vi o vulto ajoelhado entre minhas pernas. Tinha puxado meu short e a calcinha até as canelas e se atirava com força contra mim. Fechei os olhos e fingi que não era nada, um sonho desabitado.

Daí chegou o dia do baile. Minha irmã mais nova foi a única da família a aceitar o convite e, de maneira gentil, veio cedo me ajudar com os aperitivos e a decoração. Gilliard ficou responsável pelas bebidas. Vieram também uns vizinhos, Eva, uma amiga da boutique, e a casa pequena não precisou de mais para ficar lotada. Fantasiados, cantamos marchinhas, brincamos de atirar confetes e serpentinas, bebemos além da conta. No fim, até que tudo correu extraordinariamente bem. Lá pelas tantas, sobraram apenas Vargas e Gilliard na sala. Eu estava na cozinha lavando a louça, quando ouvi chamar o meu nome. Me pareceu um tipo de ritual, quando cheguei. Eles estavam ajoelhados à beira do tampo de vidro da mesinha de centro, onde havia três fileiras de um pó branco, que não me

**Daí chegou o dia do baile. Minha irmã mais nova foi a única da família a aceitar o convite e, de maneira gentil, veio cedo me ajudar com os aperitivos e a decoração.**

passava pela cabeça o que era. Venha cá experimentar! E não sei, talvez por conta do pileque, talvez pela própria ingenuidade, eu fui. Me juntei a eles e, *nossa, foi a melhor das melhores sensações da minha vida!*

Era como se todos os sentimentos encarcerados, a submissão, a baixa autoestima, o medo ambulante, a anuência de que você não passa de uma coisinha medíocre, de um orifício viscoso, deixassem de existir. A cocaína me abriu um campo infinito e sem riscos. Me sentia nua, selvagem e, o que mais me valia, mais próxima do Gilliard. Cheirar juntos se tornou o nosso ponto de estreitamento, nosso refúgio. Eu já não me importava com as brigas e as agressões porque sabia que a cocaína iria acertar tudo logo adiante. Vargas era quem fornecia as pedras, vinham da Colômbia. Passamos a cheirar todos os dias. A noção do tempo foi se apagando, a ponto de descumprirmos obrigações e deixarmos de nos alimentar. Havia também a espionagem de uma agonia que me espreitava nos acessos de abstinência. Mas tudo se aniquilava nas festinhas a dois, cheirando e trepando sem descanso por horas seguidas. Não demorou, obviamente, para que perdêssemos nossos empregos. Foi justamente nesse período em que engravidei.

Quando descobri que existia uma vida dentro de mim alheia à minha escolha, resolvi parar de usar cocaína. O fundo de poupança durou por três meses, depois Gilliard começou a vender alguns eletrodomésticos para sustentar o vício. Eu me alimentava na casa da minha irmã mais velha, que era quem me acompanhava nos exames pré-natais. Foi ela quem deu o nome, quando descobrimos que era um menino. Maurício. Eu acreditei naquele nome, acreditei que poderia dar certo. Alguns meses após o parto, eu volta a cheirar de maneira desbragada. Vargas trazia remessas cada vez maiores de pedra no fundo de caixas com propaganda política, fazendo da casa um tipo de estoque pelo qual éramos remunerados, de modo que começamos a nos sustentar com isso. ►

► Por outro lado, tínhamos munição irrestrita para nos afundarmos no vício.

Nesse dia, na verdade esse dia começou em algum momento que ainda não fazia parte dele, provavelmente semanas antes pois vivíamos sob o efeito reprimado da droga, eu apaguei. Não sei, talvez por horas. Era uma fase em que meu filho já engatinhava e ouvir um choro que soava como o dele, de algum modo, foi o que escavou aquelas camadas e me puxou. Despertei como quem escapa de um afogamento, procurando o bebê pela casa, em meio à desordem, mas não estava em lugar nenhum e tampouco o ouvia novamente. Pedia ajuda ao Gilliard, inerte sobre a espreguiçadeira, gritava por socorro vagueando pela casa, quando finalmente o achei aninhado no vão entre a parede e o sofá. Na altura do peito, o macacãozinho estava empapado de uma gosma esbranquiçada e ele não respondia aos meus estímulos. Fiquei desesperada. E, quando nos desesperamos, uma ideia se fixa na cabeça. Naquele momento, para mim, era que ele tinha ingerido cocaína e que eu precisava acabar com tudo aquilo de uma vez por todas.

Tomei o menino nos braços e avancei contra a estante onde Vargas estocava a droga. Pegava o que conseguia com uma mão e retornava até o banheiro, onde despejava o conteúdo dos sacos plásticos dentro da privada. Na terceira descarga, me deparei com Gilliard atracado à porta do banheiro, tentando decifrar o que acontecia. Quando conseguiu, saltou sobre mim, gritando *sua louca, você acaba de nos matar! Tem ideia a quem pertence tudo isso? Vargas vai acabar com a gente, antes de acabarem com ele!*

Mas eu estava fora de mim, que me esquivei e sai para pegar mais pedras. Gilliard me seguiu, aos berros, por alguns minutos, depois desapareceu casa adentro. Nos encontramos novamente na porta do banheiro, e agora ele segurava uma faca de açougueiro.

Iniciamos um jogo de gato e rato pela sala, onde eu me esquivava dos ataques pensando

apenas em proteger o bebê ainda desacordado nos meus braços. Gilliard iria me matar, eu sabia disso. E engraçado era que o fato de eu ter apagado me dava vantagem sobre ele. Contornei o sofá, insinuando entrar na cozinha, e guinei para dentro do quarto, onde me tranquei. A manobra o irritou ainda mais. Urrava e esmurrava a porta, tentando superar a madeira a facadas. Ele repetia *você nos matou, você nos matou!* E a algazarra estranhamente reanimou o menino, que começou a chorar. Não tão animador foi para os vizinhos que, perturbados, chamaram a polícia.

Gilliard foi algemado. Nos colocaram no banco de trás da rádio patrulha; o bebê, sobre meus joelhos, ainda soluçava. Durante o trajeto, ele me encara com olhos que diziam *aconteça o que acontecer, não diga nada sobre a droga*. Na delegacia, fomos separados e uma assistente social me tomou o menino. Um policial anotou meus dados, depois fiquei plantada num banco de madeira por horas, atemorizada com o tanto de jovens, tipo estudantes, que eram puxados de um lado a outro, alguns bem machucados a ponto de não conseguirem ficar de pé por conta própria.

Até que o mesmo policial saiu de uma porta e avisou que o delegado queria falar comigo. Era um sujeito corpulento, na faixa dos quarenta anos, com uma cova acentuada no queixo atarracado que flexionava os lábios finos. As costuras e os botões da camisa eram forçados pela barriga estendida, encoberta regiamente pelo terno de fazenda clara e a gravata de listras bicolores. Tinha um olhar de sapo que se deitava sobre olheiras carvoentas.

O delegado se sentou, me indicando a cadeira vazia do outro lado da escrivaninha. Ainda mudo, deslizou uma folha batida a máquina e uma caneta na minha direção. Ele disse, de maneira prosaica, essa é a sua confissão. Você está testemunhando que o seu marido te estuprou, mas sou eu quem vai te estuproar. Você vai pegar a caneta e assinar no fim da folha, na linha pontilhada, atestando que leu e concorda com o que está escrito.

Verá não há nada que comprometa a perda da guarda do seu filho. O seu marido ficará detido por um tempo, depois o Campão irá conduzi-lo a uma das celas destinadas àqueles que praticam atos subversivos. E presumo que você saiba o que acontece com aqueles que praticam atos subversivos em nosso amado país?

Eu o encarei por um tempo e, na frieza daqueles olhos desmaiados, percebi o quanto iria me machucar, as coisas inomináveis que iria fazer comigo, o grau de maldade capaz de apagar tudo o que eu era até aquele momento. Peguei a caneta e assinei.

Amanhecia quando deixei a delegacia. O sol começava a conquistar territórios, tomando de assalto o topo dos prédios, na altura das antenas de televisores e dos para-raios. Eu andava a esmo, enfrentando a margem do dia que ainda não conseguia se distinguir, quando tudo parece resistente demais, submerso numa luminosidade aquosa. Pensava na minha mãe. Na tal intuição materna. Era apavorante imaginar que, ao sussurrar no meu ouvido naquele dia da festa, ela podia antever tudo de mau que aconteceria, ainda que não tão apavorante quanto eu, naquele instante, entender como isso era possível. Eu teria o meu filho de volta, e isso bastava. Mesmo doente e machucada, mesmo sem saber o que fazer dali para frente.

Quando o sol me alcançou, seu peso era tão insuportável, que tive de me render e deitar no chão. Fiquei assim por um tempo, imobilizada no plano das rachaduras e das coisas indesejadas. ✖

Sérgio Tavares nasceu em 1978. É autor de *Queda da própria altura*, finalista do 2º Prêmio Brasília de Literatura, e *Cavala*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura. Alguns de seus contos foram traduzidos para o inglês, o italiano, o japonês e o espanhol. Participa da edição seis da *Machado de Assis Magazine*, lançada no Salão do Livro de Paris. Mora em Niterói (RJ)



# Anotações

## sobre romances (13)

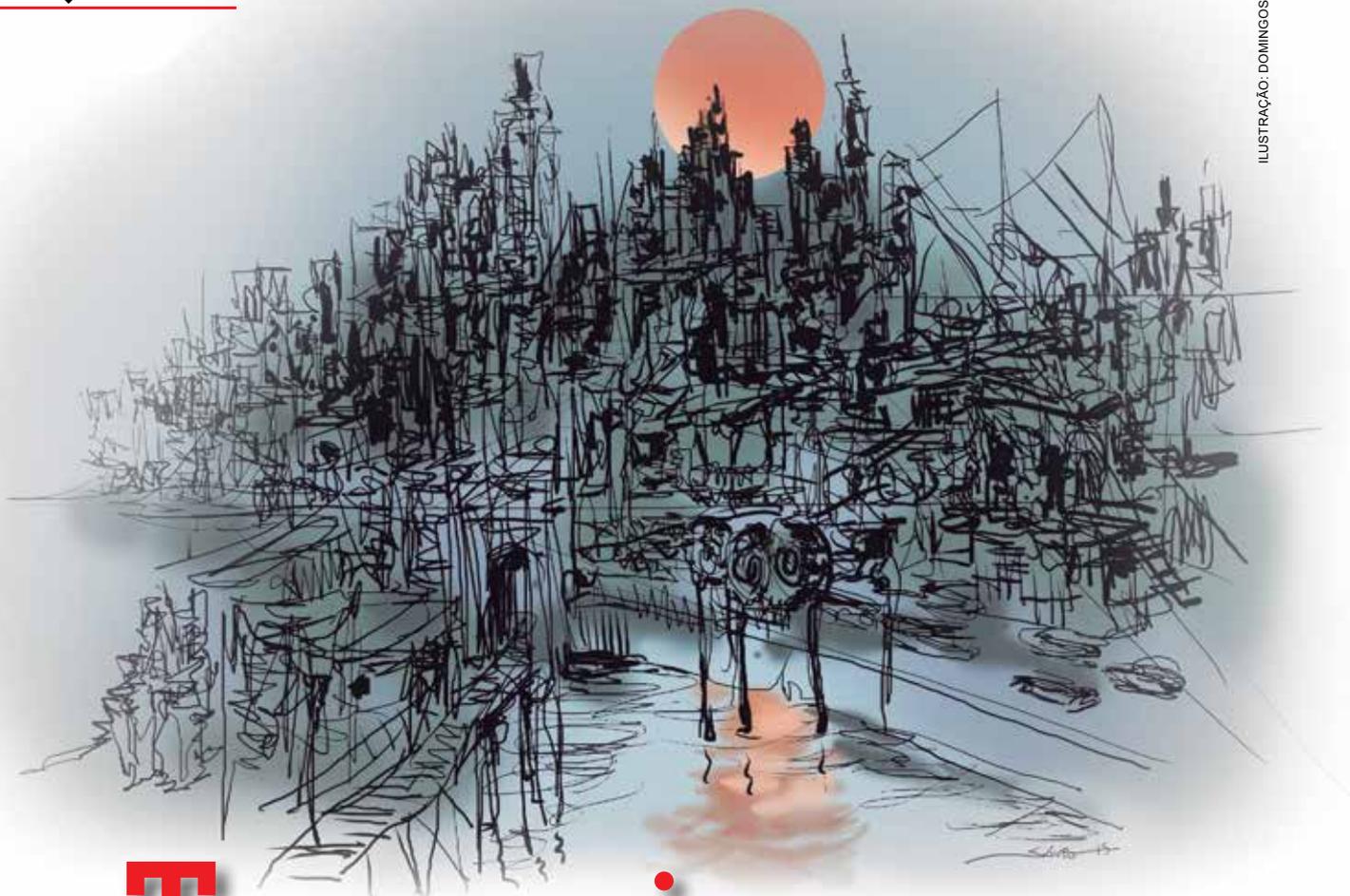
**N**ão há um centro para Holden Caulfield, protagonista de *O apanhador no campo de centeio*, J. D. Salinger. Todos (menos a pequena Phoebe, sua irmã, ou ainda o irmão já falecido Allie) são objeto do seu riso: diretores, professores e colegas de escola; o pai, a mãe, o irmão D. B. (roteirista em Hollywood); as várias figuras (taxistas, prostitutas, gigolôs, garçons) com as quais ele se depara. Os conteúdos pedagógicos e a arte de massa americana (em especial, o cinema) são fortemente ironizados pelo protagonista. Como ironizada é a Bíblia: “Gosto de Jesus e tudo, mas não dou muita bola para a maioria das outras coisas da Bíblia. Os Apóstolos, por exemplo. Pra falar a verdade, os Apóstolos são uns chatos. Depois que Jesus morreu e tudo eles trabalharam direitinho, mas, enquanto Ele estava vivo, não serviam pra nada. Deixavam Ele na mão o tempo todo. Gosto de todo mundo na Bíblia mais que dos apóstolos”. Quando, em seu (transtornado, em certos instantes) giro por Nova York, Holden se reencontra com Sally Hayes, por quem se sente de algum modo atraído, desabafa (e aqui uma síntese de seu pensamento acerca das opções/gostos dos habitantes da cidade): “[...] eu odeio a escola. Poxa, como detesto o troço [...]. E não é só isso. É tudo. Detesto viver em Nova York e tudo. Táxi, ônibus da Avenida Madison, com os motoristas gritando sempre para a gente sair pela porta de trás, e ser apresentado a uns cretinos que chamam os Lunts de anjos, e subir e descer em elevadores quando a gente só quer sair, e os sujeitos ajustando as roupas da gente nas lojas, e as pessoas sempre... // [...] Os carros, por exemplo [...]. A maioria das pessoas são todas malucas por carros. Ficam preocupadas com um arranhãozinho neles, e estão sempre falando de quantos quilômetros fazem com um litro de gasolina e, mal acabam de comprar um carro novo, já estão pensando em trocar por outro mais novo ainda. Eu não gosto nem de carros velhos. Quer dizer, nem me interesse por eles. Eu preferia ter uma droga dum cavalo”.

FOTO: INTERNET



J. D. Salinger, autor  
de *O apanhador no  
campo de centeio*

Rinaldo de Fernandes  
é escritor, crítico de literatura e  
professor da Universidade Federal da  
Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



# Travessias

**Ronaldo Cagiano**

Especial para o *Correio das Artes*

*Os edifícios me ameaçam, as mãos frias do vento me sufocam. Além dos olhares assassinos e da velocidade; pessoas enormes deslizam ruidosas pela cidade, conduzindo dentro delas outras pessoas.*

*Posso vê-las quando arrisco meu olhar assombrado pelas janelas dos seus ventres.*

Maura Lopes Cañado

“O sofredor do ver”

**S**ob um céu profano, a mesma lição todos os dias, para em cada um deles tornar-me irreconhecível: a cidade se converte na selva monolítica e gelada: matéria e circunstância para os psicanalistas. Uma geografia sinistra nesse ambiente retórico de fumaça e decadência. Fuliginosa é a manhã que, em vão, aguardam esses seres homiziados ouvindo som digital em seus tronos sobre rodas, de onde veem menores esguei-

rando-se entre os automóveis fazendo o pregão de bugiganças, frutas e balas. Arsenais de vozes e ruídos se sucedem com uma solenidade improvisada no minúsculo auditório dos tímpanos. A fera enjaulada na solidão oceânica de ninguéns. Encapsulados em suas estações de trabalho, repassando e-mails e atendendo aos chamados sucessivos dos celulares, muitos deliram na miséria recalcitrante de cada dia, ruminando seus lutos diá-

rios na moldura de um cárcere funcional. Ruas, avenidas, becos e vielas não escapam à aquarela insólita: artérias de cinza e enxofre, canais antagônicos onde fluem rios de vivos mortos que se entrechocam e não se olham. Orquestra de motores. A presa fabril de uma alucinada engrenagem impondo um ritmo avassalador em todas as coisas. A lógica veloz, tumultuária e vulcânica de todas as necessidades impedindo detectar a mínima parcela de consciência nos movimentos e de realidade nos sentimentos. Os edifícios formigando gente na monotonia das tarefas miúdas e enfaçonhas. Ônibus, metrô, trens, automóveis vomitando corpos refratários a qualquer alteração. Essa permanente colisão de anonimatos e gestos redundantes, meus olhos em seu verde espanto, pulsações de auroras que não vingam, turismo de urubus sobre as lixeiras, *fast foods* cheios de pessoas vazias, gente como feras se nutrindo do inservível, escafandristas da solidão mergulhando diuturnamente na multidão abissal, bancários bovinizados por tarefas medíocres e repetitivas, a avareza do câncer e sua bizarra multiplicação de células devorando silencioso as vísceras do homem que alimenta os pombos na Praça da Sé, a pirataria que não se fatiga das blitzes, um Paraguai a céu aberto na 25 de março, o tapete de logomarcas falsas cobrindo a Barão de Itapetininga, um cemitério de sons confusos, os trens do metrô: serpente sempre igual sem sair dos trilhos impondo aos usuários o tédio que passa veloz como uma película sem fim de vidas tão apoucadas, indivíduos apequenados pelos delírio do beijo assassino do mercado. Poluição de semáforos disciplinando o mar convulsivo e divergente de animais metálicos e uma assembléia de pedintes sobre a pista latejante. No abril em que me espelho, o amor parece sair de moda, pois

inusitado é o casal entre beijos aguardando para ultrapassar a faixa de pedestres, a metrópole regurgita seus fantasmas, labareda & carnificina em rostos pressurosos dos que me esbarram, mas não me tocam. Um homem limpa a boca na camisa e tenho a sensação de ter chegado a um final de festa. O que meus olhos flagram é uma fraude, pois a alma é que reverbera todos os horrores: a energia da dor que dela emana poderia abalar a Terra. E vejo aquela mulher espiando o mundo de dentro de sua janela, sobre a qual há um toldo verde: ele funciona como uma pálpebra que nunca se fecha sobre os olhos de seu coração. Ela sofrerá como nós? Somos feras intangíveis nessa coreografia de degredos, na imodéstia do perigo e da morte. Nas igrejas, transformadas em mercados de uma fé alucinada e bizarra e uma espiritualidade chantagista, com padres *super stars* e pastores eletrônicos, contrabandistas da salvação impossível, que aleluiam suas acrobacias pelas tevês e praças públicas, uma retórica melodramática e bestializante, muitas vezes escamoteando suas vidas dicotômicas (divididas entre a oração e a ereção, perdidos entre a falação e a felação). Nesses verdadeiros *shoppings centers* da salvação onde se impõe uma teologia predatória e carnívora e traficam a felicidade a crédito, vejo a angústia dos que (à procura da falsa prosperidade) entram desorientados e saem sem saber para onde vão. As virilhas engomadas por espermas clandestinos dos que vivem o rescaldo de pantagruélica melancolia ensinam mais que todas as ideologias. No mundo político e econômico, entre o canibalismo de uns e o terrorismo de outros, o neoliberalismo e seus fetiches (a canalhice e seus fantoches) vão construindo seus túmulos num país sem memória, cemitério dos vivos. Não sobra nada da guerra diária. Próteses huma-

nas no lugar de almas. A vida esvai-se como água em minhas mãos. E julho é um bom mês para nascer. Ouço de alguém que passa ao meu lado, abraçado ao filho, na faixa de pedestres: *Leonora, minha bike, precisa de grandes reparos. Só dei uma volta com ela. Depois demos mais 2 a pé.* Em que ciclovi(d)as teria pedalado até a exaustão? Tudo se desmancha nessa alvenaria de ventos. Entre um prédio e outro, molduras de horizontes, um portal do sol que insiste em penetrar no oceano fossilizado de cimento e ferro, de carunchos na alma. O que quero ressuscitar nisso tudo? Um faixa de gaza urbana com sua artilharia torpedeando ouvidos e emitindo certidões de óbito. Caminhos & descaminhos bifurcam-se – centopéia de mil pés. Que Dédalo projetou essas entranhas? Sou uma flor desidratada nesse imenso e incorpóreo jardim de flagelos: uma orquídea autista na corda bamba. Caminho entre as obturações do asfalto e contemplo as cicatrizes na epiderme dos edifícios. Olhos exilados no além-tudo. A noite chegará sem qualquer promessa, apenas o trânsito e suas fadigas com sua serpente de faróis sob a lua. Nada vale a pena, mas a alma é grande. Acrobatas no fio tênue entre a vida e a morte. Viveramar é criminoso. Procu-ro na saída a antítese de tudo isso e me vejo só, nesse silêncio agudo, nessa ausência hermética, sem a misericórdia de uma Ariadne. Como inventariar o caos nesse difuso concerto para arranha-céus? ✦

Ronaldo Cagiano é escritor e tradutor.  
Mora em São Paulo (SP)

# Dez dias

## COM ELENA EM Havana

**Analice Pereira**

Especial para o *Correio das Artes*

SEXTO DIA:

“COMO SI FUERA LA PRIMAVERA”

**P**or que a literatura era tão importante na vida dela? A resposta estava pronta e sem muito segredo ou elucubração: *havia aprendido, sobretudo com Antonio Candido, que a literatura tem uma função humanizadora e, por isso, o direito a ela deveria ser tratado como um dos Direitos Humanos. É tudo.*

Não era difícil compreender, na sua prática leitora, e também pedagógica, como se dava essa humanização, sem, necessariamente, interpenetrar, nessa noção, algum juízo de valor. Mas isso seria um outro papo. No caso das narrativas de ficção, essa humanização se dava pela formalização estética e pela fabulação, o que justificava, inclusive, o fato de estar na Ilha, justamente via literatura. A leitura dos livros de Leonardo Padura foi o que a impulsionou a desbravar aquele terreno até então conhecido apenas pela ficção e pelo que apresentava a mídia. Porém, ir à Ilha não significava, somente, certificar-se, naquele chão real, do que se apresentava nas ficções que lera, mas, também, adentrar na possibilidade de contatar um *modus vivendi* diverso do seu, conforme se apresentava, inclusive, naquelas ficções. Antonio Candido estava certo.

Pelo que lia e ouvia dizer, imaginava que em Havana, cidade de pessoas que demonstram tanto saber, todos liam. Engano!? Segundo Elena, não se lê muito em Cuba. – *Livros de literatura, dizia Elena, não se lê; aqui as pessoas estudam, não há analfabetos, não há nenhuma criança fora da escola, há universidade para todos; a educação é levada muito a sério, mas a grande maioria não lê literatura.* – Como pode?, perguntava a estrangeira. – *Só os*

*intelectuais e os professores de universidades leem; os jovens não leem; a juventude não quer saber de leitura, reiterava Elena.*

Sabia que, na visita à 24ª Feira Internacional do Livro de Havana, seria possível, mesmo por um desenho mais geral do que presenciase, confirmar ou não a afirmação de Elena. A caminho da Feira – que não se restringia à cidade de Havana, ou seja, acontecia também e concomitantemente em algumas províncias – ouvia uma música tão familiar, ainda ao longe... Confirmou, logo, que vinha do lugar da Feira, o Pabellon Cuba, um edifício moderno, grande e muito bonito. Era uma música cubana e de sucesso na versão e voz de Chico Buarque. A experiência de ouvir aquela música naquele ambiente trespassaria a barreira da mera experiência; tomaria conta do seu pensamento e das suas impressões até o final daquela viagem. Ou seja, faria um sentido que até então não tinha feito.

Seguia... seguia a fim de verificar *in loco* se se lê ou não na Ilha. E, para sua surpresa, ao longe avistou uma fila de pessoas na entrada do Pabellon. A surpresa só aumentava quando entrou no local, e, mais ainda, quando verificou os preços dos livros. E não menos surpresa ficou quando procurou os livros de Leonardo Padura (sim ele mesmo, o que a levou, pela literatura, àquela viagem: um escritor cubano que reside e escreve em Cuba, mas não publica em seu país. Mas isso, também, é outro papo) e soube, por um livreiro, que





*Crianças participam de rodas de leitura na Fortaleza San Carlos de La Cabaña, um dos locais onde foi realizada a 24ª Feira Internacional do Livro de Havana*

► não encontraria livros de Padura naquele local. –  *Talvez, no dia da participação do escritor em uma mesa-redonda, disse o vendedor. Mas nesse dia, que não tardaria a chegar, a estrangeira já teria se ido.*

Havia muitas pessoas na Feira, para ser um dia de semana e o primeiro dia. Em sua maioria, cubanos, visitando e comprando livros. Para o final de semana, a previsão era de que lotaria, ou seja, tradicionalmente, a Feira atraía muita gente. As cenas que viu e as informações que obteve auxiliavam a estrangeira na confirmação ou não da proposição de Elena (?).

A Feira homenageava a literatura indiana e havia muitos títulos traduzidos para o espanhol. Os preços dos livros publicados em Cuba eram baixos, para cubanos, que compravam na sua moeda, ou seja, em pesos cubanos. Era algo em torno equivalente a um dólar cada livro. Porém, tendo como parâmetro o salário médio do cubano em sua equivalência com o dólar, os livros não eram tão acessíveis assim. Difícil de entender. Mas mesmo assim, chamava a atenção da estrangeira aquele número de pessoas e

aquelas crianças nos estandes de literatura infantil. Guardadas as devidas proporções, parecia haver mais gente do que livros.

Sim. Por uma falha na comunicação, mais por parte da estrangeira do que de Elena, havia um equívoco que, agora, vendo de perto, mesmo com seus olhos um tanto românticos, diga-se de passagem, a estrangeira começava a desfazer. Como? Ora, ainda não conhecia bem a realidade do país de Elena (a questão das moedas que circulam concomitantemente, inclusive) e esta não conhecia a realidade do país da sua *hóspede*, um país de analfabetos funcionais. Tampouco Elena era professora. Talvez bastassem essas duas razões, que constituíam, naquele contexto, os parâmetros, para a estrangeira, naquela tentativa de avaliar a assertiva de Elena. Aquela comparação entre os dois países, dadas as dimensões e complexidades de cada um, era um

tanto desonesta. Resolveu, então, deixar de lado. Sairia dali certa de que as dinâmicas de publicação e os preços dos livros são, entre outros, aspectos de consolidação da tese de Antonio Candido, quando defende que a literatura, o direito a ela, deveria ser tratado como um dos Direitos Humanos. Mas ter direito significa ter acesso, seja adquirindo livros, seja pelas bibliotecas públicas. Era confuso! Resolveu, então, bastar-se na alegria de ver aquela multidão numa feira de livros, tomar uma cerveja e ouvir aquela música.

E que música era essa? Ah, logo na entrada do Pabellon Cuba, havia um grupo musical recepcionando os visitantes. A música que tocava era “De qué callada manera”, de Pablo Milanés, que, na versão de Chico Buarque, recebe o título “Como se fosse a primavera”. Não sabia qual o título era mais bonito. Não sabia qual versão mais lhe agradava, se em espanhol, se em português. Só sentia que aquele som naquele contexto a tomaria de assalto. Inevitavelmente, lembrou de muitos amores, dos seus e dos das ficções que leu, nas quais encontrava sempre alguma identificação (estaria aí, também, a cota de humanização da literatura?). Os versos “¿Quién le dijo que yo era risa siempre nunca llanto? / Como si fuera la primavera / ¡no soy tanto!” marcavam aqueles instantes, fugazes pela condição de *une passante*, como no poema de Baudelaire, mas que se faziam perenes em sua memória.  *Como não levar Antonio Candido muito a sério? Como não acreditar no “fingimento” da literatura? Como acreditar que aquele povo não lê?*  

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em João Pessoa (PB)

\*tec tec  
tec tec  
tec\*

**Raíssa Melo**  
Especial para o *Correio das Artes*

**T**odos os dias. Aquele mesmo tec tec na ponta dos dedos. Aquele mesmo olhar sonolento grudado na tela de 14". Aquelas mesmas quatro paredes, que à medida que se aproxima do meio dia, parecem cada vez mais estreitas. Aquela mesma cadeira acolchoada que vai lentamente assumindo o formato da bunda que repousa sobre ela. Aquela mesma luz acesa. Aquele mesmo ar condicionado soprado no pé do ouvido e balançando as flores artificiais com suas gotas de orvalho de plástico. De plástico, como tudo naquele lugar. Sem plantas, sem animais, sem barulho de água jorrando, sem frescor, sem umidade, sem humanidade. Tem nem janela pra saber se tá chovendo ou fazendo sol naquele dia. Todos os dias. Aquela mesma atmosfera impenetrável pelas intem- ▶

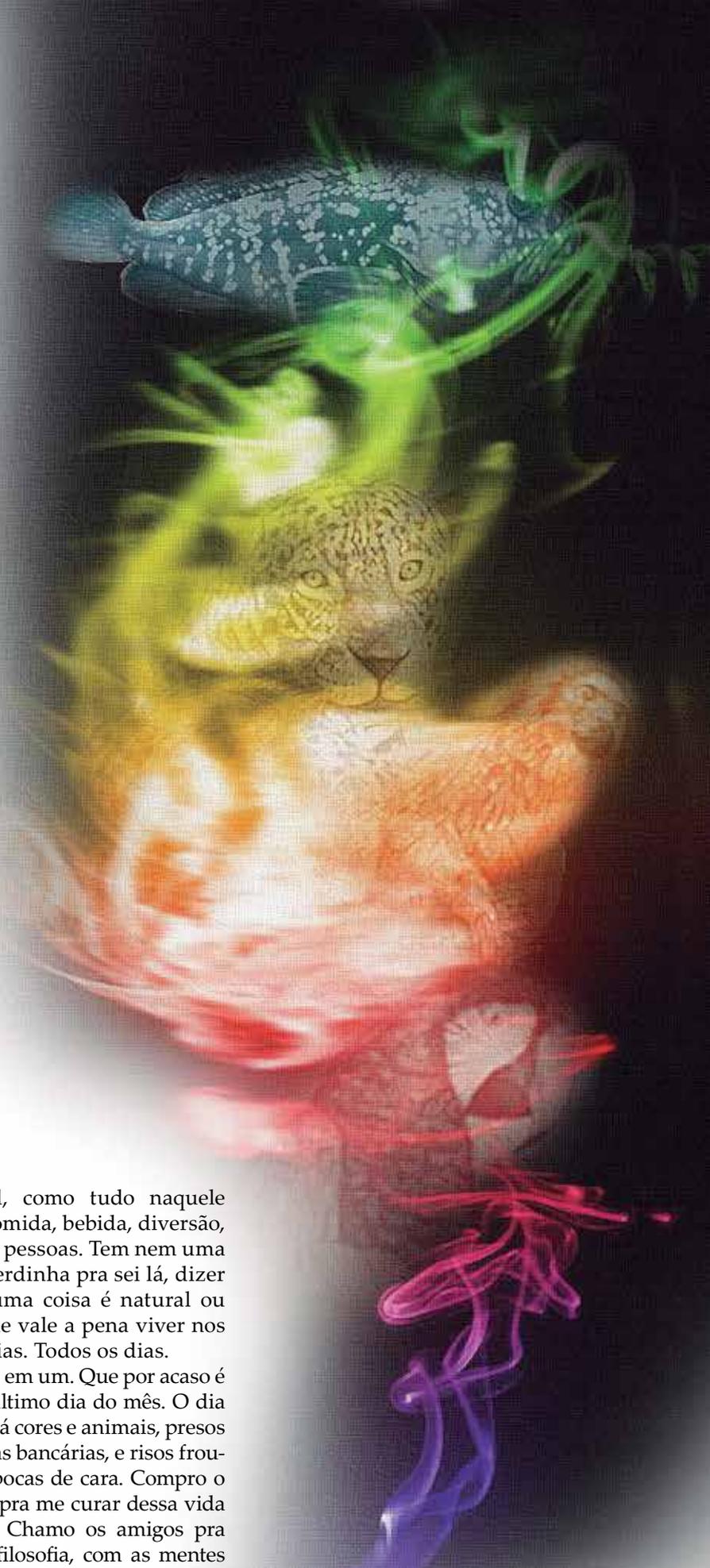
▶ péries naturais. Aquela mesma conversa sobre a última fofoca urbana anunciada no noticiário de ontem. Aquele mesmo café com gosto de pia. Aquele mesmo conforto funesto da rotina diária. Aquele mesmo cheiro cinza que exala das salas recém-abertas. Cinza, como tudo naquele lugar. Paredes, pisos, bureaus, portas, pessoas. Tem nem um sorriso amarelo pra sei lá, dizer que alguma coisa é colorida ou fingir que vale a pena viver naquele dia. Todos os dias.

Exceto em um. Que por acaso é hoje. O último dia do mês. O dia em que há cores e animais, presos nas contas bancárias, e risos frouxos nas caras abatidas. Até o café parece mais empolgante e as conversas menos amargas. Pena que não bebo (aquele) café. E nem costumo gastar saliva com (aquelas) conversas. Solitariamente, termino meu trabalho, aguardo a hora de sair, salpicando umas curtidas entre uma e outra leitura interessante, até que finalmente chego em casa.

Todos os dias. Aquele mesmo tec tec na ponta dos polegares. Aquele mesmo olhar sonolento grudado na tela de 32". Aquelas mesmas quatro paredes, que à medida que se aproxima da meia noite, parecem cada vez mais estreitas. Aquela mesma cama há um mês desarrumada que já assumiu o formato de quem repousa sobre ela. Aquela mesma luz apagada. Aquele mesmo ventilador barulhento rodando a cabeça e espalhando no ar a poeira dos carros que correm no asfalto. Que correm, como tudo naquele lugar. Sem pausa, sem descanso, sem adrenalina jorrando, sem sentido, sem vontade, sem liberdade. Tem nem janela pra pular do décimo quinto andar e silenciar aquela agonia. Todos os dias. Aquela mesma atmosfera impenetrável pelas intempéries naturais. Aquele mesmo noticiário anunciando a última fofoca urbana. Aquela mesma coca já choca na geladeira vazia. Aquele mesmo conforto funesto da vida solitária. Aquele mesmo cheirinho artificial exalando do microondas anunciando que o cardápio é lasanha congelada de novo.

Artificial, como tudo naquele lugar. Comida, bebida, diversão, relações, pessoas. Tem nem uma planta verdinha pra sei lá, dizer que alguma coisa é natural ou fingir que vale a pena viver nos outros dias. Todos os dias.

Exceto em um. Que por acaso é hoje. O último dia do mês. O dia em que há cores e animais, presos nas contas bancárias, e risos frouxos nas bocas de cara. Compro o remédio pra me curar dessa vida bandida. Chamo os amigos pra discutir filosofia, com as mentes abertas e as barrigas vazias. Coletivamente, preenchemos os pulmões e o quarto com o cheiro da liberdade, enquanto cometemos o grave crime de fugir das dos outros e finalmente viver nossas próprias realidades. ✦



Raíssa de Melo Vieira é estudante de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mantém um tumblr na net ([raissamelov.tumblr.com](http://raissamelov.tumblr.com)), onde procura expressar sua visão de mundo através da escrita e do desenho. Mora em João Pessoa (PB)



# Uma entrevista

**A**o longo de quase três décadas de cansativa vida literária, tive a sorte de ser entrevistado por grandes jornalistas, a exemplo de William Costa, Astier Basílio e Linaldo Guedes, todos de jornais da Paraíba. Mas tive, também, a infelicidade de ser interpelado por meia dúzia daqueles profissionais mais rotineiros, que costumam fazer as mesmas perguntas de sempre, “óbvias, estapafúrdias, inconvenientes ou repetitivas”, como dizia Ariano Suassuna. Às vezes, neste último caso, a gente perde um pouco a paciência, sobretudo se entre a meia dúzia não há nenhuma beldade cor de jambo como aquela que um dia entrevistou Fernando Sabino; e aí termina dando respostas também óbvias e estapafúrdias, ora irônicas, ora engenhosas, ora inconvenientes, respostas que são, quase sempre, deturpadas, amputadas ou simplesmente descartadas das entrevistas, para que estas possam ser publicadas sem maiores problemas para o jornalista, o editor ou o jornal.

Meus arquivos, porém, são mais implacáveis que os de João Condé. De maneira que hoje, embarçado com a falta de assunto para escrever, resolvi ocupar o espaço da minha crônica reunindo, numa entrevista só, realizada por um fictício repórter de suplemento literário, algumas dessas perguntas e respostas que guardei comigo, na minha memória ou na memória do meu computador.

\* \* \*

– Que livro gostaria de ter em mãos se fosse mandado para uma ilha deserta?  
– Depende.  
– Depende de quê?  
– Eu iria sozinho?  
– Não sei, perguntei por que é de regra, todo jornalista cultural faz essa pergunta

a um escritor. Faz diferença, ir sozinho ou acompanhado?

- Para mim faz muita.
- Bem, digamos que o senhor vá sozinho.
- Então eu levaria o *Manual do construtor de jangadas*.
- E quem é o autor?
- Não vê que estou brincando? Não existe este livro. Quer dizer, que eu saiba não existe, mas bem que deveria existir.
- Bem, e se o senhor fosse acompanhado, que livro levaria?
- Também depende.
- De quê?
- Da companhia. Se eu fosse acompanhado por algum desses políticos que vivem aparecendo em nossos noticiários, por exemplo, levaria outro manual.
- E qual seria?
- A *Arte de furta*.
- É brincadeira?
- Não, este existe mesmo. É um livro anônimo, do século 18. Só assim eu ficaria prevenido, sabendo como me comportar diante do sujeito. Se, por outro lado, eu fosse na companhia da Scarlett Johansson...
- Da Scarlett Johansson?
- Sim, não estamos no campo da fantasia? Ou você acha mesmo que eu poderia ser mandado para uma ilha deserta, e logo na companhia da Scarlett Johansson?
- Está bem. Se o senhor fosse para uma ilha deserta, com a Scarlett Johansson, que livro levaria?
- O *Kama Sutra*.
- Bem, isso eu não posso publicar.
- Então não publique, eu apenas respondi à sua pergunta.
- Está certo. Vamos então mudar a pergunta.
- De acordo.
- O senhor exerce a crítica literária, não? >

ILUSTRAÇÃO EXCLUSIVA DE MANUEL DANTAS SUASSUNA PARA A COLUNA NOVO ALMANAQUE ARMORIAL

- ▶ – Sim, exerço.
- Por quê?
- Por necessidade.
- Necessidade existencial?
- Não, financeira. Preciso sempre de um extra no final do mês, para fechar minhas contas.
- Como se sente ganhando dinheiro para falar mal da obra alheia?
- O dinheiro não é muito, e eu só falo bem.
- Só fala bem? Como assim? O senhor não é crítico?
- Eu escrevo prefácios de livros. Você acha que algum editor publicaria um prefácio que falasse mal de um livro que ele quer vender?
- Mas então o senhor não está sendo honesto. Isso é propaganda enganosa!
- Não é não, pois só faço o prefácio quando gosto do livro. Caso contrário, não há dinheiro que me faça escrever.
- E quem escreve, então?
- Alguém que tenha o gosto diferente do meu.
- E quanto à poesia?
- Que é que tem?
- Também escreve por necessidade financeira?
- Não, existencial. Poesia não vende.
- Mas o que mais se encontra, nas livrarias, é livro de poesia. Livros muito bem feitos, com capa dura e papel especial. E não me refiro a poetas conhecidos, como Bandeira ou Drummond. São autores novos, dos quais nunca ouvi falar. Como explica isso?
- São livros custeados pelos próprios autores, que depois os colocam nas livrarias em regime de consignação. As livrarias não pagaram por eles, nem pagarão, pois não irão vender. E os livros mais bem feitos são, em regra, de juízes ou desembargadores, que têm mais dinheiro para fazer livros assim. Às vezes, um ou outro advogado compra um exemplar durante os lançamentos, em geral pomposos; não porque goste de poesia, mas para fazer média com o autor.
- Bem, isso eu não posso publicar.



- Então não publique, eu apenas respondi à sua pergunta.
- Está certo. Vamos então mudar a pergunta.
- De acordo.
- Que acha do cinema que se faz atualmente em Pernambuco?
- Não sei, não acompanho muito o cinema daqui. Para ser sincero, vejo pouco cinema, daqui ou de qualquer lugar do mundo. Para ser mais sincero ainda, os únicos filmes que realmente me interessaram, nos últimos anos, foram os da Scarlett Johansson. Aliás, daqui a pouco vai passar um, na televisão.
- Vai passar qual?
- *Encontros e desencontros*.
- Aquele em que ela aparece de roupas íntimas, num quarto

- de hotel, no Japão?
  - Esse mesmo.
  - A que horas vai ser?
  - Às nove.
  - Bem, então acho melhor terminar a entrevista. Já são sete e cinco, e eu ainda tenho que passar no jornal. Se eu não for agora, não chego em casa a tempo!
  - De acordo.
  - O repórter saiu e eu fui correndo ligar a televisão. O filme, na verdade, começaria às sete e meia. Menti para o jornalista, por puro ciúme. Para ver a Scarlett, quanto menos gente, melhor. ✖
- Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco.  
 Mora em Recife (PE)





122  
*anos*

# 2015

uma nova História  
para uma nova

# A UNIÃO

---

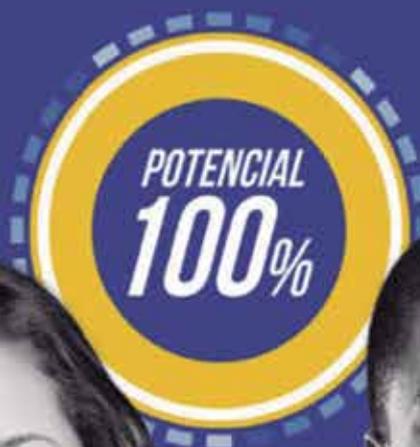
Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518

---



[www.paraiba.pb.gov.br](http://www.paraiba.pb.gov.br) |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniaogovpb) |  [uniaogovpb@gmail.com](mailto:uniaogovpb@gmail.com)



VONTADE DE APRENDER



**BOM NEGÓCIO É  
CONTRATAR UM  
APRENDIZ  
DO SENAC**



ORGANIZAÇÃO

**JOVEM  
APRENDIZ**

**ABRA ESPAÇO PARA UM APRENDIZ.  
OS CURSOS DO SENAC ESTÃO VOLTADOS  
ÀS NECESSIDADES DAS EMPRESAS.**

**Senac**